

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado e CJA Edições.

Catalogação na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda - CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.53 (mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 53, out./dez.2017.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

ARTIGOS E ENSAIOS
A NOITE DOS MULTIPLICADORES - Diogenes da Cunha Lima 9
LETRA LÚDICA - LEITURA - Hildeberto Barbosa Filho11
MARCUS ACCIOLY - Vicente Serejo13
CHICO BUARQUE OU QUANDO A CANÇÃO EXPANDE
O CAMPO DO DIZÍVEL - Nelson Patriota15
TODOS OS SENTIDOS DE BELCHIOR - Thiago Gonzaga 28
DORIAN GRAY CALDAS - Francisco Fernandes Marinho 31
DE QUANDO A IGREJA CATÓLICA CENSUROU A LITE-
RATURA NO BRASIL - Francisco Martins
O EXPRESSIONISMO ABSTRATO ENQUANTO ARTE
CONTEMPORÂNEA - Alfredo Neves39
JOÁO LOSTAO NAVARO - UM MÁRTIR POUCO LEMBRA-
DO - Carlos Roberto de Miranda Gomes
JÂNIO: O LÍDER POPULISTA DE VOCAÇÃO AUTORITÁ-
RIA - João Batista Machado 54
MEU ENCONTRO COM AMARO CAVALCANTI - Leide Câmara 59
ENTREVISTAS COM PRÊMIOS NOBEL (1) - Antonio Nahud65
CONTOS E CRÔNICAS71
A VIA SACRA DE MANÉ PERNÉ - laperi Araujo
PELAS RUAS DE NATAL - Delfino Silva Neto
DANÇANDO COM SUZANA MARTINEZ - Damião Gomes 81
O SOL DE LONDRES - Mannel Onofre Ir 85

O CASARÃO DOS CASTRICIANOS - Valério Mesquita 88
PROVÉRBIOS PROVERBIAIS - Armando Negreiros91
DO NASCER E DO PÔR DO SOL - Cláudio Emerenciano 95
DORIAN GRAY NO CENTRO DE NATAL - Chumbo Pinheiro.98
PEMAS
TROVAR LEVE TROVAR - Jarbas Martins103
TRÊS POEMAS PARISIENSES - Lívio Oliveira108
VOCE É - Elder Heronildes111
DOIS LIVROS - Sônia Faustino
NECROLÓGIOS113
NESTOR LIMA - Jurandyr Navarro 115
PAULO BEZERRA - Eulália Duarte Barros124
AGRADECIMENTOS - Cassiano Bezerra136
MISSA DE TRIGÉSIMO DIA DO DOUTOR PAULO
BEZERRA (PAULO BALÁ) - Pe. João Medeiros Filho138
NOVOS ACADÊMICOS 143
SAUDAÇÃO AO ESCRITOR HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO PELO ESCRITOR VICENTE SEREJO145
DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO155
ROBERTO LIMA NO OLIMPO DA CULTURA - Iaperi Araujo 170
DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO ROBERTO LIMA DE SOUZA176
NOITE DOS MULTIPLICADORES - Gaudêncio Torquato203

ARTIGOS E ENSAIOS

A NOITE DOS MULTIPLICADORES

Diogenes da Cunha Lima

Há pessoas que nascem com a vocação para multiplicar. Multiplicam oportunidades, parceiros e amigos, emprego e renda, bens e serviços, conduzem pessoas e grupos ao bem-estar. Valorizam a competência e dedicação, utilizando em seus empreendimentos a meritocracia. São predestinados. As palavras chaves são compartilhar, bem-servir e promover inovação.

A deficiência ideológica e a inveja impedem o seu reconhecimento. Infelizmente, no Brasil, não há uma cultura da filantropia, do mecenato.

Caio Mecenas viveu há dois mil anos e assessorou o Imperador Augusto. Por sua ação, floresceram as artes e a literatura em Roma. Dentre os beneficiários, situam-se Virgílio, Horácio, Ovídio e Tito Lívio. O seu nome virou qualificação.

No Brasil, D. Pedro II foi um mecenas das ciências e das artes. Em nosso Rio Grande, são enaltecidos Alberto Maranhão, no setor público e Juvino Barreto, na iniciativa privada. Para orgulho nordestino, o empresário Ricardo Brennand constituiu, no Recife, com o seu nome, um Instituto simplesmente maravilhoso. Lá está um castelo, incluso em duzentos e cinquenta hectares de flora tropical. Obedece ao estilo Tudor, como se fora da antiga dinastia inglesa. Os equipamentos ocupam uma área de quase oitenta mil metros quadrados, abrigando museu de armas brancas, pinacoteca, nobres esculturas, além da biblioteca de obras-mestras. Na lagoa, maravilham cisnes heráldicos.

Em Minas Gerais, Bernardo Paz concebeu e concedeu um acervo, em paisagem idílica. Hoje, o Inhotim é considerado o maior centro de arte ao ar livre da América Latina.

A Academia Norte-rio-grandense de Letras, fiel à sua missão de aglutinar talentos dedicados a grandes causas do espírito humano, promoveu a Noite dos Multiplicadores. Na ocasião, foram homenageados três empresários benfeitores da Academia - Marcelo Alecrim, Flávio Rocha e Pedro Alcântara - e o empresário luisgomense, João Claudino. Eles são mecenas potiguares. Foram saudados por Gaudêncio Torquato, Sócio de Honra da Academia.

João Claudino saiu de Luís Gomes, no extremo oeste do Estado, fronteira com o Ceará e a Paraíba, sem esquecer o seu chão. Em sua cidade e na vizinha Uiraúna, criou e mantém duas fundações que promovem a cultura, a inclusão social e a ascensão coletiva. Um conjunto de cordas, formada por adolescentes de 12 a 18 anos, já se apresentou no Canadá e na Finlândia. A Revista de Cultura enalteceria qualquer capital.

Ser mecenas não é privilégio apenas de construtores de grandes obras. São também pessoas de pouco recurso, mas que fazem gestos motivadores da comunidade em artes, letras, ciência. São pequenos que pensam grande. Com simplicidade, investem em pessoas, privilegiam jovens talentos. Dão exemplo.

São pessoas dignas de distinção e de memória. Deixam legado.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de "Os Pássaros da Memória", "Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz" e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex--presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

LETTURALETTURA

Hildeberto Barbosa Filho

Costumo dizer a meus alunos que a leitura é uma viagem sem fim, uma aventura inesgotável; uma fuga, uma alienação, um mergulho, um êxtase... Atento também para o fato de que só se tem um texto quando se sai deste texto para outros com os quais o texto de partida dialoga direta ou indiretamente. Em outros termos: explícita ou implicitamente, na clareira móvel de suas páginas abertas.

Sendo uma tessitura, os textos se apropriam de fios alheios e os costuram dentro das camadas internas de suas malhas significativas, ao mesmo tempo em que fazem os sentidos girarem e se expandirem na ciranda circular e nos movimentos sinuosos da leitura. Quer pela concatenação das ideias, pelo esplendor insólito das imagens, pela musicalidade do ritmo, em se tratando de textos poéticos, quer pelo vigor racional dos argumentos, pela lógica persuasiva do pensamento, pela dialética dos conceitos, em se tratando de textos filosóficos, a leitura não pode parar, sob pena de destruir as raízes mesmas de sua ontologia singular e característica.

Ora, se Roland Barthes cita Michel Foucault, e se Michel Foucault cita Artur Schopenhauer, e se Artur Schopenhaeur cita Montaigne, numa cadeia sucessiva em que os problemas discutidos se espraiam em tonalidades diferentes, muito embora canalizados pelos apelos de alguma possível conexão semântica, não leio bem Roland Barthes, se somente leio Roland Barthes. Portanto, posso afirmar que a leitura, em princípio, opera dois movimentos: um, para dentro do texto; outro, para fora.

Ir para dentro do texto é lê-lo com postura analítica, com disposição exegética, tentando investigar seu tom e sua perspectiva a par de sua coesão e coerência íntima, material e significante, captando

os dispositivos subjacentes a sua retórica. Ir para dentro do texto é também descortinar o amplo horizonte de conhecimentos que, em sua arquitetura fraseológica, pode abrigar. E aqui não importa o gênero do texto, com as particularidades de suas ementas ideativas e formais.

Ir para fora do texto é confrontá-lo com os outros textos aos quais se refere e para os quais sinaliza em sua típica esfericidade e abertura significativas. Abertura que deflagra, penso eu, um percurso sem termo, um deslocamento sem condensações ou com condensações provisórias que, em seus mágicos interstícios, mais aquece a chama de novas leituras.

Ler é reler, é tresler, na tentativa de flagrar nas palavras o liame das coisas e o elo secreto que aproxima e une os objetos cindidos, as vivências conflitantes e as ideias desencontradas, no esforço humano, ou no humano prazer, de ordenar, na geometria da linguagem, o permanente caos de que se nutre o mistério da realidade. Por isto, a leitura é uma viagem sem fim, uma aventura inesgotável, e, como assinala Jorge Luís Borges, "uma forma de felicidade".

HILDEBERTO BARBOSA FILHO é escritor, crítico literário e poeta, membro da Academia Paraibana de Letras, autor de "O Galo da Torre", "Nem Morrer é Remédio" e outros livros.

MARCUS ACCIOLY

Vicente Serejo

Reclamo sempre da solidão dos obituários. Sei da glória de um deles, o obituário do New York Times, que acabou em livro - O Livro das Vidas, lançado no Brasil pela Companhia das Letras. É que lá, escrevê-los, é uma arte, enquanto que aqui, e apesar do esforço da Folha de S. Paulo, caiu numa certa banalidade noticiosa. Lá, até desconhecidos e quase desconhecidos viram personagens; aqui, mesmo aqueles que mereceriam louvor, acabam caídos nos adjetivos comuns.

Na edição de terça-feira, 24 de outubro, estava lá, no pequeno rodapé da página seis do caderno Cotidiano, da Folha, como sempre: Marcus Moraes Accioly (1943-2017) - Um poeta pernambucano que sabia das coisas. O título é simpático, mas não basta para retratar a obra de um intelectual do seu porte. Aliás, como é da vida, ele foi derrotado pela Academia Brasileira de Letras ao disputar uma vaga com o então vice-presidente Marco Maciel e seu livro de discursos.

Conheci Accioly numa mesa do agradável bistrô Chez George que ficava na Praça do Jacaré, em Olinda, levado por Pedro Vicente que viu aqui na estante vários dos seus livros e por isso articulou a viagem e o jantar. Comecei a conversa perguntando como era ser poeta no Recife de Carlos Pena Filho, Mauro Mota, Joaquim Cardoso, Ascenso Ferreira, Manuel Bandeira, João Cabral. Ele, bem humorado, atirou no olho: 'É tão difícil que alguns dias a vontade é de chorar'.

Jantamos bem, sem pressa e sem demora, entre fartas doses de uísque. Levei seu livro mais antigo - Poética - autografado para Oswaldo Lamartine em Natal, 1977, e foi como usar a chave mágica. Nasceu ali uma simpatia, até pelo bibliófilo que ele acumulava com o destino da poesia. Nisto o título da Folha é exato: sabia das coisas. Criador de cão de raça que levava nas caminhadas à tarde, ao longo da Av. Beira-Mar, Olinda, onde morava, à época, no número 2171.

Uma vez esteve, também a convite de Pedro Vicente, no Conselho Estadual de Cultura, ele que presidia o conselho pernambucano com esmero. Ali ele já vivia o prazer de um grande sonho que foi escrever seu longo poema Latinoamérica que consumiu, com os anexos e as notas indispensáveis, quase seiscentas páginas. Uma coedição Topbooks-Biblioteca Nacional. Para ele, uma luta com as palavras que ele ergueu como um inventário que só os grandes poetas realizam.

Na folha de rosto do seu Latinoamérica, escreveu o que, por si só, atesta o carinho de nossa convivência: - Vicente Serejo, amigo, receba, neste reencontro, além da alegria, amizade, de minha admiração, estes sóis e gelos da América, este possível inventário do continente. Este livro que é uma luta (vale o sentido duplo) de palavras! Marcus Accioly, Natal, 31.maio.2005. Seu coração parou aos 74 anos, manhã do dia 21, uma hora depois de pedir uma morte calma...

Crônica originalmente publicada no Novo Jornal, edição do dia 25 de outubro de 2017

VICENTE SEREJO é jornalista, escritor e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de "Cena Urbana", "Cartas da Redinha" e "Canção da Noite Lilás".

CHICO BUARQUE OU QUANDO A CANÇÃO EXPANDE O CAMPO DO DIZÍVEL

Nelson Patriota

A pequena editora carioca Paulo de Azevedo Ltda. lançou em novembro de 1966, através do selo Francisco Alves, aquela que possivelmente foi a primeira obra do novel compositor Chico Buarque de Holanda, intitulada "A Banda: manuscritos de Chico Buarque de Holanda". Nela estão reunidas as suas primeiras partituras, com ilustrações de Eduardo Vasconcelos, e, no final, um curioso conto intitulado "Ulisses – o primeiro passo para um caminho incerto", no dizer do compositor-futuro-literato. Na contracapa, a crônica consagradora do poeta Carlos Drummond de Andrade sobre a música "A banda", publicada no Correio da Manhã no dia 14 de outubro de 1966. O livreto reitera a validade dos fundamentos da crítica genética, especialmente quando afirma que os temas de um artista, de um escritor, revelam-se desde os seus primeiros trabalhos, excetuando-se o pecadilho de ter composto a equivocada "Marcha para um dia de Sol" que, felizmente, não conspurcou a harmonia das canções selecionadas para seu primeiro cancioneiro.

De fato, no texto manuscrito que abre o livro, à guisa de apresentação, Chico Buarque assinala no primeiro parágrafo:

> Correndo atrás da poesia, espero pelos meus 25 anos. Creio porém que por hoje, as "inconveniências da aurora" são superadas nos versos do samba pela espontaneidade da linguagem popular, que não tem idade. É essa linguagem que procuro roubar para exprimir uma visão objetiva, quase cinematográfica, do mundo que me cerca.

A enigmática alusão às "inconveniências da aurora" pode ser decodificada na leitura do contexto político da época, contra o qual o artista já se insurgia.

Vista em perspectiva, a obra musical de Chico Buarque parece confirmar os propósitos manifestados pelo jovem artista há mais de meio século. A apropriação da "linguagem popular" lhe permitiu exprimir-se com uma variedade de meios que, quer do ponto de vista qualitativo, quer do quantitativo, o colocam num degrau acima de qualquer outro artista de sua geração. Chico parece ter-se imbuído, desde cedo, da missão de refazer a natureza e a história do samba, injetando-lhe um sangue novo que corria, abundante, em suas veias. Encarando essa missão como a tarefa de sua vida, ele a executa com tamanho empenho que a extravasou para outras áreas, como o conto, a poesia, o romance, o teatro, a ópera etc. Mas aqui não é lugar para tratarmos dessas questões.

Era inevitável, então, que esse esforço incansável se revestisse de uma busca de igual natureza pelas mais diversas formas musicais, refazendo formas consabidas da canção popular e criando outras. O ciclo de canções em registro feminino é apenas um entre outros que incluem motivos líricos, eróticos, históricos, lúdicos, humorísticos, e que mais recentemente trouxe para dentro do seu cancioneiro a questão de gênero, com a música "Blues pra Bia", quando diz: ([...] "No coração de Bia / meninos não têm lugar / porém nada me amofina / Eu posso virar menina / pra ela me namorar"). Convém observar, todavia, que o amor entre duas mulheres, na canção "Anos Dourados" (Chico e Tom), já inovava nesse terreno.

Canções de maldizer também se multiplicam nesse cancioneiro que não cessa de se renovar e que, às vezes, se compraz em revisitar temas explorados em discos passados. A canção "Desaforos", do disco "Caravanas", diz, a certa altura: "Alguém me disse / que tu não me queres / e que até proferes desaforos / pro meu lado. / Fico admirado por incomodar-te assim / Jamais pensei que pensasses em mim [...] Serei o primeiro a duvidar / que em horas vagas / os teus lábios delicados / roguem pragas por aí". Note-se que "Desaforos" faz eco à canção "Injuriado" ("Dinheiro não lhe emprestei / favores nunca lhe fiz / não alimentei o seu gênio ruim / você nada está me devendo / por isso meu bem não entendo / por que anda agora falando de mim").

Uma categoria à parte na vasta obra musical buarquiana diz respeito ao fenômeno dos sonhos e afins. Na abertura da canção "Circo místico" (parceria com Edu Lobo), Chico escreve: "Não sei se é um truque banal / se um invisível cordão sustenta a vida real [...] Qual / não sei se é nova ilusão / se após o salto mortal / existe outra encarnação"). Fabulações mais próprias ao mundo onírico, esses versos se prestam bem a abrir um preâmbulo ao papel do sonho na canção de Chico. Por que, vendo (descrevendo=descrever o que se vê"), Chico parece oscilar entre a realidade mais comezinha e o sonho mais inusitado. Lembre-se, porém, que Chico já explorava esse tema no conto "Ulisses" (1966), no qual, diferentemente do herói homérico, o seu não viveu as narrativas constantes da *Odisseia*; apenas sonhou-as.

Um bom começo para adentrar os sonhos buarquianos é a canção "Outros sonhos" (2006), onde o sonho é justamente a contraface do real. Desta vez, porém, Chico revela (coisa rara) a fonte de sua inspiração. Trata-se de um verso anônimo espanhol que diz: "Soñé que el fuego helaba / soñé que la nieva ardía / y por soñar lo imposible / soñé que tú me querias".

Desse poeta anônimo, Chico aproveitou os dois primeiros versos, a princípio, reservando o segundo dístico ao final da canção, que seria gravada por sua irmã Miúcha. Escreve Chico na primeira estrofe:

Sonhei que o fogo gelou Sonhei que a neve fervia Sonhei que ela corava Quando me via Sonhei que ao meio-dia Havia intenso luar

E o povo se embevecia Se empetecava João Se emperiquitava Maria Doentes do coração Dançavam na enfermaria E a beleza não fenecia.

Só na terceira estrofe da canção Chico recupera o refrão que, derrisório, revela a real natureza desse sonho: "e por sonhar o impossível, ai / sonhei que tu me querias". Não podemos deixar de lembrar uns versos da segunda estrofe, exemplares da capacidade que tem o vate carioca de surpreender em duas ou três frases, mestre do paradoxo que é: "[...] E me jurava o diabo / que Deus existia // de mão em mão o ladrão / relógios distribuía / e a polícia já não batia". A propósito dos paradoxos de Chico, que merecem todo um estudo à parte, lembremos uns versos de "Mil perdões", que dizem: "Te perdoo porque choras / quando eu choro de rir / te perdoo por te trair". Ou este outro, de "Sonhos sonhos são": "Aeromoça nervosa pede calma"; ou estoutro, de "Acorda amor": "[...] Era a dura / numa muito escura viatura / minha nossa santa criatura / chame, chame, me chame lá / chame o ladrão / chame o ladrão". Os exemplos prosseguem com toda a letra de "Bom conselho", especialmente no verso "Eu semeio vento / na minha cidade / vou pra rua e bebo / a tempestade".

Na canção "Sonhos sonhos são" (repetindo verso famoso de Lope de Vega), Chico já havia tematizado outro sonho impossível, como diz o desfecho da canção:

Sei que é sonho Não porque da varanda atiro pérolas E a legião de famintos se engalfinha Não porque voa nosso jato Roçando catedrais Mas porque na verdade não me queres mais Aliás, nunca na vida foste minha.

Outras três canções de Chico remetem ao tema onírico. Trata-se de "Não sonho mais" que, a rigor, descreve um "sonho medonho", ou seja, um pesadelo, com detalhes impressionistas, e a já comentada "Chame o ladrão", que narra um pesadelo em curso. A terceira canção, "A moça do sonho", se distingue por revestir-se desde os seus primeiros versos de uma atmosfera mágica, fosforescente, nebulosa, a mais fiel possível à natureza dos sonhos, quer pela relação do sonhador com sua amada evanescente, quer pelo entorno: rosto que se desfaz em pó, escadas que fogem dos pés, relógios que andam para trás, enfim, tudo que remete ao simbolismo de um mundo que se apreende a custo e fugazmente. Essa obra tem, entre seus intérpretes, Edu Lobo e Maria Bethania e, agora em "Caravanas", o próprio Chico Buarque. Eis a letra de "A moça do sonho":

Súbito me encantou A moça em contraluz Arrisquei perguntar: 'Quem és?'. Mas fraquejou a voz Sem jeito eu lhe pegava a mão Como quem desatasse um nó Soprei seu rosto sem pensar E o rosto se desfez em pó.

Por encanto voltou Cantando à meia-voz Súbito perguntei: quem és? Mas oscilou a luz Fugia devagar de mim E quando a segurei gemeu O seu vestido se partiu E o rosto já não era o seu.

Há de haver algum lugar Um confuso casarão Onde os sonhos serão reais E a vida não Por ali reinaria meu bem Com seus risos, seus ais, sua tez E uma cama onde à noite sonhasse Comigo talvez.

Um lugar há de existir Uma espécie de bazar Onde os sonhos extraviados Vão parar Entre escadas que fogem dos pés E relógios que rodam pra trás Se eu pudesse encontrar meu amor Não voltava jamais.

Mas os sonhos não esgotam o repertório de recursos imagéticos de Chico Buarque, sua veia cinematográfica, como ele disse lá atrás, em 1966. Mesmo diante da realidade mais rasteira, mais trivial, ele detecta visões que parecem ganhar corpo e ocupar o espaço do real, como se trocassem de lugar entre si. Dentre os vários exemplos desse fenômeno, vale comparar, pela semelhança de situações, as canções "Estação derradeira" e "As caravanas", onde imagens escatológicas se sucedem em desvario tal que realidade e fantasmagoria se confundem na geografia/demografia carioca. A primeira, diz: [...] "São Sebastião crivado / nublai minha visão / na noite da grande fogueira desvairada [...] Rio do lado sem beira / Cidadãos inteiramente loucos / com carradas de razão [...]". Frente a esse cenário de fogo e folia, só resta ao poeta o consolo da sua escola de coração: "Quero ver a Mangueira / Derradeira estação / Quero ouvir sua batucada, ai". Não é à toa a menção a "derradeira estação", como se esse fosse o último recurso de lucidez no meio do caos acachapante do entorno...

"As caravanas", música do disco "Caravanas", acrescenta novos detalhes ao desvario geral da vida contemporânea, a partir da descrição que faz de caravanas que desembarcam em Copacabana, vindas do Arará, do Caxangá, da Chatuba... [...] "Não há barreira que retenha esses estranhos / suburbanos tipo muçulmanos do Jacarezinho, a caminho do Jardim de Alá [...]". Entre referências aos genitais (enormes) desses novos "bárbaros" e evocações dos navios negreiros, o vate se desvencilha do confuso cenário admitindo que tudo pode não passar de um delírio provocado pelo sol... E, outra vez, deparamos os apetrechos do sonho/pesadelo em mais uma imprevista canção.

Não seria demais afirmar que Chico dispõe de recursos próprios suscetíveis a atender as suas necessidades criativas em qualquer das seis décadas (até aqui) de atividade musical, animado por um impulso irrefreável em busca de novas formas de expressão musical. Veja-se, a título singular, a mudança de Sol maior para Sol sustenido maior que ocorre do segundo para o terceiro compasso da canção "Morena dos olhos d'água", reorientando todo o processo da canção de uma forma inteiramente imprevista. Com isso, uma canção que prometia ser apenas mais uma toada à Caymmi, isto é, aquilo que a musicologia alemã consagrou com a expressão Ohrwurm Musik -(canção que "gruda" na mente, tocando sem cessar, por um longo tempo, sem que a pessoa nada possa fazer para silenciá-la) – enverada por uma trilha recheada de surpresas melódicas de profundidade desafiadora e de difícil reprodução voluntária. A profundidade (ou "inteligência") melódica de Chico é ressaltada por alguns musicólogos como uma das marcas que melhor o distinguem, e pode ser facilmente observável em canções como "Nina", "As vitrines", "Morro Dois Irmãos", "A mais bonita" "Se eu soubesse" e tantas outras. Ver, a propósito, a obra "O Cancionista: composição de canções no Brasil" (Edusp, 2017), de Luiz Tatit.

Somado à profundidade, o volume do repertório buarquiano se converteu, com o tempo, num duplo desafio para os musicólogos que o abordam. Mesmo um experiente musicólogo, como o carioca Almir Chediak, divulgador do projeto dos cancioneiros pessoais dos grandes nomes da nossa música popular, que ele denominou de "songbook", não escapou ileso dessa tarefa. Ao organizar o *Songbook* Chico Buarque (Limiar Editora, 1999), composto de quatro volumes enfeixando 222 canções do músico carioca, Chediak "esnobou" todo um disco reunindo parcerias de Chico Buarque e Edu Lobo. De fato, nenhuma canção do álbum "Cambaio" (2001) consta do Songbook Chico Buarque, apesar de o disco conter canções tão ou mais representativas do talento desses dois músicos extraordinários. Questionado, Chediak só poderia responder com uma desculpa deslavada, do tipo: "faltou espaço nos quatro volumes do songbook". Talvez lhe parecesse arriscado demais lançar cinco volumes de canções de um artista brasileiro, mesmo que esse artista fosse Chico Buarque...

Mas o próprio Chico se encarregou de reparar esse erro, incluindo no disco "Caravanas", recém-lançado, a canção "A moça do sonho", que, em "Cambaio", é cantada apenas por Edu Lobo. Não se trata de uma canção menor. Aliás, em se tratando de Chico Buarque, é difícil se falar de "canções menores". É, pelo contrário, uma canção que representa, sob medida, o fino equilíbrio melódico de Edu Lobo, namorando de perto as harmonias clássicas para traduzi-las ao gosto da canção popular, com letras que são Chico Buarque em seus habituais momentos poéticos, embora ele insista em se dizer apenas letrista. Esta, porém, é uma questão datada, que já foi suficientemente desenvolvida por Antonio Cicero em "A poesia e a crítica" (Cia. das Letras, 2017). O fato de Bob Dylan ter ganhado o Nobel de Literatura em 2016, só reforça a ideia de que letra de música equivale, quando bem escrita, a poesia. Nesse caso, Chico Buarque poderia ter dividido aquele prêmio.

As letras de Chico Buarque se sobressaem por uma sucessão de metáforas, aliterações e outras figuras de linguagem que fazem a glória dos poetas. Quando diz, em "A moça do sonho": "Deve haver algum lugar / um confuso casarão / onde os sonhos serão reais / e a vida não"; ou quando descreve "escadas que fogem dos pés / relógios que rodam pra trás", trata com originalidade temas caros à poesia. Poder-se-ia mesmo arriscar que Chico persegue a poesia desde as primeiras canções suburbanas que escreveu, como "Januária", "Benvinda", "Ela e sua janela" e tantas outras que fez sozinho ou em parceria com Tom Jobim, Edu Lobo, Vinicius de Moraes, Gilberto Gil, Djavan, Caetano Veloso, Fagner, Guinga, João Bosco, Milton Nascimento, Carlos Lyra, Toquinho, Ivan Lins, Carlinhos Vergueiro, Miltinho do PMB4, Wilson das Neves, Dominguinhos, Sivuca, Hermínio Bello de Carvalho, João Donato, Francis Hime, Luiz Cláudio Ramos, José Miguel Wisnik, Ruy Guerra, Roberto Menescal, Jorge Hélder, Vinícius Cantuária, o neto Chico Brown e, last, but not least, o poeta João Cabral de Melo Neto, no comecinho da carreira de Chico, quando musicou o poema "Funeral de um lavrador", do poeta pernambucano.

A propósito, em enquete feita entre poetas e intelectuais, o jornal Folha de S. Paulo quis saber, em 27 de agosto passado, quais as três melhores canções de Chico Buarque. O resultado mostrou quão segmentado está o público do artista, seja optando pelo nicho das canções "políticas" ("Cálice" (com Gilberto Gil), "Apesar de você", "Pedro pedreiro", "Quando o carnaval chegar") e outras de fases posteriores ou anteriores àquela, os quarenta entrevistados se decidiram por "Construção", "O que será (A flor da terra)" e "As vitrines". É factível que outros entrevistados cheguem a resultados inteiramente diferentes da tríade escolhida, por uma razão bem simples: a possibilidade de escolha e'de tal ordem que permite inúmeras combinações diferentes.

Quando essa tarefa é assumida por seus intérpretes estrangeiros, como os portugueses António Azambujo, Carminho e Eugénia de Melo e Castro, por exemplo, o mosaico de tons, ritmos e gêneros se matiza ainda mais. Um bom exemplo disso é o álbum "Até pensei que fosse minha" (Som livre, 2016), em que Azambujo interpreta 16 canções de Chico de variadas épocas.

Diante de um panorama de tamanha diversidade, faz pouco sentido tentar eleger uma canção preferencial. Ou três, como propôs a Folha. Em todas as fases de sua obra abundam canções que dizem coisas poética e musicalmente relevantes.

Pense-se, por exemplo, nos versos finais de "Valsa brasileira": "E pela porta de trás / da casa vazia / eu ingressaria / e te veria / confusa por me ver / chegando assim / mil dias antes de te conhecer". Trata-se de uma imagem poderosamente poética; de fato, só possível num sonho. E mais: num sonho que é descrito enquanto acontece.

Não seria arriscado afirmar que, diante da profusão de imagens, metáforas e alegorias que espalhou ao longo de mais de meio milhar de canções, Chico Buarque é também o artista contemporâneo que mais vem contribuindo para o enriquecimento do imaginário brasileiro e dos seus recursos expressivos. A geração que cresceu ao embalo de suas canções sabe a riqueza de metáforas, a variedade de parâmetros, a diversidade de padrões linguísticos que Chico Buarque colocou à disposição da memória espontânea de seu público. Sua Geni; suas anônimas mulheres, indóceis e atemporais, por trás das canções "Sob medida", "Olhos nos olhos", "Sem fantasia", "Folhetim", "Mulheres de Atenas"; a denúncia explícita do "malandro regular, profissional" (em "Homenagem ao malandro") e o elogio do barão genuíno, aquele que é "o barão da ralé e que "anda assim de viés"; a crítica social cortante das canções "O meu guri", "Brejo da Cruz", "Sinhá", "Apesar de você", "Ode aos ratos" ou mesmo um par de versos de "Cálice" - "talvez o mundo não seja pequeno / nem seja a vida um fato consumado / quero inventar o meu próprio pecado / quero morrer do meu próprio veneno", ou de "Futuros amantes": "Não se afobe não / que nada é pra já / / o amor não tem pressa / ele pode esperar...".

Trata-se de um repertório de imagens de tal variedade que cada aficionado de Chico será capaz de fazer escolhas ao seu gosto, únicas, próprias. Com a vantagem de que disporá de tantas quanto necessite, quase sempre claras, confiáveis e plausíveis.

E que Chico parece estar sempre em busca da fórmula da canção perfeita, por mais que tenha feito canções mais que perfeitas... E quem duvida que não a encontrará? A canção perfeita é simplesmente aquela que ele está prestes a fazer.

Nada disso, porém, isenta o artista do assédio das polêmicas que, nos últimos anos, parecem persegui-lo com certa regularidade, seja por razões ideológicas ou estéticas. Ainda repercute a polêmica desencadeada com a divulgação antecipada de "A tua cantiga", do álbum "As Caravelas", tachada de machista, entre outras "gentilezas", devido ao verso: "quando teu coração suplicar / ou teu capricho exigir / largo mulher e filhos / e de joelhos vou te seguir". Em nossa modestíssima opinião, a questão renderia no máximo uma crítica de ordem estética, nunca moral, por se circunscrever ao eu lírico do poeta, não a sua própria pessoa. Mesmo quando parece fazê-lo em tom confessional, como nos versos finais: "Quando o nosso tempo passar / quando eu não estiver mais aqui / lembra-te, minha nega, / desta cantiga que fiz pra ti". Há aí certa verossimilhança com a condição do compositor, setentão, e sua musa jovem, solitária e caprichosa. Não mais que isso. Não obstante, a polêmica surda em torno do tom supostamente machista da música dificultou uma apreciação isenta da letra. De fato, a cantiga é bem mais sutil, polissêmica e cromática do que foi julgada a princípio. Basta lembrar que os versos:

Mas teu amante sempre serei mais do que hoje sou ou estas rimas não escrevi nem ninguém nunca amou.

parafraseiam o fecho do famoso Soneto CXVI, de Shakespeare, que reproduzimos aqui na tradução de Oscar Mendes (Editora Aguilar, 1988):

E se puderem provar que estou enganado, Eu jamais escrevi, ninguém jamais amou.

A paráfrase buarquiana é capaz de redimir a letra de "A tua cantiga"? Pelo fato de ser uma obra por demais recente, convém deixá-la maturar no ouvido e na mente, como uma *Ohrwurm Musik*, e reexaminá-la mais tarde. Quando muito, nos surpreenderíamos exclamando: "Poxa, Chico também é capaz de cometer um deslize!". E talvez lembrássemos do modo "rude" como ele se refere à musa, na canção "Choro bandido" (Chico/Edu): "Mesmo porque estou falando grego / com sua imaginação [...]". Não seria diminuir a musa denegrir sua imaginação, diferentemente dos poetas e dos cegos, "que podem ver na escuridão"?

O último verso de "Choro bandido" se encarrega de esclarecer todo esse imbróglio:

Mesmo que os romances sejam falsos como o nosso São bonitas, não importa São bonitas as canções Mesmo sendo errados os amantes Seus amores serão bons.

Mesmo uma musa tonta (note-se que "tonta" é uma das características das musas buarquianas), mesmo errados os amantes, mesmo miseráveis os poetas, o amor e a poesia são capazes de redimi-los, justificá-los. Há um princípio filosófico por trás dessa afirmativa, que combina com o Romantismo: embora a vida seja má, a arte é boa; Deus morreu (Nietzsche), mas a arte redime.

Sem lugar para a transcendência, no mundo de Chico Buarque evoca-se o amor de Deus como senha para barganhar o amor humano, sua máxima recompensa. A canção "Sobre todas as coisas" é significativa, nesse aspecto, desde o seu primeiro verso: "Pelo amor de Deus / Não vê que isso é pecado / desprezar quem lhe quer bem / Não vê que Deus até fica zangado / vendo alguém / Abandonado pelo amor de Deus".

Chico está sempre expandindo a fronteira do dizível com suas canções. Os exemplos como que se atropelam uns aos outros: "Prometo te querer / até o amor cair / doente, doente" ("Todo o sentimento"); "Morena dos olhos d'água / Tira os seus olhos do mar / vem ver que

a vida ainda vale / o sorriso que eu tenho / pra te dar" ("Morena dos olhos d'água"); "Hoje o samba saiu / Procurando você / Quem não a conhece não pode mais ver pra crer / quem jamais a esquece / não pode reconhecer" ("Quem te viu, quem te vê"); "Pai, afasta de mim esse cálice / pai, afasta de mim esse cálice / pai, afasta de mim esse cálice / de vinho tinto de sangue" ("Cálice"", parceria com Milton Nascimento); "[...] Eu bato o portão sem fazer alarde / eu levo a carteira de identidade / uma saideira, muita saudade / e a leve impressão de que já vou tarde" ("Trocando em miúdos", com Francis Hime); "Quem me vê, vê nem bagaço / do que viu quem me enfrentou / campeão do mundo / em queda de braço / vida veio e me levou" ("O velho Francisco"). "Rodava as horas pra trás / roubava um pouquinho / e ajeitava o meu caminho pra encostar no teu" ("Valsa brasileira").

Diante de tantas músicas, que não cessam de dizer coisas, como se coubesse às canções a tarefa de explicar todos os segredos e calar todos os mistérios, o maestro Paulo Jobim se pergunta: "De onde vêm tantas canções?". Mas é só uma pergunta retórica, porque ele não espera que nem mesmo o próprio Chico ouse quebrar um segredo que lhe escapa (ver "Cancioneiro Songbook Chico Buarque: 1980-2008" – Jobim Music: Instituto Antonio Carlos Jobim, 2008).

O que dirão as próximas canções de Chico? Esta é seguramente uma preocupação menor, haja vista que sua obra está aí, repleta de mil versos inspirados, alguns excepcionais, pouquíssimos negligentes; versos que são no mínimo desafiadores, mas que ainda não aprendemos a ouvi-los bem. Nesse caso, a falta é nossa, não do artista.

Por isso, em sua canção "Paratodos", Chico fez um balanço de sua carreira como "artista brasileiro" que já viu "inferno e maravilhas", e, depois de celebrar o caráter terapêutico do trabalho dos mestres do passado, convoca os novos à maneira clássica: "Evoé, jovens à vista". Que venham!

NELSON PATRIOTA é escritor, crítico literário e poeta, autor de Uns Potiguares, Tribulações de um Homem Chamado Silêncio e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

TODOS OS SENTIDOS DE BELCHIOR

Thiago Gonzaga

Um dos maiores letristas da canção brasileira, Belchior sempre dialogou com a música e a literatura através da intertextualidade: José de Alencar, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Edgar Allan Poe, além de Bob Dylan e The Beatles, são alguns dos que ele notoriamente parafraseou em seu versos.

Compositor refinado, conhecedor de literatura e língua latina, Belchior usava as suas palavras como instrumento de militância a despertar consciências. Interessante observar os muitos diálogos que ele manteve com outros textos literários e canções. Sua importância está, de modo especial, na profundidade intelectual da obra.

Talvez, um dos diálogos mais evidentes de Belchior tenha sido em "Comentários a Respeito de John", parceria com o potiguar José Luiz Penna, explícito nos versos "A felicidade é uma arma quente", do clássico "Happiness is warm gun", do LP The Beatles ou "Álbum Branco" de 1968. No início da canção: "Saia do meu caminho, eu prefiro andar sozinho/Deixem que eu decido a minha vida/Não preciso que me digam, de que lado nasce o sol/porque bate lá o meu coração". Clara alusão ao fim da banda inglesa, e ao desejo de Lennon de seguir carreira solo e de reencontrar Yoko Ono.

Em "Medo de Avião", o poeta cearense além de sugerir o medo de ser exilado, em época de ditadura, fez clara referência à banda britânica nos versos "I wanna hold your hand". Na letra de "Velha Roupa Colorida", temos "Like a Rolling Stone", de Dylan, e nova alusão aos Beatles com "She's leaving home", além do "Corvo" de um ícone da literatura, Edgar Allan Poe.

Em "Pequeno Mapa do Tempo" temos referência a antiga canção folclórica popular ao tempo da colonização do Piauí, ("Meu boi morreu/ o que será de mim?") ,além de crítica indireta ao regime militar. Começa com "eu tenho medo e medo está por fora", e segue com "eu tenho medo que chegue a hora em que eu precise entrar no avião", alusão ao exílio.

Em "Como Nossos Pais" enxergamos "Na parede da memória/Essa lembrança/É o quadro que dói mais", alusão a Carlos Drummond de Andrade, e em "A Palo Seco", a João Cabral de Melo Neto. Em "Tudo Outra Vez", "a normalista linda" remete ao samba de Benedito Lacerda e David Nasser, cantado por Nelson Gonçalves, e à valsa "Danúbio Azul" composta por Johann Strauss II. Em "Conheço o Meu Lugar", há referências a García Lorca e a Fernando Pessoa; em "Apenas um Rapaz Latino- Americano", "tudo é divino, tudo é maravilhoso" lembra Caetano Veloso. Caetano por sinal também é citado em "Coração Selvagem", nos versos "Meu bem que outros cantores chamam Baby" (reporta-se à canção "Baby", de Veloso).

Em "Divina Comédia Humana", alusão a Dante e ao poeta parnasiano Olavo Bilac, nos versos "Ora direis, ouvir estrelas/certo perdeste o senso/Eu vos direi, no entanto"... Em "Arte Final" alude a Hemingway: ("Não perguntes por quem os sinos dobram"), além de dar pista da sua vida desprendida: "Alguém se atreve a ir comigo/ Além do shopping center?". Como ele já tinha feito em "Coração Selvagem": "Meu bem, vem viver comigo, vem correr perigo, vem morrer comigo". Outro sucesso de Belchior, "Alucinação" cita clássico filme de Stanley Kubrick: "Longe o profeta do terror/Que a laranja mecânica anuncia".

São inúmeras menções às artes de modo geral em suas canções. Poderíamos citar ainda referências dele a Álvares de Azevedo, "Lira dos Vinte Anos"; Erasmo de Roterdam, "Elogio da Loucura"; Camilo Castelo Branco, "Amor de Perdição"; e Rimbaud na canção "Os Profissionais", a Balzac ("A Comédia Humana"), a Baudelaire na canção "Vicio Elegante", a Afonso Arinos com "Retórica Sentimental", a Euclides da Cunha, Zé Dantas e Luiz Gonzaga em "Noticias de terra civilizada", entre vários outros, como Lord Byron, Castro Alves, Shakespeare, William Blake....

Uma das mais inteligentes críticas à censura imposta pela ditadura militar está em "Apenas um Rapaz Latino-americano" (1976): "Não me peça que eu lhe faça/Uma canção como se deve/ Correta, branca, suave/Muito limpa, muito leve/Sons, palavras, são navalhas/E eu não posso cantar como convém/Sem querer ferir ninguém..."

Entre seus grandes discos da sua fase áurea estão "Alucinação" (1976), "Coração Selvagem" (1977), "Todos os Sentidos" (1978)," Era uma Vez um Homem e Seu Tempo" (1979) e "Objeto Direto" (1980). Esses são apenas alguns dos LPs mais conhecidos de Belchior, que deixou vasta obra.

As letras de Belchior não devem ser apenas escutadas e aplaudidas, devem ser objeto de reflexão e estudo, inclusive em todas as escolas do País como uma das maiores expressões poéticas da MPB. Fica evidente que Belchior abriu mão do show business da música comercial, para investir em uma obra poética duradoura e com força crítica, o que o afastou da mídia.

Por esses e outros motivos é que a obra do cantor e compositor cearense será eternizada.

THIAGO GONZAGA é pesquisador e escritor. Autor de Presença do Negro na Literatura Potiguar, Impressões Digitais- Escritores Potiguares Contemporâneos. (3 vols.) e outros livros.

DORIAN GRAY CALDAS

Francisco Fernandes Marinho

Filho de Elói Caldas e Nympha Rabelo Caldas, nasceu na Cidade do Natal, RN, no dia 16.02.1930; estudou no Colégio 7 de Setembro, em Natal; exerceu o jornalismo, 1957/58, e publicou trabalhos no jornal A República, O Poti, Tribuna do Norte e na Revista Cactus; Professor do Atheneu Norte-rio-grandense, 1958/59; Diretor do Serviço de Cultura do Estado do Rio Grande do Norte, 1962; Membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte - CEC, 1967/73 e 2008/2013; Diretor do Teatro Alberto Maranhão, 1967/68; Assessor Cultural da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Norte, 1967/68; Diretor da Galeria L'Atelier, 1967/68; da Escolinha de Arte Infantil, 1967/78; Assessor Cultural da Fundação José Augusto, 1969/74; participou do curso de Cerâmica, com o Professor Tanaka, RJ, 1955; Cultura Popular, com Luís da Câmara Cascudo, 1966; Arte, e História e Crítica da Arte, com Clarival do Prado Valladares; Interpretação da Pintura Moderna, com Carlos Cavalcanti, e A Moderna Cultura Brasileira, com Jomar Muniz de Brito, 1967; esculpiu o Monumento às Mães, técnica em cimento patinado, Natal, 1960; Monumento à Amizade, em ferro, na Praça do Rotary, Natal, 1961; Monumento à Abolição, ferro e cobre, na Praça da Liberdade, Mossoró; entre seus murais e painéis destacam-se Édipo, Rei, e Jovem Pastor, nas dimensões de 3x2,80m, no Teatro Alberto Maranhão, 1960; Economias do Rio Grande do Norte, com 6x2,50m, no Salão Nobre do Departamento de Estradas de Rodagem - DER, Natal, e Motivos Folclóricos, 13x8m, no Salão Nobre, 1966, e A Ceia Larga, com 3x2,80m, 1967, no Refeitório da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte - ETFRN; Marinha, 2,80x1,80m, na Sala Especial da COSERN; A Escola e o Mundo, com 5x1,80m, no Instituto Padre Miguelinho; murais em tapeçaria: Bumba-Meu-Boi, 4x2,50m, na Sala de Reuniões do SENAC, Natal; e outro no SERPRO, Recife, PE; painéis em tapeçaria: Florais, 8x1,20m, no Hotel Tambaú, João Pessoa, PB, e Mangal, 5x2,50m, no Banco do Nordeste do Brasil; recriou a Estrela do Mar, estatueta do Festival de Cinema de Natal; algumas obras integram as coleções particulares de Emílio Garrastazu Médici, Presidente da República do Brasil; Jarbas Gonçalves Passarinho, Ministro de Estado; em Natal, expôs no Salão de Arte Moderna, no Casarão da Cruz Vermelha, com Newton Navarro e Ivon Rodrigues, 1950; Exposição de Pinturas, 1952; Marinhas, 1955; Cerâmica, Pintura e Escultura, na Loja Maçônica 21 de Março, 1956; Cerâmica, Pintura e Escultura, no Auditório da Sociedade Brasil - Estados Unidos; Coletiva, no Salão Permanente de Arte do Rio Grande do Norte e no Salão de Artes Plásticas, 1958; Pintura, no Salão Nobre do Palácio do Governo, 1964; Coletiva, em 1967, na Galeria Berro d'Água, RJ; e Individual, em 1967, na Galeria Sobrado 7, em Olinda, PE; Pintura - 1968, no Golden Room do Hotel Internacional dos Reis Magos, Natal; Gravura - 1969, na Universidade Federal da Paraíba; Individual, na Azulão Galeria, SP, 1968; três exposições no Hotel Nacional de Brasília; no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco, 1969; Tapeçaria, Biblioteca Câmara Cascudo, 1970; Ideal Club de Fortaleza, CE, 1971; Inter-American Developement Bank, Washington, D.C.; Pintura e Tapeçaria, na Universidade Federal da Paraíba; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1973; Retrospectiva, em Natal; e no Festival de Areia, na cidade de Areia, PB; e Galeria do Hotel Nacional Mezanino; O Rio Grande do Norte, visto por seus artistas plásticos, na Galeria CONVIV'ART/UFRN, 1985; Pintores Norte-rio-grandenses, na Academia Brasileira de Letras, RJ, 1987; Salon Internacional de Revin, França: 20ème, 2ème Prix Artistique, óleo, 1992; 21ème, 2ème Prix Artistique, Tapisserie, 1993; 23ème, Le Prix Artistique, Tapisserie, 1995; Grand Prix de Belgique, Médaille d'or avec 81%, Charleroi, 13 de dezembro de 1997; participou, como Parrain du Salon, do 31º Salon International 2003, du Parc Maurice Rocheteau; e Artistas Norte-rio-grandenses no Acervo da FIERN, 2003; Arte Indígena, no Atelier Dorian Gray, 2004; em 2000, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Academia Norte-rio-grandense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Atelier Dorian Gray e Solar Bela Vista comemoraram as exposições DORIAN GRAY:

50 anos de Artes; as décadas de 70 e 80 marcaram a fase da tapeçaria, onde Dorian realizou melhor a sua vocação na Arte Mural e a década de 80 ofereceu um maior equilíbrio entre as artes, como a pintura, a própria tapeçaria e a poesia, sendo considerado um dos maiores poetas do Rio Grande do Norte; o seu primeiro mural, já destruído, se encontrava no edifício da Rádio Nordeste, com cerca de 50 metros e o mais recente é o mural do novo Aeroporto Internacional Augusto Severo, com temática folclórica em homenagem ao historiador Luís da Câmara Cascudo; um dos pioneiros da arte moderna no Estado e considerado o mais completo artista potiguar, motivado por sua própria vocação, por seus pais e por seu tio, o pintor e retratista Moura Rabelo, já produziu mais de 10 mil obras em pinturas a óleo, gravuras, bicos-de-pena, desenhos, painéis, tapeçarias e esculturas; afirmou o Professor Veríssimo de Melo, em "Beatos": Louvo o texto de Dorian Grey, pelo seu realismo humano e pungente. É pesquisa e recriação. E Arte, sobretudo. Arte da palavra medida e pesada no sentimento do artista, que vislumbra mais além da pura aparência dos fatos; em 2001, Gosson Produções e a Livraria AS Book Shop apresentaram o Sarau - Poéticas Potiguares: Dorian Gray Caldas em Cantar de Amigos; recebeu o 3º Prêmio de Pintura, no concurso Artistas Plásticos do Nordeste, Recife, 1972; Grande Prêmio de Pintura, Bruxelas, Bélgica, 1998; o Prêmio Portinari da União Brasileira de Escritores - UBE/RJ, 2004; a Medalha do Mérito Câmara Cascudo, da Assembleia Legislativa do RN; e o Título de Doutor Honoris Causa, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, 2008; Membro do Corpo de Jurados do I Salão Natal-Marinhas, promovido pelo Comando do 3º Distrito Natal, alusivo à Batalha Naval do Riachuelo, 2002; da Academia Norte-rio-grandense de Letras; da Academia Nordestina de Letras, Ciências e Artes; Belas Artes do Rio de Janeiro; Letras e Artes do Nordeste do Brasil; Trovas do Rio Grande do Norte; Letras de Mossoró; Sócio Correspondente da Sociedade Brasileira de Belas Artes, 1991; e Efetivo do IHGRN, eleito no dia 31.03.1987, tomou posse no dia 29.03.1988.

Bibliografia: Os Instrumentos dos Sonhos (poesia), 1961; Presença e Poesia, 1964; Bambelô (gravuras), 1965; Campo Memória (poesia), 1966; Álbuns (gravuras), 1967; Gravuras nº (2) e nº 3, 1970; Gravuras nº 4; e Congos (gravuras), 1972; Auto da Cidade do

Natal (desenhos), 1973; Os Signos & seu Ângulo de Pedra (poesia), 1976; Árvore, fruto, folha e flor (álbum-pintura), 1980; Lendas do Rio Grande do Norte, 1981; Feiras e Feirantes; e Beatos Fanáticos, 1982; Padre Miguelinho: Vida e Morte (desenho e texto), 1984; Artes Plásticas do Rio Grande do Norte - 1920/1989, 1989; Geografia do Medo (gravura e texto), 2001; Almino Afonso: o poeta e outros depoimentos; e O Traço, a Cor e o Mito, 1993; Cantar de Amigos; A Presença das Artes Plásticas no SESC - SENAC e Federação do Comércio do Rio Grande do Norte; e Encantados: Lendas e Mitos do Brasil, I, 1995; Memória Viva de Dorian Gray Caldas, Newton Bilro Navarro e Leopoldo Nelson (coletânea), 1998; Poemas: Luiz Rabelo [Poemas em louvor a Deus (1967); Poemas d'A República, 1984; Poemas de Solidão], (org., seleção, notas); e Os Dias Lentos (poesia), 1999; Canto heróico: Arte & Texto, 2000; Artes Plásticas: Acervo FIERN 50 anos, com textos de Dorian Gray e Antônio Marques de Carvalho Júnior, 2003; A Hora Única: Reunião de Textos em Prosa (2 volumes); e A Necessidade do Mito, 2012.

Inédito: O Assalto [1956]; e A Pedra do Silêncio (teatro); Os Mitos, os Deuses e as Musas de "Os Lusíadas" (Palestra - IHGRN, 1996); Do Outro Lado da Sombra: Poesia Quase Completa; Dicionário de Artes Plásticas do Rio Grande do Norte (2 volumes); Cerâmica (monografia); "Réquem para o poeta Luís Carlos Guimarães", 2001.

Referência bibliográfica: CASTRO, Marize. Além do Nome, 2008; MELO, Veríssimo de. Beatos, 1986; NAC/UFRN. Dorian Gray: 50 anos de Arte, 2000; ONOFRE JÚNIOR, Manoel. Simplesmente Humanos, 2007; SOARES JÚNIOR, José. Academia Norte-rio-grandense de Letras: Ontem, Hoje e Sempre - 70 anos rumo à luz, I, 2007; VALLADARES, Clarival do Prado & CAVALCANTI, Carlos. Dicionário dos Artistas Plásticos, 1974.

FRANCISCO FERNANDES MARINHO é escritor, pesquisador e poeta. Professor aposentado da UFRN Membro do IHGRN. Autor de vários livros.

DE QUANDO A IGREJA CATÓLICA CENSUROU A LITERATURA NO BRASIL

Francisco Martins



No primeiro decênio do século passado, a Igreja Católica no Brasil estava preocupada com o tipo de leitura literária que era feita pelo seu rebanho. E a preocupação era tanta e tamanha, que foi lançado um livro cujo objetivo era determinar quais as leituras em que poderiam os cristãos católicos se debruçarem, sem que as mesmas prejudicassem a sua formação.

O argumento principal era que a leitura sá engrandecia os homens e defendia a religião. Com esse

propósito Frei Pedro Sinzig (1876-1952), da Ordem Franciscana Menor – OFM, que além de frade e sacerdote exerceu também as funções de jornalista, músico, escritor, tendo escrito mais de 40 obras literárias em diversos gêneros, empenhou-se na elaboração do livro: "Através dos Romances", lançado em 1915, no qual havia 11.863 notas sobre 5.150 autores.

A intenção primária era que o livro fosse um guia para as consciências. Oito anos depois já estava circulando a segunda edição (1923), com 21.553 notas e 6.657 autores. Frei Pedro Sinzig

montou as matérias do livro em ordem alfabética, pelo sobrenome do autor, reunindo nomes de diversos países, principalmente aqueles que tinham obras publicadas no Brasil. Logo abaixo do nome do escritor vinha a lista com as obras que foram pesquisadas e suas respectivas notas, que incluíam afirmações como estas:

Só para adultos Inconvenientes Inofensivos Anticlerical Indignos Etc

Entre tantos escritores citados, trouxe a esse texto, a avaliação feita sobre a obra de Machado de Assis, Monteiro Lobato, Stendhal e Tolstoi. De Machado de Assis, Frei Pedro Sinzig sentenciou: "Contos Fluminenses" – prejudicam o leitor; "Dom Casmurro" – não recomendado; "Esaú e Jacó" – enredo materialista e frívolo; "Helena" – pode ser lido por leitores experientes; "Histórias sem data" – não recomendado; "A mão e a luva" – a leitura não impressiona bem; "Memorial de Aires" – leitura inofensiva; "Memórias Póstumas de Bras Cubas" – não pode ser recomendado; "Outras Relíquias" – tem páginas inconvenientes e nocivas; "Páginas Recolhidas" – não é livro para biblioteca católica; "Quincas Borba" – não recomendado para todos; "Relíquias de Casa Velha" – amores ilícitos, adultérios e frivolidades deturpam este livro; "Várias Histórias" – nem todas são aceitáveis e "Yayá Garcia" – permitida aos adultos com experiência.

No tocante ao escritor Monteiro Lobato, que, então, por ocasião da primeira edição só havia publicado o seu primeiro livro "Urupês", o mesmo foi considerado inofensivo. Interessante que, na segunda edição não entraram "Cidades Mortas" (1919), "Negrinha" (1920) e "O Macaco que se fez homem" (1923).

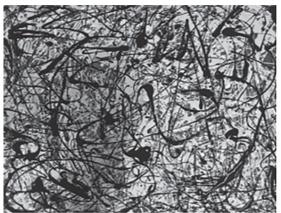
Stendhal, escritor francês, teve todos os seus livros classificados como proibidos e, o russo Tolstoi recebeu aprovação para "Guerra e Paz" e "Anna Karenine" foi recomendado apenas para ser lido por pessoas bem instruidas.

Passados mais de um século do lançamento da primeira edição de "Através dos Romances" eu me ponho a perguntar: Que contribuição deu este livro na construção de um país leitor?

Referência:

Imagem do Frei Pedro Sinzig disponível em http://www.franciscanos.org.br/?page_id=909. Visualizada em 17 agosto 2017

FRANCISCO MARTINS é escritor, poeta e pesquisador, autor de vários livros e cordéis. Membro da Academia Ceará-mirinense de Letras e outras instituições.





Tela Abstrata No 59 - 60 x 80 - Alfredo Neves

Tarsila do Amaral - Sol Poente (1929) -



Autor: Jackson Pollock - Obra: Shimmering Substance -Ano: 1946 Localização: The Museum of Modern Art, New York

O EXPRESSIONISMO ABSTRATO ENQUANTO ARTE CONTEMPORÂNEA

Alfredo Neves

O belo certamente pode estar nos pequenos detalhes, mas, de forma mais contundente, ele também se manifesta nos extraordinários desafios apresentados num todo complexo e totalmente questionável e observável. De certa forma, olhando a História da Arte, poderemos percorrer o submundo e o mundo dos vários estilos estéticos desde os tempos das cavernas com as suas intrigantes pinturas rupestres, passando pelo Egito antigo, pela arte chinesa, japonesa, fenícia até chegar aos medievos e espetaculares pintores renascentistas como Ticiano (1490-1496), Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelangelo (1475-1564), Sandro Botticelli (1445-1510) e Caravaggio (1571-1610), apenas para citar parte deste seleto e singular grupo de pintores que encantavam desde os desavisados interessados por arte até aos grandes reis, rainhas, nobres, senhores de posses, padres, bispos e papas da história universal.

Pelo espaço a que o ensaio presente se propõe, não caberia ainda discorrer sobre outros pintores, impressionistas: Paul Cézanne (1839-1906), Edgar Degas (1834-1917), Claude Monet (1840-1926) ou Renoir (1841-1919), ou ainda tencionar saberes sobre o uso e aplicação das artes em lugares como tetos de capelas, muros, paredes de museus, interiores de palácios, casas portentosas ou vilarejos que necessitavam ter a bucólica impressão de que se estava numa floresta encantada ou num paraíso a óleo locupletado por afrescos de diversas tonalidades, permitindo parecer que o ser ganhasse vida e logo em seguida fosse emparedado para sempre num mural escolhido pelo artista ou pelo contratante da obra.

Não irei passar pelo rococó francês, pelo barroco italiano, todas essas vertentes que, tempos depois, se espalharam pelo mundo e tiveram um papel influenciador de artistas do mundo todo e inclusive no Brasil. Não irei ainda criar narrativas sobre esculturas: porém, o objetivo en passant e que me interessará, será a Arte que vem do final do sec. XIX e adentrando o XX e XXI, "esquecendo" (por enquanto) o que muitos já conhecem sobre as artes desde os primórdios quando o homem rastejava sobre a Terra.

Assim sendo, para enfocar a arte expressionista é preciso beber nas fontes dos que usavam a pintura de forma expressiva, com as suas tonalidades fortes, com as pinceladas que partiam das suas entranhas para colorir o mundo exterior e dar uma característica diferenciada do que é o belo. Esse belo que seria sobreposto pelo intangível, pelo indizível e sublime e que nos faz enxergar além da nossa alma e nos faz travar uma guerra permanente com o nosso inconsciente.

Poderia dizer que através da expressividade de Vincent Van Gogh (1853-1890) fomos presenteados com uma nova era no campo das artes, a pré-expressionista, onde da sua rebeldia artística, dos confusos e torturantes momentos da sua vida nos revelará coisas novas e belas e que partiam do seu inconsciente (quero imaginar sem aprofundar a questão de como Van Gogh passou por várias agruras em sua vida), rompendo lenta e gradualmente com o impressionismo e vindo a nos oferecer um novo estilo de fazer arte. Diria até que foi um salto antecipado à contemporaneidade, para mais adiante percorrermos os meandros de um jeito diferente de pintar que nos permitiu mergulhar em definitivo na era expressionista latente e forte a partir do Sec. XX, disseminando as folhas da grande árvore da genealogia das artes para influenciar pintores importantes da corrente moderna, expressionista e expressionista abstrata até o seu esmaecimento (não o encerramento) no final dos anos 1960. Poderia dizer que "Campo de Trigo com Corvos" (1890) tenha sido o marco inicial da corrente expressionista, tese essa defendida por muitos escritores sobre arte.

DuranteesseperíodovamosbeberdafontedeMunch(1863-1944), dos fauvistas, dos cubistas como Picasso (1881-1973), dos expressionistas como Kandinsky (1866-1944), Piet Mondrian (1872-

1944) ou até mesmo dos brasileiros como Portinari (1903-1962), Tarsila do Amaral (1886-1973), Thomaz Ianelli (1932-2001), Roberto Burle Marx (1909-1994) e Milton da Costa (1915-1988), apenas para citar alguns e adentrar aos proeminentes Expressionistas Abstratos que tiveram difundidas as suas obras em todo o mundo.

Como escrevi mais acima, aqui não se trata, de um tratado, ou até mesmo de um artigo com a profundidade de um conhecedor por excelência das Artes, mas apenas um ensaio para maturar o que aprendi sobre essa manifestação de ordem estética e de comportamento humano. A inspiração vem apenas de como essa forma magnífica de pintar, esculpir e que também é aplicada na arquitetura e na vida diária das pessoas, impôs um jeito revolucionário de lidar com as cores de forma a impactar com conceitos singulares; o papel influenciador do Expressionismo Abstrato na corrente contemporânea e moderna a partir dos mais influentes artistas expressionistas, em particular da Escola Americana durante e após a Segunda Guerra Mundial.

Dezenas de artistas experimentavam e praticavam a técnica expressionista moderna espalhados em vários estados americanos, na década de 40. O termo "expressionismo" que havia sido usado pela primeira vez em 1919 na Alemanha, ocupava ruas, guetos, grandes cidades e fazia surgir Os Expressionistas Abstratos ou "a Primeira Geração da New York School" (Sandler, 1940), nos EUA. De certa forma a New York School se contrapunha à École de Paris, e na veia dos seus proponentes criar era a ordem, e criar das mais variadas formas possíveis, possibilitando sobreposições, derramamentos e gotejamentos de tintas que mostrassem novas técnicas no campo das artes plásticas.

Nomes importantes como Jackson Pollock (1912-1956), Arshile Gorky (1904-1948), Mark Rothko (1903-1970), Clyford Still (1904-1980), Barnett Newman (1905 - 1970), Willem de Kooning (1904-1997), apenas para citar alguns, e Peggy Guggenheim (1898-1979), mesmo não sendo artista plástica, mas que percorria toda a Europa reunindo obras de artes tanto abstratas, como cubistas e surrealistas (Hess, 2009). Guggenheim teve um papel importante ao divulgar e expor em sua Galeria de Nova York, a Art of This Century, vários artistas plásticos americanos que estavam produzindo esse estilo de Arte.

A técnica utilizada por Pollock (Dripping - gotejamento) ou a pintura de Ação (Action Painting) e a Campo de Cor (Color Field) de Mark Rothko, Barnett Newman e Clyfford Still transparecia em suas telas a mais profunda e pura emoção vindas do inconsciente, inconsciente esse tão bem descrito em diversos livros de Carl Gustav Jung. Tanto é, que de certa forma, Jackson Pollock passou por diversos tratamentos numa tentativa de abandono do alcoolismo, e essa experiência marcante em sua vida, certamente, pôde fazê-lo enxergar esse mundo de símbolos e arquétipos que sobressaem do "Eu" para se manifestarem de formas diversas em suas telas.

Quase todos desencarnaram em anos próximos um do outro, nos deixaram porém obras maravilhosas e ao mesmo tempo intrigantes e de valores inestimáveis tanto pelo estilo artístico como pelo valor monetário. Cada um em seu estilo marcante e próprio, dentro da corrente Expressionista Abstrata Americana, deixou as suas marcas e influenciou e influencia até hoje diversos pintores Expressionistas Abstratos pelo mundo. Como cita Bárbara Hess em seu livro "Expressionismo Abstrato" uma frase marcante atribuída a Adolph Gottlieb, Barnett Newman e Mark Rothko: "Para nós a arte é uma aventura num mundo desconhecido, que só pode ser explorado por aqueles que não temem correr riscos." É desta forma que vemos o mundo tortuoso e às vezes até incompreendido do Expressionismo Abstrato.

Todavia, estamos diante de uma arte moderna, contemporânea e que subverteu os padrões tão bem propalados no período renascentista e logo depois deste por várias outras correntes artísticas e estéticas. Se adaptou aos novos tempos. Penso que tudo é mutável como se a própria arte enxergasse no artista essa necessidade, como se ela criasse vida e se embrenhasse na mente inconsciente e pictórica do mesmo para que em suas manifestações ao descrever o mundo não se detenha apenas nesse mesmo universo exterior, e sim no seu "Eu" para sobreviver ao caos dos novos tempos.

FONTES DE PESQUISA

- GULLAR, Ferreira. A Arte Contemporânea Brasileira, 2012; Lazulli Editora
- HESS, Bárbara. Expressionismo Abstracto, 2009; Taschen
- www.artik.in
- Dados de nascimento e morte dos artistas plásticos extraídos de diversas fontes na internet.

ALFREDO NEVES é poeta e artista plástico. Autor de "Aurora Perdida", "O Amor Revelado" e outros livros.

JOÃO LOSTAO NAVARO

UM MÁRTIR POUCO LEMBRADO

Carlos Roberto de Miranda Gomes



Quadro do Monsenhor Assis sobre os mártires de Cunhaú

Sobre esse cidadão, tive a oportunidade de publicar um artigo na Revista do IHGRN de nº 94, em 2016, em que defendia que o mesmo Senhor deveria constar da lista enviada para o Vaticano com a finalidade de canonização pelo sacrifício na chacina de Uruaçu, ao lado de outros vitimados na comunidade referenciada e em Cunhaú.

Naquela oportunidade comentei:

Nem todos os martirizados foram relacionados na beatificação da Igreja Católica, no Papado de João Paulo II, em solenidade no dia 5 de março de 2000, na Praça de São Pedro, em Roma – ano Jubilar, inclusive Lostao, cristão piedoso e reconhecido pela sua generosidade.

Contudo, lendo o noticiário sobre a solenidade programada pelo Vaticano para o dia 15 de outubro, e efetivamente realizada, anotei a seguinte informação:

> Atualmente, o Brasil conta com seis santos já canonizados pela igreja: São Roque Gonzales, Santo Afonso Rodrigues e São João de Castilho (todos mártires do Rio Grande do Sul); Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus (nascida na Itália); Santo Antônio de Sant'Ana Galvão (genuinamente brasileiro); além de São José de Anchieta (nascido na Espanha). Com os 30 mártires do Rio Grande do Norte que serão canonizados no próximo domingo, o número passará a ser de 36. Dentre os novos, 27 são brasileiros, 1 é português (Padre Ambrósio Francisco Ferro), 1 é espanhol (Vilela Cid) e outro é francês (Lostau Navarro), mas todos morreram no RN.(Max Bezerra).

Diante disso, senti a necessidade de enaltecer essa reparação e reproduzo um pouco da história desse mártir, francês de nascimento e potiguar por adoção, justificado pelo seu trabalho permanente, corajoso e heróico, que lhe valeu o cárcere no Castelo de Ceulen e o trucidamento na aldeia de Uruaçu.

Esclareço, preliminarmente, que já havia tratado do assunto, pelo lado da história da Casa que pertencia ao referido cidadão (Revista da ANRL nº 48 - julho-set/2016 - "O destino da casa de pedra de Pium no caminho de Hélio Galvão"), alimentado pelas referências efetuadas no decorrer da sessão especial da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, realizada no dia 12 de julho de 2016, integrando as comemorações dos 80 anos da Academia e em homenagem ao centenário de nascimento de HÉLIO MAMEDE DE FREITAS GALVÃO, pela escritora Gilmara Benevides Costa, complementando aquele ensaio anteriormente publicado.

Aproveitando a atualidade do fato da canonização, entendi interessante renovar o tema, desta feita somente abordando o trabalho do homem santificado. Seu nascimento é considerado como numa cidade do Reino de Navarra, motivando o acréscimo ao seu nome do patronímico "Navarro".

Pelos variados escritos consultados diretamente ou por referências: livros, registros públicos, arquivos do Palácio do Itamarati – RJ, mapas, e outros escritos em idiomas diferentes, tornou-se conhecido por nomes variados: João, Juan, Joan, Juaron, Juáo, com os patronímicos Lostrão, Lostrau, Lostrao, Losrao, lo Stosa, R.S. Juan de Stau (Rio de St. Jean de Stau), Oroutau, Croutau, d'Stau. Pouco importa, mas o mais provável JOÁO LOSTAO NAVARRO, oriundo do Reino de Navarra, considerado como cidadão francês em face de seu Reino (Navarra baixa dos Pirineus, ou parte litorânea) - que fora incorporado à Espanha no Século XVI em 1511, no reinado de Fernando V, haver sido retomado em definitivo pela França por Henrique III, de Navarra e IV da França em 1589. (ALLÉGUEDE, 43) e (GALVÃO, 195/196). Ele mesmo se considerava francês – assunto encerrado.

Em 1601 recebera concessão de terra feita por João Rodrigues Colaço, através de Carta de Data nº 15, de 1º de março de 1601 em seu favor, acrescentada a outras sesmarias que possuía, onde efetuou algumas construções, ou já encontrou edificações, a exemplo da Casa de Pedra de Pium ou Pirangi, avaliando-se esta datar de 1570, por iniciativa dos franceses, em pleno ciclo econômico do pau-brasil, local onde chamavam de Porto de Búzios, com 338 m2 para servir de depósito de mercadorias e que para tanto deveriam ter sido explorados os afluentes ou braços do Rio Pirangi, a 3 km da orla, daí a denominação.¹

Na pesquisa dos documentos ao meu alcance e noutras informações obtidas pela via virtual, coletei resultados conflitantes, sendo mais prováveis as em seguida proclamadas.

¹ Estudo de investigação a microbacia do rio Pitimbu/RN, afluente da bacia do rio Pirangi, situado na costa leste do Rio Grande do Norte, o referido rio faz parte dos municípios de Natal, Parnamirim e Macaíba, ocupa uma área de 138,30 Km2, entre as coordenadas de localização 5° 50'30", 5° 58'23" Latitude sul e 35° 10', 35° 23' Longitude oeste.

Quem era, afinal, o donatário dessas terras brasileiras?

João Lostao Navarro era um católico de bons costumes, prestimoso para com a população, dando-lhe emprego e guarida em suas casas do "Porto de João Lostao"², identificado na lagoa de Camurupim, onde explorava a pesca e da Casa de Pedra do Pium, da qual tornou-se proprietário com a expulsão dos franceses do nosso território, onde teve morada no período de 1603 a 1645, estrategicamente erguida de maneira a dar uma visão ampla de onde se descortina toda a orla marítima desde os contornos de Ponta Negra até os de Pirangi onde a vista alcança e por isso causando incômodos e conflitos com os holandeses, por ser considerada uma espécie de fortim!

Afinal, essa Casa de Pedra de Pium fica bem próxima à paradisíaca praia de Cotovelo, fincada na parte pertencente a Nísia Floresta, onde facilmente se encontra a construção, e, por isso, também chamou a atenção na época em que os holandeses a chamavam "Praia do Porto Corado", desde a primeira incursão da Companhia das Índias Ocidentais, criada em 1621.

O interesse dos holandeses pelas nossas terras teve início pela invasão da Bahia em 1624 ou 1625 de onde foram rechaçados. Então, em 1630 partiram para uma segunda tentativa de invasão no Brasil, mais precisamente em direção ao Nordeste, chegando a Pernambuco em 1633, atraídos pela existência de produção de cana de açúcar, o que eles já sabiam, pois aqui estiveram em julho de 1625 no Engenho de Cunhaú, sob o comando do Capitão Uzeel, na condição de parceiros de Portugal para a tarefa de refino de açúcar e financiadores do seu engenho, não podendo trazer nada em razão da distância. Mas tomaram conhecimento de tudo!

O chamado Porto de João Lostão, correspondente ao atual Porto de Tabatinga, outrora também chamado de Porto Seguro. Compõe rico aquífero da região, com braços nos Municípios de Parnamirim e Nísia Floresta, notadamente passando por Alcaçus e Pium onde existia a Casa de Pedra ou Casa Forte de Lostao, por uns denominada de Casa Forte de Pirangi (sendo a mesma casa).

Lostao, além de grande proprietário de terra, era possuidor de grande prestígio até a sua velhice, estimada em oitenta anos, tendo ocupado cargos de importância para a administração da capitania.

Família imediata: pai de Beatriz Lostau Casa Maior, casada com o holandês Joris Garstman que chefiava o forte dos Reis Magos no período do domínio holandês. Outra filha, Maria Lostau Casa Maior, era casada com Manoel Rodrigues Pimentel que juntamente com Estevão Machado de Miranda eram escabinos (espécie de representante do Município) na época da invasão holandesa. Duas fontes dão notícia do nome da sua esposa Luzia da Mota, sem precisar a origem³, mas está bem comprovada a sua vasta descendência ainda arraigada na terra potiguar⁴.

No Rio Grande do Norte, quando da ocupação da Fortaleza dos Reis Magos em 12 de dezembro de 1633, ficou como seu comandante o Capitão JORIS GARTSMAN, que veio a ser seu genro, a quem deram a denominação de Castelo (Forte ou Fortaleza) de Ceulen ou Keulen.

Tal situação dava a Lostao um certo prestígio.

Para a nossa tristeza, os holandeses só trouxeram para estas paragens o lado negativo, com a intenção de se apoderar dos engenhos e combater os portugueses, contando com o apoio da população indígena.

Blog dos Amigos de Santo Antônio do Salto da Onçada (www.osamigosdaonça.com.br) e MEDEIROS, Aconteceu ...50..

A propósito, em pesquisa do "Doutor Toscano", conhecido pesquisador anônimo potiguar, faço parte da geração de dois reconhecidos mártires, na condição descendente dos mesmos no grau de 11°s avós paternos: Antônio Vilela Cid, natural de Castela, Espanha e Inês Duarte, pais de Bárbara Vilela Cid e de João Lostau Navarro, natural de Navarra, França e Luíza da Mota (pais de Maria Lostau Casa Maior).

Em 1634 atacaram o Engenho Cunhaú5 surpreendendo o fortim dos portugueses que perderam 12 homens, gerando um pânico entre os moradores da região, que passaram a procurar locais mais seguros - alguns foram acolhidos na própria Fortaleza Keulen, outros em uma paliçada e outros tantos na casa de Lostão, que lhes deu guarida e proteção, pelo que se tornou suspeito de estar organizando uma resistência contra o domínio neerlandês, e lhe rendeu um mandado de prisão no Castelo de Ceulen (Keulen), que corresponde ao Forte dos Reis Magos.

Acredita-se que a prisão foi ordenada pelo Grande Conselho Holandês, sediado em Recife, face à denúncia provocada no mês de junho de 1645 por Jacob Rabbi (Johanns Rabe), ordem cumprida por Paulus de Linge, governador da Paraíba.

Completando a incursão sobre Cunhaú (Canguaretama), em 16 de julho daquele ano perpetraram um massacre de cerca de 35 a 69 pessoas no momento em que assistiam uma missa dominical celebrada pelo Padre André de Soveral, contando com a participação dos Tapuias, Janduís e Potiguares. O Padre, falando o idioma dos Janduís conseguiu o afastamento destes. Todavia, os potiguares, não se importaram com aquela exortação de respeito aos direitos humanos e consumaram o martírio e o fizeram em pedaços. O cronista Pierre Moreau afirma que todos foram devorados pelos índios canibais.

Em que pese a indicação de que o morticínio se deu por motivo religioso, convenceu-me, também, como motivação principal, o interesse pelas terras violentamente apropriadas.

Em setembro Rabbi, com uma pequena força de Tapuias, brasilianos e mais 30 civis holandeses, ocuparam o Sítio de Lostão onde assassinaram 15 ou 16 portugueses.

Consta que esse engenho foi comprado por Joris Garstman e o Conselheiro Baltazar Wyntges em 5 de julho de 1637, mesmo ano em que Nassau visitou Natal, e que foi incendiado em 1645 pelos Janduís guiados por Jacob Rabbi, um judeu alemão de péssimo caráter, um aventureiro, mas que prestava serviços escusos aos holandeses. (CASCUDO,67).

Três meses depois do massacre de Cunhaú, nova investida aconteceu em Uruaçu (São Gonçalo do Amarante), com mais 80 mortes. Nessa ocasião os hóspedes, reféns e prisioneiros da Fortaleza foram carregados, entre os quais João Lostão, e foram assassinado de forma cruel em (3 de outubro de 1645), situação organizada pelo mesmo judeu alemão Jacob Rabbi.

Esse trucidamento foi feito de maneira degradante, mutilando corpos, esmagando órgãos, inclusive de crianças, provocando uma situação calamitosa, inclusive entregando os corpos dilacerados aos índios antropófagos num ritual macabro, causando indignação. Seus nomes estão relacionados na obra "Protomártires do Brasil". 6 Contudo, foi reavaliada pelo Vaticano no ensejo da canonização de outubro de 2017.

As formas das mortes dos mártires foram diversas, sendo alguns assassinados por espadas, outros por espancamento e mutilações e alguns tendo sido queimados vivos.

Outros canonizados: os beatos da Igreja Católica Cristoforo, Antonio e Giovanni, três indígenas mexicanos que viveram nos anos 1500, o padre espanhol Faustino Míguez (1831-1925) e o italiano Angelo d'Acri (1669-1739. Fonte: Informações da ANSA.

Monsenhor Francisco de Assis Pereira, 49/67.

O Papa Francisco canonizou os 30 "mártires do Rio Grande do Norte" no dia 15 de outubro de 2017, em cerimônia na Praça São Pedro, declarando, durante a missa, os nomes dos novos Santos: Ambrósio Francisco Ferro, André de Soveral e Mateus Moreira e seus 27 companheiros, mortos em 1645. Foi dado como fundamento o fato de todos terem sido mortos por holandeses calvinistas nos chamados Massacres de Cunhaú e Uruaçu em razão de não terem renunciado a sua fé católica, segundo o Monsenhor Pereira. Ainda segundo o relato do autor da obra, um dos camponeses mortos, chamado de Mateus Moreira, repetia a frase "Louvado seja o Santíssimo Sacramento" antes de ter seu coração arrancado. Além de Moreira, os 27 leigos foram canonizados Antônio Vilela Cid, Antonio Vilela e sua filha (identificada apenas como uma criança do sexo feminino), Estêvão Machado de Miranda e duas filhas (também não identificadas por nome, mas uma delas tinha apenas alguns meses), Manoel Rodrigues de Moura e sua esposa (também não identificada por nome), João Lostau Navarro, José do Porto, Francisco de Bastos, Diogo Pereira, Vicente de Souza Pereira, Francisco Mendes Pereira, João da Silveira, Simão Correia, João Martins e seus sete companheiros (identificados apenas como um grupo de jovens que se recusaram a lutar pela Holanda contra Portugal), a filha de Francisco Dias - apesar do nome de Francisco não estar entre as vítimas, é provável que ele tenha morrido junto à filha identificada apenas como uma criança -, Antônio Baracho e Domingos de Carvalho.

Rabbi, no entanto, também não escapou da ira dos vencidos que o assassinaram na noite de 5 de abril de 1646, com tiros e golpes de espadas por dois soldados. Alguns atribuem o fato a uma vingança familiar a mando do Capitão Garstman, já elevado ao posto de Tenente-Coronel, genro de Lostão que, revoltado, decidiu se vingar, afirmando "que o mundo nada perderia se desembaraçassem de semelhante canalha".

Os Tapuias exigiram imediatamente a entrega de Garstman e, como a solução demorasse enviaram representantes a Pernambuco. O Conselho de Justiça e Finanças, para evitar maiores problemas, abriu Inquérito e ordenou a prisão do acusado em Pernambuco, pois já não tinha mais função no Rio Grande do Norte.

O processo teve tramitação procrastinada, num verdadeiro jogo de empurra, envolvendo, ainda, o Major Jacques Boulan de quem teria partido a ordem aos dois soldados, a pedido de Garstman (já afastado das suas funções militares e administrativas). Pedido de revisão, o colocaram em liberdade, retornando à Holanda.

Nunca mais se soube o desfecho do processo!

E uma passagem muito rica e interessante da nossa história, carecedora de mais pesquisas para que se tenha uma descrição definitiva desses acontecimentos pelos historiadores!

Referências Bibliográficas

ALLÉGUÈDE, Bernard. e SILVA, Roberto da. Os Franceses no Rio Grande do Norte. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2005.

Blog dos Amigos de Santo Antônio do Saldo da Onçada (www. osamigosdaonça.com.br).

Blog HISTÓRIA E GENEALOGIA (Anderson Tavares de Lyra) – internet.

Blog DO INSTITUTO NORTERIOGRANDENSE DE GENE-ALOGIA (João Felipe da Trindade), (02-10-2011) - internet.

Blog (nisiaflorestaporluiscarlosfreire.blogspot.com.br) internet.

Blog Grupo Onça Pintada – GOP – internet.

BLOG "Pelas Trilhas da História" (Maria Lúcia Amaral) - internet.

CALADO, Francisco Manuel. O Valoroso Lucídeno e triunfo da liberação. São Paulo: Edições Cultura. (Carta do Capitão Lopo Curado Garro) - internet.

CASCUDO, Luis da Câmara. História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1984.

GALVÃO, Hélio. História da Fortaleza da Barra do Rio Grande. Natal/ FJA/Fundação Hélio Galvão, 1999.

HB – História Brasileira - internet.

HISTÓRIA DO RN, 2012 (Maria Auxiliadora) – internet.

LIRA, Augusto Tavares de. História do Rio Grande do Norte. Brasília: Senado, vol. 167, 2012.

MEDEIROS, Ivoncísio Meira de. Inventário de Documentos Históricos Brasileiros. Brasília: Ed. Do Senado, 2005.

Contando História, Ensaios Históricos e Biográficos. Natal: FJA, 2014.

MEDEIROS FILHO, Olavo. Os holandeses na Capitania do Rio Grande. Natal/RN: Instituto Histórico E Geográfico do Rn, 1998.

Aconteceu na Capitania do Rio Grande do Norte. Natal: IHGRN, 1997.

MEDEIROS, Tarcísio da Natividade. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte. Natal: Imprensa Universitária, 1973.

MOURA, Pedro. Fatos da História do Rio Grande do Norte. Natal, CERN, 1986.

NOTICIÁRIO da canonização pela impressa escrita, falada, filmada e televisada, outubro de 2017.

PEIXOTO, Victor Manoel Ribeiro Fonseca. Franceses e Holandeses no Rio Grande do Norte Durante os Séculos XVI e XVII, uma análise pré-arqueológica. Natal: artigo baseado em Monografia de Graduação do autor, bel. Em História pela UFRN, (internet 2009).

PEREIRA, Francisco de Assis – Monsenhor. *Protomártires do Brasil*. Aparecida-SP: Editora Santuário, 2005.

POMBO, Rocha. História do Rio Grande do Norte. RJ: Annuario do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1921.

PORTAL "TUDO DO RIO GRANDE DO NORTE" - internet

Professor JOTA BE – Ciência da Religião – *internet*

PORTAL "TUDO DO RIO GRANDE DO NORTE" - internet

Professor JOTA BE – Ciência da Religião – *internet*

SOUZA, Itamar de. Diário do Rio Grande do Norte. Projeto ler do Diário de Natal. Natal: 1999.

SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão; MARIZ, Marlene da Silva. História do Rio Grande do Norte Colonial: 1597/1822. Natal: Natal Editora, 1997.

História do Rio Grande do Norte. Natal, Sebo Vermelho Edições, 2005.

TRINDADE, João Felipe da. Informações pessoais e no blog https://putegi.blogspot.com.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *História do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2015.

UFRN- Departamento de Geografia: Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Florianópolis, Brasil, 21-26 abril 2007, INPE, p. 4233-4239.

WIKIPEDIA, a enciclopédia livre – internet.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é advogado, professor e escritor, autor de O Menino do Poema de Concreto e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

IÂNIO: O LÍDER POPULISTA DE VOCAÇÃO AUTORITÁRIA

João Batista Machado

Jânio da Silva Quadros (1917/1992) foi o mais excêntrico, polêmico, populista e autoritário personagem da história republicana. Chegou à presidência da República aos 43 anos à revelia dos partidos políticos, pelos quais nutria verdadeira ojeriza. Aceitava o registro, por qualquer legenda, apenas por ser indispensável à oficialização da candidatura. Exercia um fascínio carismático sobre as massas de forma arrebatadora, vencendo eleições seguidas, atropelando desafetos e o poderio econômico dos adversários.

Vereador, deputado estadual, prefeito, governador de São Paulo, deputado federal por Mato Grosso e Presidente da República em 1960. Obteve esse sucesso em pouco mais de duas décadas de vivência política. Geralmente não concluía os mandatos, disputando eleições de dois em dois anos, sempre de forma ascendente. Multidóes o seguiram por onde passava pregando contra a corrupção e bandalheira da vida pública, elegendo a vassoura como símbolo dessa limpeza.

Jânio subia aos palanques em som da marchinha: "Varre, varre, varre vassourinha/ varre, varre a bandalheira/. O povo já está cansado/ de sofrer dessa maneira/. Jânio Quadros é a esperança/ desse povo abandonado". Com os cabelos despenteados, roupa amarrotada, caprichando no correto português recheado de mesóclises, escandindo as sílabas, Quadros levava multidões ao delírio em pregação moralista.

Sua fama se espalhava pelo país respaldado por gestões eficientes, imunes a denúncias de corrupção. Os partidos, pelos quais tinha o maior desprezo, procuravam seduzi-lo oferecendo-lhes legendas em detrimento de lideranças tradicionais. A UDN (União Democrática Nacional) preteriu a candidatura de um dos fundadores da legenda, Juracy Magalhães, que postulava à presidência da República em 1960, optando por Jânio Quadros, embora soubesse se tratar de um nômade apartidário.

Partido que fez oposição ao governo Getúlio Vargas (1951 a 1954), a UDN tinha tendência golpista. Precisava chegar ao poder com respaldo do voto popular para exorcizar a fama de legenda elitista ligada a tentativas antidemocráticas patrocinadas por militares conservadores. O partido viu em Jânio Quadros a oportunidade de chegar ao poder pela via democrática respaldado pela soberania das urnas.

O populismo demagógico de Jânio fascinou a UDN. Venceu fácil Juracy na convenção partidária. Tornou-se o candidato do partido à presidência da República em 1960. Antes da campanha pregou algumas peças. Renunciou à candidatura alegando que a UDN queria monitorar seus passos. Viajou para Europa em companhia da mulher Eloá, num navio cargueiro com destino a Londres.

Os deputados Carlos Lacerda e Aluízio Alves foram enviados pela direção do partido a Londres com objetivo de contornar o problema. Jânio os recebeu, mas marcou a conversa definitiva em Lisboa, já de regresso ao país. Lacerda convidou o casal para viajar a Portugal de avião. Jânio recusou. Preferia outro navio cargueiro que chegaria de Lisboa dias depois. Lacerda não se conteve: "Jânio, até aqAntes, ao saber que o vice-presidente indicado pelo partido, Leandro Maciel tinha 82 anos ameaçou abandonar a candidatura. "Não vou carregar este ancião sobre minhas costas", afirmou Jânio peremptório. As pressas, a UDN substituiu o sergipano pelo mineiro ex-governador de Minas Gerais, Milton Campos, uma das mais respeitáveis figuras da vida pública nacional. O deputado udenista Djalma Marinho o considerava um sábio.

Convicto da vitória nas eleições de 1960, Jânio empreendeu em 1959 uma viagem a Cuba para conhecer o comandante Fidel Castro que chegara ao poder naquela ilha do Caribe, no ano anterior, à frente de uma revolução. Derrubou o ditador Fulgêncio Batista, corrupto e sanguinário, que fugiu para os Estados Unidos com

malas recheadas de dólares, acompanhado da sua anturragem. Pouco tempo depois, Fidel implantava a ditadura dos irmãos Castro.

Jânio recebeu o comandante na Embaixada do Brasil em Havana, a convite do embaixador Vasco Leitão da Cunha. A recepção se prolongou até às primeiras horas da manhã. Fidel afirmou a Jânio, cercado por jornalistas, que chegou a renunciar ao poder por causa da intransigência do Congresso. Disse ao povo que "daquela maneira não poderia governar e fui pra casa. O povo me trouxe nos braços e me recolocou no poder. Fechei o Congresso. A partir daí, passei a governar", concluiu incisivo.

O presidenciável, que chegara a Cuba na condição de democrata retornava ao país como aprendiz de ditador, após ouvir a narrativa de Fidel Castro. Durante desembarque no Rio, puxou o jornalista Murilo Melo Filho pelo braço, afastando-o do grupo e disse ao seu ouvido:

- Murilo, você ouviu bem o que disse o comandante: voltou ao poder nos braços do povo, disse Jânio encantado com o que ouvira. A frase nunca mais lhe saiu da cabeça. Nosso conterrâneo e confrade Murilo Melo Filho era colunista político da revista Manchete, responsável pela coluna semanal "Posto de Escuta".

Durante a recepção na Embaixada ocorreu um incidente desagradável: a pistola de prata que Fidel usava no coldre desde Sierra Maestra foi furtada. Ao chegar ao recinto, ele pusera a arma em cima de um móvel. Quando foi procurá-la constatou seu desaparecimento. Foi um mal estar constrangedor. Fidel retirou-se da Embaixada desapontado. A pistola nunca foi devolvida ao portador. Também não foi revelado o nome do autor do ato deplorável. Especulou-se, na época, se tratar de um parlamentar pernambucano.

Como era previsto, Jânio Quadros derrotou com facilidade o general Teixeira Lott, candidato da coligação PSD/PTB, com o apoio do presidente Juscelino Kubistchek que, apesar de bem avaliado pelas pesquisas de opinião pública, não conseguiu eleger seu sucessor. O marechal Lott era um candidato sem apelo popular, além de dizer umas verdades que nem sempre devem ser reveladas na política. Em Recife, por exemplo, num grande comício, afirmou convicto não querer voto de comunista.

Já com o golpe planejado, depois do encontro com Fidel Castro em Havana, não interessava a Jânio eleição de Milton Campos como vice-presidente da República. Numa trama bem urdida, partidários de Jânio Quadros e Jango Goulart criaram a chapa (Jan/Jan), que caiu no gosto popular. Naquela época, o vice-presidente era eleito pelo voto popular.

Abertas as urnas foi eleita a chapa Jânio Quadros/João Goulart. Segmentos militares de tendência direitista detestavam Jango acusando-o de comunista, desde a época em que fora Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas. Sua posse na presidência da República era algo impensável. Esse impasse favorecia o projeto concebido por Jânio.

Com total desprezo ao parlamento, ele não recebia deputados nem senadores. Os políticos, principalmente os da UDN, procuraram o ministro das Minas e Energia, João Agripino, amigo dele, e pediram sua intercessão junto ao presidente. O ministro estranhou o fato e solicitou uma audiência. Na ocasião, entre outros assuntos, tratou da agenda política:

- Presidente, fui informado de que o senhor não recebe deputados nem senadores, nem mesmo os aliados?
- É verdade, ministro Agripino, os que vieram até aqui e foram poucos, só me pediram indignidades.
- Presidente, disse o ministro, ninguém governa no regime democrático sem dialogar com o Congresso. Se o senhor não receber os parlamentares, então se prepare que vai ser deposto.

O ministro João Agripino acertou a previsão. Jânio foi convidado pelo primeiro-ministro Mao-Tsê-Tung a visitar a China Comunista. Mas transferiu o convite para o vice-presidente João Goulart, alegando não ter espaço na agenda para longa viagem internacional. Jango chefiou a missão oficial do governo acompanhado de políticos e empresários, entre os quais, o senador potiguar Dix-huit Rosado. Jânio dava o primeiro passo rumo ao golpe.

Com Jango na China as coisas ficariam mais fáceis. Os militares não aceitariam sua posse se houvesse vacância do cargo. No dia 25 de agosto de 1961 – Dia do Soldado – Jânio passou em revista as tropas na Praça dos Três Poderes e se recolheu ao gabinete no Palácio do Planalto. Lá assinou a carta renúncia que foi enviada ao Congresso Nacional pelo ministro da Justiça, Pedroso Horta. Em seguida, viajou para São Paulo onde esperava retornar ao poder nos braços do povo, livre do incômodo parlamento.

O tiro saiu pela culatra. A renúncia é um ato de vontade própria. Portanto, dispensável o envio da carta ao Congresso, onde não houve repercussão esperada. O parlamento dava o troco na mesma moeda. O instável Jânio alegou que forças terríveis se rebelavam contra seu governo na justificativa da renúncia com a finalidade de consolidar o golpe que não deu certo. Frustrado embarcou com a mulher Eloá para a Europa. Como sempre, num navio cargueiro.

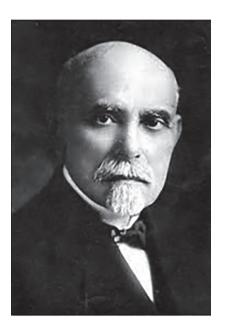
O povo não entendeu o gesto tresloucado e por muito pouco o país não mergulhou numa sangrenta guerra civil. A posse da João Goulart ocorreu dia 7 de setembro, através da solução emergencial do parlamentarismo, aprovado às pressas pelo Congresso. Evitou-se assim, um confronto de consequências imprevisíveis. O Rio Grande do Sul rebelado pelo governador Leonel Brizola exigia a posse de Jango.

O consenso foi viabilizado pelo deputado federal Tancredo Neves entre o Congresso e a junta militar que se opunha à posse de Jango, após renúncia de Jânio Quadros. O mineiro Tancredo fol escolhido primeiro-ministro do novo regime recém-implantado. Essa crise, aparentemente contornada, culminaria mais tarde com o golpe militar que derrubou o presidente Goulart em 31 de março de 1964.

JOÁO BATISTA MACHADO é jornalista, escritor, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e autor de vários livros, membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

MEU ENCONTRO COM AMARO CAVALCANTI

Leide Câmara



Costumo ir aos sábados ao Sebo Vermelho (de Abimael Silva). Mas um dia foi especial pelo lançamento do livro "Horas Solenes", do confrade e amigo Padre João Medeiros Filho. Era o dia 16 de setembro de 2017, quase chegando a primavera, estação de que gosto muito, pelo florescer encantador da dança do amor para o surgimento de novas vidas.

Olhei os livros na prateleira de autores do RN: o que me chamou a atenção foi o título "Amaro Cavalcanti", de Carlos Adel Teixeira de Souza, que me deu uma vontade de comprar. Amaro Cavalcanti é patrono da cadeira 12 - da nossa Academia Norte-riograndense de Letras -, fundada por Juvenal Lamartine, e é irmão do "Santo de Natal", Padre João Maria, patrono da cadeira 11, fundada pelo Dr. Januário Cicco, ambas em 1936. Eu o olhava

como se houvesse um ímã; não conseguia afastar meu olhar dele, nem dominar o desejo de lê-lo. Acabei levando Amaro Cavalcanti para casa. Desnecessário dizer que a madrugada foi curta para sua leitura. Chamou- me a atenção a letra da música. "Seu amaro quer", composição de 1918, de autoria de F. Soriano Ricard, hoje com 99 anos. " Seu amaro quer" (música que é uma crítica à atuação de Amaro quando foi Prefeito Distrital no Rio de Janeiro e baixou um decreto regulamentando os horários de banho de mar na Praia de Copacabana, após vários afogamentos. Para fazer valer o decreto, instalou seis postos de observação nas praias - de Copacabana ao Leme -, para evitar afogamento dos banhistas. A numeração tornou-se popularmente conhecida como Posto 1, Posto 2, Posto 3, Posto, Posto 4, Posto 5 e Posto 6. No decreto: "O banho só será permitido de 2 de abril a 30 de novembro das 6h às 9h e das 16h às 18h. De 1 de dezembro a 31 de março, das 5h às 8h e das 17h às 19h. Nos domingos e feriados haverá uma tolerância de mais uma hora em cada período." É popularmente conhecido que "coube a Amaro estimular a criação do profissional salva-vidas". (Leia mais em: "https://rioquemoranomar.blogspot. com.br/search?q=amaro+cavalcanti

...Os guarda-vidas cariocas ... agora centenários. O serviço de salvamentos no Rio foi oficializado no dia 1º de junho de 1917).

Na página 155 do livro, Carlos Adel diz que não teve acesso à biografia de Amaro Cavalcanti de autoria de Perino Guedes. Ainda de madrugada, fiz uma pesquisa na internet e consegui comprar a partitura da música "Seu amaro quer", bem como o livro de Pelino Guedes*, a primeira biografia sobre o nobre potiguar, edição de 1897: "A Escola. - Biografia de Amaro Cavalcanti, Ministro da *Justiça*. Meu Deus, o livro tem 120 anos!... uma joia preciosa para minha biblioteca. A noite do meu encontro com Amaro Cavalcanti foi perfeita.

Amaro Cavalcanti

Ministro Amaro Cavalcanti

Nasceu na Fazenda Logradouro, próximo a Jardim de Piranhas, no município de Caicó-RN, no dia 15 de agosto de 1849, e faleceu no Rio de Janeiro-RJ, no dia 28 de janeiro de 1922, aos 72 anos de idade, sendo sepultado no Cemitério de São João Batista--RJ. E filho do professor primário, Amaro Soares Cavalcanti de Brito e Ana de Barros Cavalcanti, pais de 13 filhos. Do casamento de Amaro Cavalcanti com Eponina de Sousa Ferreira, nasceram duas filhas, Luiza Cavalcanti e Vera Cavalcanti.

Jurista, político, advogado, jornalista, Ministro de Estado, diplomata, Prefeito do Distrito Federal (Rio de Janeiro-RJ, pelo decreto de 12 de janeiro de 1917; tomou posse a 15 e foi exonerado, a pedido, em 15 de novembro de 1918).

Em 1877, fez uma viagem à Europa, e de lá foi fazer o curso de direito na Law School da Union University, em Albany, New York. Defendeu a tese "É a educação uma obrigação legal" e foi graduado em leis, no ano de 1881. Seu diploma foi revalidado na Faculdade de Direito do Recife-PE. Era poliglota e escreveu mais de 40 livros, sendo alguns em francês, alemão e inglês. Fundou a Sociedade Brasileira de Direito Internacional, em 23 de dezembro de 1914 e foi por oito anos seu presidente, permanecendo no cargo até o dia de sua morte.

Para Juvenal Lamartine, "Amaro Cavalcanti... é a maior figura intelectual do Rio Grande do Norte de todos os tempos";

Eduardo Espínola o chama de "... conspícuo jurista e sociólogo";,

Aníbal Freire se refere a ele como: "tipo representativo de nossa raça e um símbolo de nossa elevação jurídica".

Nestor Lima reflete: "É, sem dúvida, uma personalidade ímpar da vida nacional, um nome impoluto, um caráter de velha têmpera de aço, que honra a terra pequenina".

Amaro Cavalcanti, em 1881:

"Direito é uma condição sem a qual o homem é incapaz de cumprir o seu destino natural".





Primeira biografia -1897

Partitura "Seu amaro quer"

Tango Carnavalesco

F. Soriano Robert

Propriedade reservada do Dr. Eduardo França

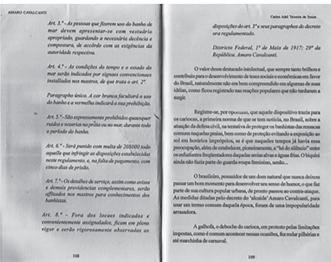
Tango Carnavalesco—O Maior sucesso do carnaval de 1918

Venha cá. 10 Venha cá. Venh' olhar, Venh 'olhar, Que seu amaro quer Que seu amaro quer Tributar Tributar As cebolas com feijão... Como cebolas com feijao ... Venha cá, Venha cá, Venh' a mim, Venh 'a mim, Que seu amaro quer Que seu amaro quer Vermutin Vermutin P'ra ter força na exportação P'ra ter força Força BIS: 2º e 4º BIS: Vamos todos dançar, Vamos todos dançar, Vamos todos sambar, Vamos todos sambar, Que... seu amaro quer Que ... seu amaro quer O Vermutin... assim... assim... O Vermutin ... assim ... assim Assim... Assim... Ay! 2º D.C. todo [repeat from the Assim ... Assim ... Ay! beginning] 2º DC todo [repita desde o iní-Como é bom beber! Ay! cio 30 Venham todos, Como é bom beber! Ay! Venham ver, Venham todos, Que seu amaro vae Venham ver, Recorrer Que seu amaro vai Aos juízes de Berlim... Recorrer Venham todos Aos juizes de Berlim... Vêr o fim... Venham todos Que seu amaro quer Vêr o fim... Vermutin Que seu amaro quer P'ra tocar o bandolim... Vermutin

P'ra tocar o bandolim...







Decreto Nº 1.143 de maio de 1917- de Amaro Cacalcanti

Pelino Guedes (Pelino Joaquim da Costa Guedes), nasceu em 1858 na cidade de Itambé-PE, faleceu em 1919, era pianista, compositor, poeta, jornalista e advogado.

LEIDE CÂMARA é escritora, autora do Dicionário da Música do RN e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

ENTREVISTAS COM PRÊMIOS NOBEL (1)

Antonio Nahud viveu 12 anos na Europa. Trabalhando como correspondente cultural, entrevistou ao longo do tempo seis prêmios Nobel de Literatura: o espanhol Camilo José Cela (Nobel 1989); o português José Saramago (Nobel 1998); o alemão Gunter Grass (Nobel 1999); a britânica Doris Lessing (Nobel 2007); o peruano Mario Vargas Llosa (Nobel 2010); e o nipo-britânico Kazuo Ishiguro (Nobel 2017). Entrevistas estas publicadas nos jornais "Folha de S. Paulo", "A Tarde" (BA), "O Tempo" (MG) e "Diário de Notícias" (Portugal).

Publicaremos todas as seis entrevistas. Iniciando pelo vencedor do Nobel de Literatura 2017, Kazuo Ishiguro. Segundo a Academia Sueca, ele recebeu o prêmio porque "Em seus romances de grande força emocional, revelou o abismo sob nossa sensação ilusória de conexão com o mundo".

KAZUO ISHIGURO: "UM LIVRO INFLUENCIA MUITA GENTE"

Sua criação é excêntrica e arriscada. Considerado um dos autores vivos mais importantes, KAZUO ISHIGURO teve sua obra traduzida em mais de 28 países. Nascido no Japão, em Nagasaki, 1954 — nove anos depois da explosão da bomba atômica -, reside desde os seis anos de idade na Inglaterra, onde se graduou em Inglês e Filosofia na Universidade de Kent, em Canterbury.

Obteve o consagrado Brooker Prize com o seu terceiro romance, "Os Vestígios do Dia" (1989), que vendeu mais de um milhão de exemplares em língua inglesa e foi adaptado ao cinema por James Ivory, com Anthony Hopkins fazendo o protagonista, o

mordomo Stevens. Irritado com a projeção excessiva gerada pelo filme, escreveu poucos depois "O Inconsolável" (1995), rompendo com seu estilo conhecido até então e recebendo em troca críticas negativas. A trama se passa em um país imaginário, onde um pianista famoso enfrenta incertezas econômicas, políticas e sociais.

Os dois primeiros livros do escritor, "Uma Pálida Visão dos Montes" (1982) e "Um Artista do Mundo Flutuante" (1986), foram campeões de vendas no Reino Unido, assim como todos os outros. Aos 48 anos, a fama parece não tê-lo afetado, passando sinceridade, tranquilidade e inteligência admirável. Em Barcelona, Espanha, para o lançamento de "Quando Éramos Órfãos" (2000), KAZUO ISHIGURO falou sobre literatura, britânicos e o sucesso.

O seu mais novo romance narra as aventuras de um detetive inglês, nascido em Shangai, angustiado com as recordações do desaparecimento dos seus pais, sequestrados há um quarto de século. Ele volta a sua cidade natal para localizá-los, encontrando um país invadido pelo Japão, às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Como toda criação de KAZUO ISHIGURO, vai além de uma inquietante aventura literária.

O QUE PASSA NA MENTE DO SEU PROTAGONISTA?

O detetive da minha história, Christopher Banks, acredita que todos os problemas do mundo podem se resolver solucionando um único crime, o sequestro de seus pais quando ele era menino. Acha que o mal está ligado a esse fato e uma vez resolvido o mistério, o universo se harmonizará. Sabemos que a vida não é assim. Tampouco escrevi uma novela policial no estilo Agatha Christie.

PERCEBO QUE ESTE ROMANCE REAFIRMA O VALOR DA MEMÓRIA, OU SEJA, DO PASSADO. É UMA QUESTÃO FUNDAMENTAL PARA VOCÊ?

A memória é um dos meus temas preferidos. É um filtro

muito interessante do nebuloso. Normalmente as pessoas negam o passado ou têm leituras muito particulares dele. É impressionante como se mente para si mesmo. Com os meus personagens procuro desvendar o conflito com o passado. Examinando recordações alheias percebemos o que querem esconder, o que os deixam mais orgulhosos, o que são e o que gostariam de ter sido. Penso que grande parte do que aconteceu na infância permanece em nossos corações para sempre. Escrevi este romance interessado no passado como algo que permanece dentro de nós e nos aprisiona.

CREIO QUE EXISTEM FATORES ALÉM DA NOSSA COMPRE-ENSÃO QUE VETAM O PASSADO EM SUA TOTALIDADE.

Exato. Principalmente quando o passado foi sofrido, duro. Muita gente não consegue analisar completamente a sua própria história e outros ficam na dúvida se vale a pena ou não enfrentá-la, recordando apenas certos momentos. Eu acho que pouco importam os nossos fracassos, sempre há dignidade em encontrar força para enfrentar nossos próprios fantasmas. O detetive deste romance pensa assim.

COMPARADO A KAFKA EM SEU ROMANCE ANTERIOR. DISCORDOU DURAMENTE. NÃO GOSTA DO ESCRITOR CHECO?

Não é isso. Sou admirador de Kafka, parece-me interessante, mas não o entendo perfeitamente. Não vejo sua literatura com claridade. Sendo assim, como um romance meu pode ter estilo kafkaniano? Talvez tenha a ver com o espaço onde situo a narrativa, um mundo onírico. Acredito não ter os antecedentes nem a tradição de Kafka. Meus sentimentos não são kafkanianos. Nos primeiros trabalhos fui comparado a escritores japoneses por escrever sobre o Japão. A seguir a alguns ingleses por escrever sobre a sociedade inglesa. São comparações sem consistência.

ADMIRA ESPECIALMENTE ALGUM ESCRITOR?

Sinto-me emocionalmente muito próximo a Nabokov.

FICA FERIDO OU ACEITA SEM PROBLEMA CRÍTICAS NE-**GATIVAS?**

Sem problema. Inclusive, prefiro que as críticas não sejam unânimes. Assim vejo meus erros. Sinto pena dos escritores acostumados a críticas generosas. Em consequência, são prisioneiros de elogios.

COMO SENTIU A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DE "VESTÍGIOS DO DIA"?

Gostei, e muito. Quando pediram para filmá-lo, aconselhei que fizessem o melhor possível e conservassem o título original, mas tive dúvidas em relação ao resultado. Pensava que não se podia levar às telas o mundo interior dos meus personagens. Anthony Hopkins conseguiu. Já não sei o que dizer. O filme é bastante fiel ao romance. De inconveniente, a popularidade inesperada, mesmo passando a vender muito mais.

QUEIXA-SE DA POPULARIDADE ALCANÇADA E RELA-TOU O PESADELO DO SUCESSO EM "O INCONSOLÁ-VEL". É DIFÍCIL PARA VOCÊ CONVIVER COM A FAMA?

Se gasta um tempo excessivo com a fama, um tempo que poderia ser utilizado escrevendo. São dezenas de entrevistas e viagens para promover a obra. Exatamente isto que estou fazendo ao conversar com você neste momento. Nos Estados Unidos é quase uma obsessão. Alguns escritores passam quatro meses fazendo este tipo de propaganda. Por exemplo, a escritora Amy Tan me disse que seu editor a enviou para uma série de viagens publicitárias durante seis meses. Ela passou a escrever aos pedaços, em seu minguado tempo livre. Uma

loucura. Não quero fazer parte deste círculo vicioso. Mesmo com o grande sucesso de "Os Vestígios do Dia", não me deixo levar pelos editores que insistem em uma nova obra a cada ano mais meses de dedicação publicitária. Pretendo continuar escrevendo com tranquilidade e profundidade, sem ganância ou superficialidade.

FAZ QUESTÃO DE INOVAR DE UM LIVRO PARA OUTRO?

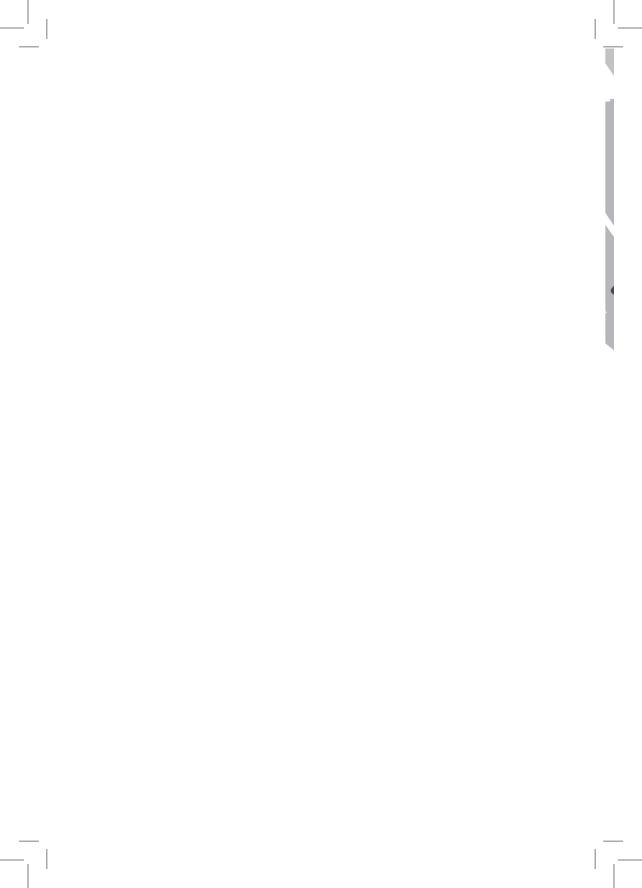
As coisas mudam à medida que envelhecemos. Não quero ter a sensação de estar utilizando o que funcionou noutros livros, principalmente porque os anos passam, me levando a ser uma pessoa diferente que quer dizer algo diferente. Não pretendo me tornar um escritor folgado que utiliza as mesmas mágicas.

A LITERATURA INGLESA ATUAL TEM NOMES EXPRES-SIVOS COMO MARTIN AMIS, HANIF KUREISHI, ENTRE OUTROS. O QUE PENSA DELA?

Sinto-me orgulhoso deste panorama de bons autores, mas garanto que nada temos em comum. Os ingleses pensam que a Inglaterra é o centro do universo literário. Até certo ponto concordo que já foi, mas hoje é diferente, muito diferente, e a principal influência intelectual da Inglaterra vem de escritores de fora, de Gunter Grass a Gabriel García Márquez.

FAZ PARTE DO GRUPO DE ESCRITORES QUE ACREDITA QUE O LIVRO VIVE SEU MOMENTO TERMINAL?

Nem pensar, muito pelo contrário. Existem livrarias em quase todos os lugares do mundo, ou seja, existem compradores de livros. Essa história de que as pessoas estão deixando de ler e só se interessam por vídeo ou internet não é verdade. O número de leitores de livros é imenso. Um livro influencia muita gente.



CONTOS E CRÔNICAS

A VIA SACRA DE MANÉ PERNÉ

Iaperi Araujo

Se existia um lugar em que quase todo mundo era conhecido pelo apelido, o lugar era aquele. Os apelidos às vezes se referiam a genealogia do povo do lugar. Zefa de Abdias levava o nome do pai. Chico Meu de Donzela de Zé Brêra, era prá diferenciar dos outros Chicos tão comuns alí por conta do padroeiro querido e admirado pelo povo. Donzela era Maria Isaura, sua mãe e Chico Brêra, o pai que de quebra levava o nome de família que na verdade era Souza mas todos eram conhecidos como os Breras. Prá ganhar um apelido, bastava ter um detalhe diferente. No corpo ou no juízo. O filho de Maria Zezé morou uns tempos no sul e voltou meio estranho, com umas calças justas e umas camisas com a manga enrolada até quase no ombro, chiando tanto quando falava que mais parecia uma chaleira fervendo no fogo. Virou Carioca, o que era melhor que Paulista que tinha um sentido mais feio pois lembrava as tropas de um tal Morais Navarro que dizimara os índios do Assu e do Seridó nos tempos antigos. Ainda usava umas calças curtas com as pernas finas de fora. Chamava de bermuta, mas era calça curta mesmo. Maria de Zefa tinha um desvio na coluna que evidenciava uma acentuada escoliose com a pá das costas mais altas. Virou Maria carga torta. Se o cabra fosse cego era chamado de ceguinho. Se fosse zarôio era estalação trocada. Se mancasse de uma perna era coxo ou perné e se tivesse uma paralisia por derrame cerebral era banda morta, Quem não gostava daquela mania besta era o padre. Polonês que ainda não dominava a fala do povo, chamava a paróquia de "piroca de São Vrancisga". Baixinho, gordo e vermelho, o povo se referia a ele, nas sua ausência por bolinha, bolinha vremeia e até fucim de porco o que seria a pior praga prá ele, se soubesse do apelido, já que odiava os que fuçavam na lama.

Mané de Tiana era uma lapa de homem maior que quase todo mundo da cidadezinha. Ferreiro, passava o dia num quartinho ao lado de sua casa no negócio de fazer facão, foice e até martelo de feixe de molas de caminhões velhos. Sua forja estava sempre acesa e quando batia no ferro aceso pelo fogo, parecia um toque do sino da capelinha. Casado com Mariquinha de Orestes, num dia que não me lembro, chegou em casa com o corpo quente do fogo do seu labor e sem se incomodar foi tomar um banho, usando da água de um depósito que tava na sombra de uma tamarineira no seu quintal. A água tava bem friinha. Foi jogar a primeira cuia de água na cabeça e sentiu logo um repuxar na perna esquerda. Era como se ela estivesse encolhendo. Doia não, mas repuxava prá dentro do corpo toda esticada que o pé virava prá dentro. Mané gritou aperriado pela mulher.

- Acuda aqui, Mariquinha.

E a perna repuxando com força que mais parecia que tinha gente puxando ela prá dentro dele. A perna quase chegou a sumir todinha dentro dele, tão encolhida que já tava. Num esforço, Mané conseguiu pisar com o pé da perna sadia o pé que encolhia com a perna toda e tentou assim parar o encolhimento.

Foi quando Mariquinha chegou e atracou-se com a perna que tava quase toda sumida dentro do corpo do marido.

- Valha-me Deus que tá te dando um ramo. E dos mais fortes.

E puxava a perna do marido, chegando a ficar sentada no chão de barro com tanta força que as veias do pescoço quase estouravam.

- Valha-me Deus e meu padinho padre Cicero.

Ela gritou com força. E parece que Deus e o padrinho ouviram, pois a perna parou de encolher, mas ficou assim um meio palmo mais curta que a outra, com o pé todo esticado prá frente que acho que era prá compensar o encolhimento, pois ele só conseguia ficar aprumado pisando com a ponta do pé da perna curta.

Levaram ele prá Currais Novos e o médico disse que num tinha o que fazer. Passou uma dose de arnica prá espalhar o sangue e disse que desse graças a Deus não ter encolhido a cabeça prá dentro da caixa dos peitos pois certamente morreria.

Em Flores, quando chegou de volta na boléia do caminhão de Chico Teófe teve que enfrentar uma ruma de gente que se postava na frente da casa atrás de noticia. Mané ficou na sala de fora, sentado numa cadeira de balanço como prá se mostrar pro povo, mas Mariquinha tratou de cobrir a perna do marido com uma toalha pra ninguém ver nem espalhar o despropósito daquela perna menor do que a outra.

O padre polonês apareceu depois das 6 da noite.

- E agorra Mané, eu tava pensando em bocê faz o Cristo na via sagra desse ano. Como você bode faz o papel de Cristo com essa perninha curto?

Mariquinha aperriou-se logo e começou a chorar.

- E agora, qué queu faço com minha promessa, padre? Pedi e alcancei uma graça de São Francisco de Canindé pro mode de um estalicido que matou metade das galinhas do meu galinheiro e ele salvou a outra metade, prometendo que Mané ia fazer o Cristo na via sacra.

O padre coçou a cebeça espantando a ruma de cabelo da cor de espiga de milho e uma nuvem de caspa por conta da quentura do sertão.

- Depois a gente ajeito. São Vrancisca vai aceito outra promessa..
- Vai não, disse Mariquinha. Só acredito se eu sonhar com ele e deixar eu mudar a jura. Se eu negacear o estalicido mata o resto das minhas galinhas.

O padre já ia saindo, mas voltou-se e prometeu resolver.

Dois dias depois, quando já consultara a Irmandade dos Passos, a Congregação de Maria e a do Coração de Jesus, uma ruma de beatos e beatas que ajudavam na arrecadação do dízimo, o padre voltou com a proposta.

- Só rem um jeito. Mané faz o aleijado que Jesus cura na procissão.
- Nem pensar gritou Mariquinha e eu vou lá deixar Mané mostrar essa perna curta? Vão apelidar ele de perné. Com certeza.
 - Então faz Judas.
 - E ele lá era .manco?
- Bocê não sabe mas na Polonia antes de ser padre eu era engenheira e sei fazer muitos coisas. Vou fazer um bota bros pés dele que ninguém vai notar que ele manca.

Assim disse e assim fez. Duas semanas depois era a semana santa e Mané se postou no ponto da procissão em que Jesus entrava no Jardim das Oliveiras para orar a Deus enquanto Judas o traia no templo.

Daqui a pouco lá vinha a via sacra, com Damião de Chico Antonino no papel de Jesus. Mané se dirigiu prá casa de Hosana onde os sacerdotes se reuniam para tramar a entrega do nazareno. Foi Mané entrar na cena, todo aprumado pela bota criada pelo padre prá disfarçar a perna curta quando uma ruma de meninos que acompanhava todos os passos da encenação se puseram a gritar.

- Mané permé! Mané perné!

No começo ele tentou se concentrar, mas não aguentou, arrancou a bota do pé e rebolou prá cima da mundiça que o acunhava na vaia.

Dali saiu mancando enquanto o padre desmaiava e Mariquinha saia atrás do marido com a bota na mão que ele nunca mais usou.

IAPERI ARAUJO é médico, escritor e artista plástico. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e dos Institutos Histórico e Geográfico do RN e Goiás. Presidente do Conselho Estadual de Cultura do RN e Diretor da Fundação José Augusto.

PELAS RUAS DE NATAL

Delfino Silva Neto

Naquela noite, com todos os mosquitos do mundo soltos lá pras bandas do Canto do Mangue , Pedro Paulo, deitado na calçada da rua Frei Miguelinho, cochilava e acordava o tempo todo. O pesadelo se repetia quando mal fechava os olhos. Um anjo exterminador alado pairava no teto da casa e falava aquelas baboseiras, o tal dos mandamentos, que uma vez tentara fazer ele decorar um padre careta: amar a Deus sobre todas as coisas, honrar pai e mãe, não desejar a mulher do próximo, não matar, não roubar, guardar domingos e festas de guarda (que diabo isso queria dizer, que o padre não explicou ?). Não fazer aquilo, não fazer aquilo outro. Em pleno sonho, o que ele queria mesmo, era fugir daquela sala imensa cheia de gente e não encontrava portas ou janelas por onde sair.

Naquela angústia, no meio da rua, ao redor da meia-noite despertou. Acordei! gritou. Porra, será que uma paixão é sempre assim? O que sabia do amor? Lembrou aquela música do Gonzaquinha que Madalena cantava , "Começaria tudo outra vez se preciso fosse meu amor ...". Como? Se agora ela estava com outro e ele abandonado sem ter nem pra que. Lembrou, também, o que lhe dissera uma tia (falavam que era irmã da mãe dele) que no outro dia completaria dezoito anos. O que fazer, agora? Porra, será que uma paixão seria sempre assim, repetiu. Com as mãos no queixo, pensando em acabar com tudo, imaginou a vida sem Madalena. Como viver sem ela.

Quando pensava nisso um nó se apertava dentro dele e começava aquela angústia insuportável. O que fazer se ela tinha lhe deixado por outro. Sem pai, nem mãe, nem casa, o estômago à míngua, a polícia sempre ao seu encalço, sentia vontade de falar mal de Deus. Abria a boca e faltava o ar. Jogou fora os jornais que o cobriam e acordou João Maria ao seu lado. Acorda, vamos dar uma rolé por aí. A Ribeira, àquela hora, era como se fosse uma cidade fantasma. Ar-

mados com dois 38 roubados passaram ao lado do que foi o Grande Hotel, subiram a pé a ladeira de Marpas em frente, dobraram lá em cima à direita na ladeira da Poti e pegaram a avenida Deodoro.

Logo depois do bar do Lourival avistaram um casal namorando dentro dum Honda Civic. Olha lá, diz um deles. Imagine, de madrugada. Sai do carro porra! Não atire, por favor. Sai do carro, porra, vou te matar! João Maria, tocaia eles no banco de trás. Eu? Você mesmo, ou tu não sabe mais teu nome, burro? Tapa a boca deles e amarra as mãos com fita isolante, ou você também é cego? Tá vendo o rolo aí no chão, não? Seguiram em frente. Na Jundiaí entraram à esquerda e lá em frente, no inicio da Rodrigues Alves, colocaram os dois no porta-malas. Toca pra Cidade-Jardim. Pra que , mano ? Ora pra que , lá tem mais casa que edifício, de repente a gente encontra uns granfas, no meio do caminho dando bobeira, idiota!

Olha, a casa é aquela, tá tendo uma festa. Tocaram a campainha. Ouviu-se do lado de dentro, algo parecido como "a pizza chegou". Alguém antes de abrir a porta pergunta: É a pizza? João Maria diz pra si mesmo, que porra de festa é essa feita de pizza de encomenda. É, sim. Só tem macho. E grita, todo mundo deitado no chão! Vocês tão fodidos! Tem mais alguém na casa? A empregada . Chama ela, também, pra cá. Ela chega apavorada, fora de controle, e gritando muito. Pedro Paulo dá uma porrada com a coronha do 38 no rosto dela. Se ajoelha! Ela se aquieta calada, de olhos bem abertos, antes de ser sumariamente executada com um tiro no meio da testa. Pra que isso? Tô cagando e hoje tô com ódio de mulher. Vamos lá, amarra todo mundo. Corta o fio do telefone, se tiver, e cata tudo: celular , relógio , dinheiro , jóia, o escambau, o que der para levar. Descobre uma fronha de travesseiro por aí e coloca tudo dentro. Neca de cartão de crédito que esses galados só usam isso hoje e pra nós não tá com nada. Vê se tem cofre pois se não tiver dinheiro no bolso deles puxo o gatilho mais uma vez no escuro e levo mais um. Na casa não tinha cofre. Revistados os coitados, afanaram pouca grana, que esses caras só usam mesmo cartão de crédito e cheque, uma vez perdida. Vocês são uns bostas, viu ? Quem se mexer ou falar leva bala!

Todo mundo amarrado com o que tinha disponível na casa, de cinturão até fio de telefone fixo, acenderam dois baseados, daqueles que vêm misturado com pó de crack pra aumentar o apetite e a lombra, e começaram o banquete à base de azeitona, queijo, sardinha em lata, uísque oito anos e pizza à calabresa, que esses maracatus só sabem comer isso dia de domingo à noite. Muito obrigado pela atenção, disse Pedro Paulo resmungando, ao final .

Saíram e se bandearam pros lados da Pororoca. No meio do caminho que vai para o aeroporto antigo, pararam em uma blitz. Uma fila enorme. Os dois gelaram. A luz dos faróis ligadas, a fila imensa, ou até por conta da notória fúria arrecadatória estatal já amainada àquela hora, escaparam da triagem. Um aceno de mão sinalizou para eles prosseguirem viagem. O frio na barriga diminuiu. Hoje é meu dia de sorte, João, já pensou eu soprando o bafômetro, sem documento, e eles lá atrás? Gargalharam os dois.

No deserto da pororoca, os faróis ligados como única alternativa de iluminação, desentulharam os dois do porta-malas. E agora, que vamos fazer? É a tua vez, mano. Minha, não, a tua de novo, cagão. E para de me chamar de mano. Decide. Tudo bem. Descola a fita da boca deles. Por favor, João Maria, deixa a gente viver, pelo amor de Deus! Ah, mas não é que vocês sabem meu nome? Após o tiro, o cara ficou balançando de um lado para o outro, uns movimentos tênues e parados, feito como o fazem os barcos ancorados. Depois foi a vez dela, que se moveu durante o impacto como se quisesse mudar de lado na cama. Eu não te disse que bala dum-dum é perfeita? Retiraram gasolina do tanque e tocaram fogo nos dois. Reacenderam a piúba do baseado e ficaram olhando pro breu do céu. Vamos embora que o churrasco começou a feder, rapá! Ninguém vai reconhecer esses dois cotocos queimados, amanhã.

Satisfeitos, com o peito lavado e barriga cheia, voltaram pela BR 101. Deixaram a Hermes da Fonseca dobrando à esquerda na rua Apodi, pegaram de novo a Deodoro, desceram a ladeira da Poti, quebraram à direita em uma outra, logo após, e bem íngreme, que dá pro estádio João Câmara, perto da antiga estação da estrada de ferro e largaram o Honda por lá. Pedro Paulo cantarolava baixinho: "A chama em meu peito ainda queima, saiba, nada foi em vão..." Foi a vez de João Maria. Além de corno, cantor, caralho? Sei não! Os dois riram e seguiram em frente a pé na direção do rio Potengi.

DELFINO SILVA NETO é médico, poeta e escritor. Autor de "Estação de Ana e outra estações".

DANÇANDO COM SUZANA MARTINEZ

Damião Gomes

Encontrei Suzana Martinez num salão de uma rua deserta de Havana Velha. Rodeada de amigos, nem sei como nos avistamos no meio daquela algazarra. Entreolhávamo-nos a cada brinde que se fazia em sua mesa.

Em dado momento, ela fez menção de que já se ia embora, antes de eu falar com ela. Então, segui-a até a rua. Apresentei-me, perguntei-lhe o seu nome e, quando insisti para que ficasse mais um pouco, ela respondeu:

— Sólo mañana.

Com um tímido sorriso, Suzana despediu-se, entrou num carro e desapareceu na noite sem deixar vestígios. Voltei para o salão e notei que a sua mesa fora desocupada. Ou seja, os amigos dela também haviam saído. Cercado de gente esquisita, o jeito foi pagar a conta e continuar a caminhada rua afora.

Na noite seguinte, lá estava eu em frente ao Bucanero, ambiente estranhamente escondido, naquela quadra fora do circuito boêmio da cidade. Eu o tinha visto por acaso, na noite anterior. Depois que bebera com amigos, em estado etílico meio alto, decidira tomar o atalho de uma rua paralela à praia, e seguir a pé até o meu hotel. Ao passar frente a um beco sem saída, me surpreendi com o entra e sai de gente lânguida. Dentro, o som alto; os dançares e os olhares nostálgicos. Naquele quase inferninho, garçons deslizavam de um lado para o outro com maestria.

Do lado de fora era impossível de se ter ideia do agito que ocorria no sobradinho envelhecido. Sentada à mesma mesa vi Suzana, porém, com um novo grupo.

— Como ela é benquista... — pensei.

Desta vez, com três rapazes e uma mulher mais nova, que depois vim a saber que se chamava Esperanza. Havia certa melancolia no olhar etéreo de Suzana e de outros tantos por ali.

Os três cavalheiros, no entanto, disputavam a atenção de Esperanza, mulata simpaticíssima, que trajava um vestido vermelho a lhe revelar as curvas. Usava enormes brincos dourados. Cada sorriso dela aguçava os sonhos e as fantasias dos rapazes. Seus meneios e gestos sensuais iluminavam e hipnotizavam os jovens.

Ao mesmo tempo, a alegria explícita e debochada do grupo parecia deixar Suzana deslocada e meio entediada. Seu olhar vagueava perdido e solitário pelo salão até se encontrar com o meu que a observava à distância.

— Esse jeitinho frágil e desprotegido faz o meu tipo — pensei na hora.

Fui direto cumprimentá-la. Sentei-me ao seu lado e nos entrosamos por um bom par de horas. Fui apresentado ao grupo, que continuou a conversinha à parte.

Puxei-a para dançar e, no meio do salão, ela me pareceu levíssima, como se flutuasse nas nuvens. Achei que minha cabeça já não estava mais neste mundo, arrebatada pelo excelente vinho que tomávamos. Na verdade, era eu que o bebia freneticamente. Suzana mal tocava os lábios na taça.

A cada passo que a dança exigia, o seu cabelo rodeava a minha cabeça. E, toda vez que tocava o meu nariz, eu sentia um cheiro de terra molhada. Sua pele exalava uma fragrância de algas e era de um dos mil tons que só a sensibilidade feminina poderia definir exatamente. Era algo assim, digamos, espanholado.

Quando elogiei a sua leveza e lhe perguntei se já dançara profissionalmente, ela respondeu-me com um sorriso para lá de enigmático:

— Por supuesto que sí! Yo fui bailarina en compañía de Alicia Alonso.

Será que havia entendido a sua resposta? Em que ano foi isso? Afinal, Alicia já está beirando os cem, lembrei-me.

Por fim, de tanto cheirar o seu pescoço de leve e já com o sangue subindo à cabeça, não aguentei e tentei arrancar-lhe um beijo. Mas ela evitou-o de pronto, cochichando ao meu ouvido num tom que esfriou minhas intenções:

— Despacio, despacio, hombre!

De novo, me avisou que passava da hora de voltar. Fiz questão de acompanhá-la até a sua casa, louco que estava para ficar mais tempo com ela, se é que me entendem.

— Si quieres, Daniel.

Pegamos o táxi que, por sinal, já estava à nossa espera. Com motorista de aspecto sombrio, de poucas caras. Sentamo-nos no banco de trás, de modo que só o via pelas costas. Ao entrar, Suzana deu-lhe um sinal com a mão, como se fosse íntima.

Cerca de quinze minutos depois, paramos em frente a um muro. Mas, dada a baixa luminosidade reinante, eu não conseguia ver direito o local. Será que bebera além do normal?

Ela desceu, acertou com o motorista, sem que eu tivesse tempo sequer de abrir a carteira. E foi andando, enquanto eu atrás mal acreditei quando ela cruzou o portão e, ao se virar para mim, disse:

— Bienvenido a mi casa, entre!

Qual foi minha surpresa quando me deparei com dezenas de torres, cruzes, minicatedrais e igrejinhas de mármores e granitos reluzentes:

- Cemitério! Meu Deus! O que é isso, Suzana?
- Venga! disse, enfaticamente.
- Suzana, não!
- Déjatede melodrama, hombre.

Dentro da 'casa' de Suzana, o barulho contrastava com o silêncio que imperava do lado de fora. Dois mundos diferentemente separados.

Meio indeciso, ainda olhei para fora, mas aí dei de cara com Esperanza que vinha entrando acompanhada dos rapazes.

Suzana fez que não os viu. Puxou-me pela mão, enlaçou-me com seus braços e me deu um beijo que gelou meu coração e entorpeceu minha mente.

Quando me soltou, a festa da meia-noite já começara e toda a antiga nobreza da cidade viera se mostrar: simpáticos, refinados e volúveis, como nos velhos tempos.

Um bulevar de felicidades se abriu à minha frente e me vi no meio de um carnaval de hipocrisia e de sorrisos blasés. Um autêntico desfile de veleidades, de gente elegante; outrora, donos do poder.

Acordei num ponto qualquer do Malecón, com o sol ardendo nos olhos e a cabeça querendo explodir.

— Haja cuba libre pra curar esta ressaca, Suzana! — murmurei, lembrando da loucura que havia me acontecido, mas que ninguém acreditaria se eu contasse.

Pensando no que Esperanza teria feito com os três seduzidos, fui direto mergulhar nas piscinas do Hotel Nacional e curtir os meus últimos momentos na caribenha e histórica Havana.

— Hasta la vista, Suzana!

DAMIÃO GOMES é escritor e farmacêutico, autor de "O Futurista" e "Coração de Pedra"

O SOL DE LONDRES

Manoel Onofre Jr.

Até que enfim, vencendo a inibição resultante do meu desconhecimento quase total da língua inglesa, decidi-me a conhecer Londres. Aproveitei a companhia do meu sobrinho Onofre Neto que conhece bem a cidade, e, gentilmente, serviu-me de cicerone. Antes, passamos quatro dias em Paris, hospedados num hotel de Montmartre, hotelzinho simples e pitoresco, perto da Praça Pigalle.

Paris está cada vez mais bonita: os seus principais monumentos ganharam um banho de ouro, e só a cúpula do Hotel des Invalides, sob a qual está sepultado Napoleão Bonaparte, consumiu 14 quilos do precioso metal – me informam. Todo esse ouro parece justificar o apodo – vá lá o termo – que se ajusta tão bem à cidade: jóia.

No trem – o Eurostar -, caminho de Londres, a expectativa de transpor o Canal da Mancha no túnel sob o mar.

Chegamos a uma cidade, que me pareceu ser Calais, e o veículo, com pouco, adentrou o túnel. Mas, de súbito, para. Ou parece que para? Eu impaciente com a demora, percebo algumas luzes passando velozes na janela. Devem ser de outro trem, em sentido contrário – reflito. A certa altura, começo a duvidar se o trem está mesmo parado. Mas, a dúvida se desfaz quando o sol, invadindo a cabine, faz ver que estamos na Inglaterra.

Pois é, há sol na Inglaterra!

Durante os quatro dias em que lá estivemos, neste começo de verão, fomos brindados com um céu, surpreendentemente, azul.

Meu sobrinho e companheiro de viagem, no entanto, já íntimo de Londres, sabedor de suas manhas climáticas, comprou, por via das dúvidas, um guarda-chuva. Que ficou como suvenir.

Nosso hotel está instalado num daqueles típicos conjuntos de prédios geminados, com quatro andares, pintado de um creme quase branco e com lindas varandas em ferro trabalhado. Logo à sua frente eleva-se um pé de plátano descomunal, uma maravilhosa catedral verde, se me permitem a expressão. O lugar é tranquilo, nem parece que estamos em Londres. Anoto o nome do bairro: Bayswater.

Nem bem nos acomodamos. Neto leva-me a conhecer a Abadia de Westminster e o Big Ben. Da ponte Westminster tiramos fotografias, tendo ao fundo a marca registrada de Londres.

Fomos, em seguida, a Trafalgar Square, como não podia deixar de ser. Caminhando por Whitehall, a grande avenida, em direção à praça, a impressão que me fica, desde logo, é que Londres, na aparência, é um tanto caótica, não tem a simetria, as linhas harmoniosas e a elegância clássica de Paris. Paris conserva o seu conjunto arquitetônico histórico, bastante homogêneo, predominantemente neoclássico, em que pese a presença, aqui, acolá, de magníficos exemplares do gótico, que, no entanto, não destoam. Londres, ao contrário, é misturada, desse ponto de vista urbanístico e arquitetônico. E, lamentavelmente, permitiu que edificações contemporâneas perturbassem a beleza cenográfica da cidade antiga. Mas, deixemos de lado esses assuntos... Quem sou eu para falar sobre isso?

Com tantos museus a visitar, em tão pouco tempo, escolhi dois: National Gallery e Victoria and Albert, e não me arrependi. Dois outros museus importantíssimos – O Museu Britânico e a Tate Modern – ficaram para depois. Mas, confesso, não resisti à tentação de ir ao Madame Tussaud, museu de cera, como devem saber. Como diversão, vale a pena.

Andando muito a pé, pelas ruas e praças do centro, não vi sequer um inglês típico, aquele – sabem? – de chapéu-coco e guarda chuva. Tampouco vi nada que se lhe aparentasse. A impressão geral, que me restou, *prima facie*, foi a de uma gente múltipla, diversificada. Notável presença de muçulmanos; as mulheres, facilmente, identificáveis pelos seus trajes característicos, algumas delas usando a burca.

Ainda a respeito das atrações turísticas, devo dizer que, além das mencionadas, fui também à Torre de Londres, onde admirei, embasbacado, as jóias da Coroa; atravessei a Tower Bridge, outro símbolo de Londres, ali perto, e depois fui curtir, que nem menino grande, London Eye, a espetacular roda-gigante, do alto da qual se avista toda a cidade.

Como se vê, desempenhei bem o papel de turista.

Algum dia, com certeza, retornarei a essa cidade, para ver o filme todo, e não apenas o trailer. Só espero que, quando voltar, encontre de novo o sol de Londres. O alegre e raro sol de Londres.

Julho de 2011

MANOEL ONOFRE JR. é escritor, autor de "Chão dos Simples", "Ficcionistas Potiguares" e outros livros. Ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-rio--grandense de Letras.

O CASARÃO DOS CASTRICIANOS

Valério Mesquita*



O que se sabe acerca do atual prédio onde funciona o grupo escolar Auta de Souza é que foi construído entre 1874-1876, pelo mestre de obras Timóteo, pedreiro antigo de Macaíba. Ele trabalhou, paralelamente, na edificação da capela São José, ainda hoje intacta e restaurada quando passei pela Fundação José Augusto. A família de Eloy (irmão, também ilustre, de Auta e Henrique), residiu antes na "casa do porto", comprada a Fabrício Pedroza, enquanto o "casarão novo", como tornou-se conhecido na cidade, era concluído. Dos informes repassados pelo historiador e pesquisador conterrâneo Anderson Tavares, deduziu-se, ainda, que durante os anos em que ali residiu o velho Eloy Castriciano de Souza, a residência foi o reduto predileto do Partido Liberal para as confabulações de estilo. Posteriormente, serviu de sede para o clube do Biscoito, associação que reunia a jovem intelectualidade macaibense comandada por Auta de Souza. Após a morte de Auta, Eloy e Henrique ainda mantiveram a casa depois de ganhá-la na justiça através de um embate jurídico sobre o espólio familiar contra o comendador Umbelino de Mello que havia se apos-

sado da maioria dos bens da família. Ele era sócio capitalista da antiga casa bancária "Paula, Eloy & Cia.". De 1901 a 1911, o prédio passou a ser o porto seguro dos políticos ligados aos áulicos das famílias Maranhão e Tavares de Lyra que viviam em Macaíba. Foi, igualmente, palco de recepções a figuras ilustres que visitavam a cidade. Em 1911, foi doado pelos Castriciano de Souza para ali ser instalado o grupo escolar Auta de Souza, durante a segunda administração de Alberto Maranhão, outro macaibense famoso e Mecenas das Letras. No ano da graça de 2011, o grupo escolar completou o seu centenário.

Tudo vem a superfície, por dois motivos. O primeiro diz respeito a lembrança de Anderson Tavares que em 2011, celebrou-se o centenário da transformação da antiga moradia em modelar escola de ensino (1911), onde estudaram as mais notáveis figuras das letras, da política, do comércio e das diversas profissões ao longo de cem anos. A segunda razão vem a propósito da sugestão do médico conterrâneo Olímpio Maciel, numa reunião da Academia Macaibense de Letras, para que a fachada principal da hoje Escola Estadual Auta de Souza, seja resgatada como marco assinalador da efeméride. Vale esclarecer que a escola pertence à rede estadual de ensino.

De lá pra cá, precisamente no dia 19 de outubro de 1911, o primeiro diretor foi o doutor Virgílio Otávio Pacheco Dantas, então juiz de direito da comarca. Seguiram-se outros diretores até os nossos dias, a saber: Bartolomeu da Rocha Fagundes, Paulo Vieira Nobre, Arcelina Fernandes, Nicaule Maria do Carmo, Dalila Cavalcanti de Albuquerque Rocha, Maria Nazaré Madruga Pereira, Enedina Augusta de Albuquerque Bezerra, Mariluza Almeida, Berenice Guedes, Maria Neta Peixoto de Lima, Maria de Fátima Souza Mafra entre outras mais recentes.

Mas, a pergunta que não pode calar é a seguinte: o que houve com a construção original da residência? Ocorre que a política, em toda parte, é feita de ciclos. Quando um termina, outro se inicia. O que se instalou no poder entre 1966 e 1967 (não citarei nomes), apesar dos protestos gerais, derrubou a histórica construção original e destruiu o jasmineiro de Auta. O objetivo dos macaibenses é procurar

preencher, agora, no objeto suprimido, o amor que um dia lhe foi furtado. Mesmo em parte, seja restaurada somente a fachada que dá para a rua Nair de Andrade Mesquita, porque data do século dezenove e o Instituto Pró-Memória de Macaíba dispõe de todas as fotos e informações que a Fundação José Augusto, as Secretarias de Cultura e de Educação do Estado e do Município julguem necessárias. Este é um posicionamento de todos nós integrantes da Academia Macaibense de Letras com vistas a sensibilidade dos atuais governantes.

VALÉRIO MESQUITA é escritor, autor de "Notas de Ofício" e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

PROVÉRBIOS PROVERBIAIS

Armando Negreiros

Existem pessoas aficionadas por provérbios. E, realmente, nada consegue exprimir tanta sapiência com tão poucas palavras. Usado na hora certa, o provérbio esclarece a dúvida, forma opinião, resolve qualquer querela e resume o pensamento de quem o profere. Também é chamado de máxima, sentença, adágio, ditado, dito, anexim, exemplo, refrão, refrém, rifão, sabedoria popular, enfim, **vox populi, vox dei...** Proverbiemos e proverbializemos, portanto.

Tem aquela história do indivíduo que tinha uma absoluta dificuldade em decorar provérbios. Contrariadíssimo, pois iria participar de uma brincadeira onde teria de citar vários adágios, procurou memorizar, pelo menos dois:

- Agua mole em pedra dura, tanto bate até que fura.
- Mais vale uma pomba na mão do que duas voando.

Passou o dia inteiro repetindo as duas frases, até que chegou a sua vez de pronunciá-las. E eis o que saiu:

- Mais vale uma pomba dura na mão do que duas moles batendo numa pedra até que fure.

Tivemos um professor de psiquiatria que, nas aulas práticas, testava o poder de abstração, a capacidade associativa e intelectiva dos pacientes, pela competência que estes tinham em interpretar provérbios. Mas o referido docente usava sempre os mesmos ditados:

- O que quer dizer mais vale uma pomba na mão...

O que nos levou a crer que a cultura do mestre era, sem trocadilhos, de uma pobreza proverbial.

PARA INGLÊS VER

A expressão surgiu por volta de 1830, quando a Inglaterra exigiu que o Brasil aprovasse leis que impedissem o tráfico de escravos. No entanto, todos sabiam que essas leis não seriam cumpridas, assim, essas leis eram criadas apenas "pra inglês ver". Daí surgiu o termo.

RASGAR SEDA

A expressão que é utilizada quando alguém elogia grandemente outra pessoa, surgiu através da peça de teatro do teatrólogo Luís Carlos Martins Pena. Na peça, um vendedor de tecidos usa o pretexto de sua profissão pra cortejar uma moça e começa a elogiar exageradamente sua beleza, até que a moça percebe a intenção do rapaz e diz: "Não rasgue a seda, que se esfiapa".

O PIOR CEGO É O QUE NÃO QUER VER

Em 1647, em Nimes, na França, na universidade local, o doutor Vincent de Paul D'Argent fez o primeiro transplante de córnea em um aldeão de nome Angel. Foi um sucesso da medicina da época, menos para Angel, que assim que passou a enxergar ficou horrorizado com o mundo que via. Disse que o mundo que ele imaginava era muito melhor. Pediu ao cirurgião que arrancasse seus olhos. O caso foi acabar no tribunal de Paris e no Vaticano. Angel ganhou a causa e entrou para a história como o cego que não quis ver. Já dizia Millôr Fernandes que o pior cego é o que quer ver, pois dá um trabalho danado...

ANDA À TOA

Toa é a corda com que uma embarcação reboca a outra. Um navio que está à toa é o que não tem leme nem rumo, indo pra onde o navio que o reboca determinar.

ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA, TANTO BATE ATÉ QUE FURA

Um de seus primeiros registros literários foi feito pelo escritor

latino Ovídio (43 a.C.-18 d.C), autor de célebres livros como "A arte de amar" e "Metamorfoses", que foi exilado sem que soubesse o motivo. Escreveu o poeta: "A água mole cava a pedra dura". É tradição das culturas dos países em que a escrita não é muito difundida formar rimas nesse tipo de frase para que sua memorização seja facilitada. Foi o que fizeram com o provérbio, portugueses e brasileiros.

JURAR DE PÉS JUNTOS

- Mãe, eu juro de pés juntos que não fui eu.

A expressão surgiu através das torturas executadas pela Santa Inquisição, nas quais o acusado de heresias tinha as mãos e os pés amarrados (juntos) e era torturado pra dizer nada além da verdade. Até hoje o termo é usado pra expressar a veracidade de algo que uma pessoa diz.

MOTORISTA BARBEIRO

- Nossa, que cara mais barbeiro!

No século XIX, os barbeiros faziam não somente os serviços de corte de cabelo e barba, mas também, tiravam dentes, cortavam calos, etc, e por não serem profissionais, seus serviços mal feitos geravam marcas. A partir daí, desde o século XV, todo serviço mal feito era atribuído ao barbeiro, pela expressão "coisa de barbeiro". Esse termo veio de Portugal, contudo a associação de "motorista barbeiro", ou seja, um mau motorista, é tipicamente brasileira.

TIRAR O CAVALO DA CHUVA

- Pode ir tirando seu cavalinho da chuva porque não vou deixar você sair hoje!

No século XIX, quando uma visita iria ser breve, ela deixava o cavalo ao relento em frente à casa do anfitrião e se fosse demorar, colocava o cavalo nos fundos da casa, em um lugar protegido da chuva e do sol. Contudo, o convidado só poderia pôr o animal protegido da chuva se o anfitrião percebesse que a visita estava boa e dissesse:

"pode tirar o cavalo da chuva". Depois disso, a expressão passou a significar a desistência de alguma coisa.

NÃO VI NADA, NÃO SEI DE NADA

Falada pelos políticos brasileiros corruptos. No menor pecado – o Sítio de Atibaia – Lula pegou nove anos e meio. Quando somar tudo não vai dar tempo para cumprir a pena... o que é uma pena!



ARMANDO NEGREIROS é médico e escritor, autor de "Na Companhia dos Imortais", "A Folga da Dobra" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio--grandense de Letras.

DO NASCER E DO PÔR DO SOL

Cláudio Emerenciano

Os mistérios e os enigmas da vida estão dentro e em redor de nós. Impõe-se a cada um, à sua maneira, desvendá-los sem cessar. Eis algo que o homem, em todo o percorrer de sua existência incorpora, agrega e amplia. É uma busca tão indômita quanto a de Ulisses na "Odisseia", tentando retornar ao seu reino de Itaca. Tão paciente e astuta quanto a resistência de sua esposa, Penélope, que ludibriava seus pretendentes, tecendo um tapete de dia e o desfiando de noite. Inabalavelmente convicta de que o marido, um dia, retornaria. E assim se passaram dez anos... O nascer e o pôr do sol a alimentavam e a renovavam de esperança. Contemplá-los, assimilá-los em seu significado, dotavam-na de uma percepção muito além das coisas reais e objetivas. A beleza sem fim, indescritível, insuperável, universal, possui um traje, uma vestimenta, uma configuração e uma substância, reveladores de sua origem: o amor e a simplicidade. Essa beleza é essencialmente da alma, do espírito, da sensibilidade e dos sentimentos, que projetam a condição humana numa dimensão transcendental. André Malraux, em seu clássico "A condição humana", identifica na capacidade de sofrer, perdoar, esquecer, partilhar, amar e sonhar uma espécie de plataforma, catapulta invisível, imaterial, que lança a humanidade no infinito. É a via de convergência do homem com Deus. Segundo o padre Teilhard de Chardin, é a identificação do "lugar do homem no universo". Antevisão precursora do católico inglês Gilbert Keith Chesterton, em seu monumental "Ortodoxia", uma ode à fé, ao amor e à inteligência.

O nascer e o pôr do sol, desde a infância, exercem sobre o meu ser, a minha alma, o meu estado de espírito, a minha percepção das coisas e da vida, uma influência ilimitada, mística e mítica. Desfrutá-los é uma espécie de êxtase, remetendo-me à reflexão e à fruição de esperança, ternura, paz, tranquilidade, confiança, deste-

mor e serenidade. Tudo começou quando, aos oito anos, no veraneio da Redinha, às margens do rio Potengy (praia do "Maruim"), acordava antes do raiar do dia, para, sentado num montículo de areia, contemplar as estrelas e ver as mutações de cores na abóbada celeste, devassada pelas primeiras e tênues claridades. Uma brisa fria parecia sussurrar-me. Murmurava os sonhos e os pensamentos que me acorriam. Fontes preciosas de ideias e fantasias. Anos mais tarde, adolescente, contemplava o pôr do sol da calçada da Igreja do Rosário, descortinando o lilás que encobria o mar e o rio. Aquele espetáculo tinha um toque de sossego e mansidão: eram os telhados das casas que, gradualmente, como degraus, debruçavam-se sobre o rio. Os que ali moravam eram como pontos luminosos de sentimentos, sonhos e vida. Junção generosa de realidade e imaginação.

Poucos livros são tão geniais, tão magistralmente escritos, de beleza estética inimitável, quanto "Lord Jim" de Joseph Conrad. É uma obra-prima. De forma clara, Conrad mergulha em pessoas, lugares e circunstâncias com a perspicácia de Balzac (o pai do romance moderno) e a profundidade psicológica de Stendhal ("O Vermelho e o Negro" e "A cartuxa de Parma"). Jim, mutilado por suas contradições, encontra no amanhecer e no crepúsculo rara percepção de felicidade e paz. Jim se redime de suas fragilidades em ato de imolação na defesa de nativos na Malásia. Diferentemente de Gilliat, herói de Victor Hugo em "Os trabalhadores do mar", que se reencontra em cada crepúsculo. Realiza ações nobres e corajosas. Mas, desafortunadamente, é tragado pelo mar na Normandia, antes de ver seu último pôr do sol. Hemingway dizia que a vida sorri em cada aurora e em cada entardecer. Será? Gabriel Garcia Márquez, em "Crônica de uma morte anunciada", atribui ao nascer do sol uma índole premonitória para antecipar a tragédia que iria acometer seu personagem. Eis um livro excepcional, bela e primorosamente escrito, que anuncia seu epílogo na primeira página, mas envolve o leitor numa torrente de acontecimentos, que suscitam curiosidade, surpresas e suspense até o fim da narrativa. Na tragédia "Júlio César", o gênio de Shakespeare imprimiu um ritmo quase alucinante à conspiração, que se articula madrugada adentro, com trovões e

relâmpagos, pressagiando e deflagrando a derrocada da república em Roma e convertendo-a, por anos, em palco da partilha de poder em triunviratos, até à instauração do império por Caio Otaviano César, sobrinho de César. Em toda a literatura e na História as alterações do dia e da noite estão presentes, associando-as às relações humanas, aos sentimentos e aos seus desdobramentos. Lembro-me, muito jovem, quando li toda a obra de José de Alencar. Em "Iracema" e em "O gaúcho" a alvorada, majestosa, suntuosa e arrebatadora infundia e renovava esperanças. Os principais personagens se nutriam do encantamento do amanhecer. Uma cena idílica, como se fosse a descrição do quadro de um Renoir, de um Van Gogh ou de um Gauguin, são as carícias do "turco" Nassibe em Gabriela, envolvidos pelas primeiras claridades do dia e deitados nas alvíssimas areias da praia de Ilhéus. Essas comparações são universais e atemporais. Para Eça de Queiroz em "A ilustre casa de Ramires" e "A cidade e as serras", o amanhecer e o crepúsculo se investem de sentidos múltiplos, vinculando seus personagens aos campos, aos vales, às montanhas e às planícies de Portugal. Alexandre Herculano em "Eurico, o presbítero" e "O bobo", apesar de ser considerado um escritor soturno, melancólico, descreve as suavidades das manhãs, que envolviam personagens de irrefreáveis relaxamentos. Nos meus tempos de infância a leitura dos livros de James Fenimore Cooper, Robert Louis Stevenson, Rafael Sabatini, Júlio Verne e Alexandre Dumas, por exemplo, fascinaram-me, também, por renderem homenagens às irrupções da mãe-natureza, dádiva da Criação. Aliás, o nascer do sol na baía da Guanabara, foi a última visão que D. Pedro II levou do Brasil ao seguir de navio para o exílio, onde faleceu.

CLÁUDIO EMERENCIANO é professor e escritor, autor de "A Rendição do Tempo" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

DORIAN GRAY NO CENTRO DE NATAL

Chumbo Pinheiro

Num fim de uma tarde chuvosa pelo centro da cidade as pessoas caminhando apressadas pelas calçadas para não se molhar ou para não perder a condução. No ponto de ônibus aglomeram-se e misturam-se vendedores, transeuntes e passageiros. Tudo é rápido, gestos quase mecânicos. Olhar em direção aos ônibus que estacionam na plataforma, mãos ocupadas com bolsas e sacolas, livros e celulares, cartão de passagem. Poucos com dinheiro e na maioria das vezes o dinheiro da passagem só é retirado da bolsa quando se embarca no coletivo, por medida de segurança.

Nesta correria, os olhares apressados, ocupados, se dão conta além do ônibus em que embarcarão, apenas dos objetos à sua frente a serem consumidos: na banca do açaí, no churrasquinho com cachaça ou cerveja, na banca do milho assado ou cozinhado, na banca da tapioca e da canjica. Ou ainda, se houver algum tempo o olhar se volta para o magazine que fica logo ali expondo a última moda, aquela linda blusa, esse moletom, essa ou aquela peça enfim.

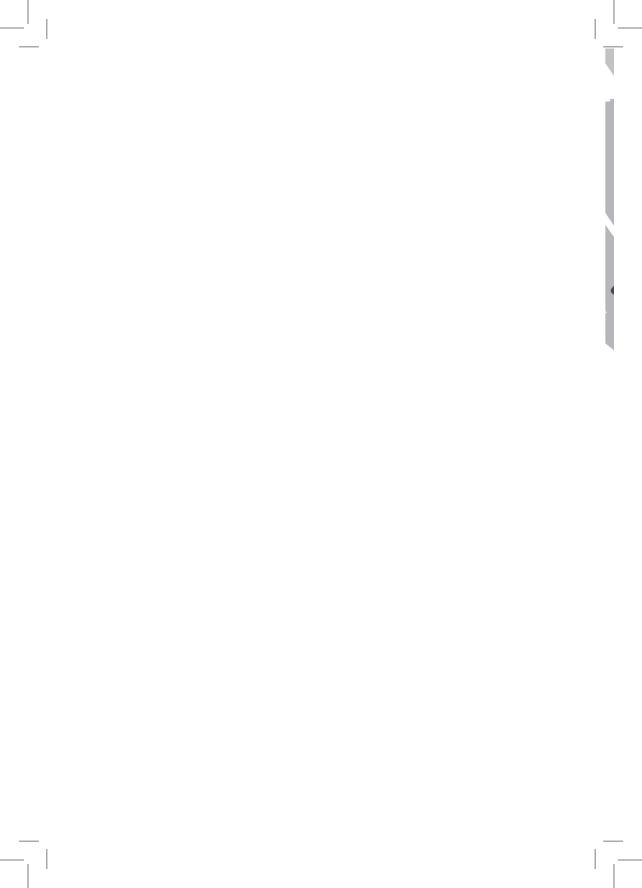
No entanto, o centro da cidade é muito mais que essa ânsia, essa pressa, esse desejo de consumo e vontade enorme de chegar logo em casa depois de um dia de trabalho. O centro da cidade é um lugar de múltiplos lugares e tempos. Um lugar do antigo e do novo, da conversa na praça e do discurso político, das caminhadas e das passeatas de protestos, do abandono e do zelo de suas ruas e becos, de prédios históricos e suas novas construções e de uma gente que trabalha e sonha, ri e reclama, de uma gente abandonada caminhando pelas calçadas sem rumo, a pedir ou a procurar alguma coisa que não sabe, mas sabe que perdeu.

Em meio a este alvoroço, também eu querendo proteger-me da chuva, sigo para baixo da marquise da grande loja de departa-

mentos da Avenida Rio Branco com Rua João Pessoa. E ali, num instante, me tomo de encantamento diante de uma obra-prima. Um painel feito em cerâmica numa das paredes externas da loja. Os desenhos, as cores, expressam a beleza artística da obra de Dorian Gray. O painel retrata a antiga residência que havia ali e foi demolida para construção da loja. Na obra de Dorian Gray a antiga residência aparece inteira, bela, brilhante e iluminada, encanto dos transeuntes que por ali circularam no início do século XX.

Fui transportado naquele momento para o interior daquela imagem, e das minhas memórias emergiram as imagens que ainda cheguei a ver: a antiga residência em ruínas. Reconstituí as lembranças e fiquei por algum momento embevecido pela grandeza dos desenhos e a beleza das cores, pintadas por Dorian Gray, que revelam a antiga residência e são um pouco da história do centro da cidade de Natal deixadas por um dos maiores artísticas plásticos da terra potiguar.

CHUMBO PINHEIRO é poeta e ensaísta. Bacharel em História e Ciências Sociais pela UFRN. Autor de "Alguns Livros Potiguares" e outros livros.



POEMAS

TROVAR LEVE TROVAR

Jarbas Martins

ROMANCE

a Irani, Maninha, quem amo.

Quero prender-me a teu ninho cheiro e cor de rosmaninhos perfumar por toda vida canto gaveta escaninho tecer-te flor merecida flor de oliveira escandida na palavra pergaminhos em estrofe distraída pólen abelha mel flor ida trino manhã passarinhos semente flauta chorinho longínqua pavana esquiva flor de jardim sempre-viva passadeira luz caminho

BREVE ROMANCE

a Tathiana de Oliveira, Musa Luso-Paulistana

Soberba e bela colhi na varanda um colibri. Me rendi a seus acenos justo quando a Estrela Vênus...

Suas mãos como uma tigresa me fizeram sua presa, minha insônia, meu assombro.

Cinco unhas em meu ombro, cinco punhais por meus dedos. Dedos trançados, segredos, seu rosto colado ao meu.

Nossos corpos se entendiam, calados o que diziam? "A nossa história é um camafeu."

LOUVAÇÃO (LEMBRANDO AS CANTORIAS DO SERTÃO **DE ANGICOS**)

a minha muito querida amiga Anne Guimarães Vinther

Louvo em teu cabelo um brilho, leve adorno em seu repouso. Primícias do teu esposo, precioso amor de filho. O odor no "i" do teu lábio quem soube te amar - bem sabe-o. Sabe o brinco (um brinde à orelha) ou um som da ave a pousar. Feito pontes - sobrancelhas por onde Deus passear.

Sei bem que, em medida velha, quão tosco é meu versejar... Agora, pergunte a Svante, se cabe a rima ou é desplante, se está certo o meu louvar.

CANÇÃO DE UM AMOR PARTIDO

a Nina Rizzi, quem me estendeu a mão de poesia na internet

Quando maio já desmaia - abril breve a aportilharimprovisei minha praia. Chegarei em uma barca, à guisa de vela, a saia que soube te arrematar. Teu esmalte como marca, vermelho tingindo o mar. Com teus lábios soube Deus corais e plantas pintar. E um ateu amor e seus caminhos de não chegar.

CANÇÃO DA ESPERA INÚTIL

a Dona Maria Emília Wanderley, em seu reinado no Sertão do Cabugi

Qualquer dia sem esperar notícias de tua vinda, chegarás na tarde finda, quando o sol põe-se a clamar com sua língua de fogo.

Virás tão breve centelha - um cravo preso à orelha.

Verás meu verso calar seu canto de hinos e rogo. Mas não verás transbordar o rio que trago oculto, em meus olhos, entre escolhos.

Ouvirás em um cais sepulto o tardo pranto do mar.

JARBAS MARTINS é Promotor de Justiça aposentado, poeta e escritor, autor de "Contracanto", "14 versus 14" e outras obras. Membro da Academia Norte--rio-grandense de Letras.

TRÊS PŒMAS PARISIENSES

Lívio Oliveira

Canal Saint-Martin

Por onde chego (margeando) leve.

Minimalismo do Sena: um ensaio-protótipo. Tudo ali se arrumando para os refluxos, reflexos, espelhos animados que deslizam nos caldos de prata.

> As luzes navegam no (f)rio e na folha do Plátano, que despenca, marrom-claro, sobre a minha testa sobre as minhas botas sobre a minha alma confusa e feérica.

Guardo a folha seca num livro.

Sigo o sentido excitante e sinuoso (decido me perder) de novo na cidade.

Shakespeare and Company

Gárgulas monstruosas miram atravessam janelas de vidro onde os livros estão juntos e se amam.

Há um rio. Basta alguns passos na ponte que liga sonhos. E os livros ainda ensaiam mais amores.

É pouca a marquise. Passo a testa sob a sua testa. Uma moça dança adiante e sorri: dentes brancos, boina e olhos verdes.

Outra me cativa ao piano.

Bebo na fonte parisiense e na língua inglesa. Procuro haikus. E os encontro. O Japão também cabe na escada multicolorida.

O(u)so as línguas todas (em) que bebo.

Catacumbas e Père-Lachaise

Não é a ideia de morte a me conter.

Persigo o ventre da cidade e os seios pequenos de bailarina do Moulin Rouge.

> Em algum canto secreto e úmido eu os encontro.

Não são os ossos antigos o meu muro. São as portas da cidade sombra-e-luz.

Meus pés se aquecem (se esquecem) nas meias da dama desconhecida porque nem Jim Morrison cantou ali: "The End".

LÍVIO OLIVEIRA é Procurador Federal, poeta e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de "O Colecionador de Horas", "Teorema da Feira" e outros livros.

VOCE É

Elder Heronildes

Voce não é sombra,

É claridade:

Não é oculto, é presença;

Não entorpece, revitaliza;

Não entorna, jorra;

Não retorna, flui e reflui;

Não estagna, é corrente que deságua;

Não é riacho, é rio;

Não se perde, acha;

Não só cria, como recria;

Não é só corrente, é cascata;

Não é a intemperança, é tempero;

Não é insosso, é o sal;

Não é o arremedo, é a vida;

Não canta, encanta;

Não é revelado, revela;

Não é sabido, é sábio;

Não foi, é.

ELDER HERONILDES é escritor, autor de "A Rua de Jaime" e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras e membro da Academia Norte--rio-grandense de Letras.

DOIS LIVROS

SONIA FAVOTINO

Não vou aqui resenhar. O impulso é só para desenhar em letras.

Meu pensar... Ou seria penar ?

O algodão tão leve macio entre duas cascas ou facas desfio...

Sem rastejos de mudanças, procuro a diferença dos algodoes séguindo os passos do elefante entre pedras e terras tórridas de costas ou de frente para o mar.

São dois os mares que guiam os passos pelo meu chão. Um é o que alcanço com a minha visão, o outro o meu coração alcança.

Sem saber o que fazer com a minha solidão,

Sigo rastros pelo vento

Não deixo cair no chão

Colho flores amarelas

Dos pés de algodão...

Enquanto leio concluo e rascunho palavras que digito Antes de seguir viagem no rumo do sertão.

Passando por Acari em direção ao Acarati.

Tone I the Havens

NATAL, NOVEMBRO, 2017

SÔNIA FERNANDES FAUSTINO é professora, escritora e poeta, autora de "Sonância" e outros livros, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

NECROLÓGIOS

NESTOR LIMA

Jurandyr Navarro

Excelentíssimo Senhor Presidente Diogenes da Cunha Lima, Familiares do Acadêmico Falecido, Senhoras e Senhores Acadêmicos

Necrológio do Acadêmico Nestor Luiz Fernandes Barros dos Santos Lima.

Nascimento aos 15 de outubro de 1921. Filiação: Deolindo dos Santos Lima e Clélia Fernandes Barros dos Santos Lima.

Estudou no Atheneu Norte-Riograndense. Formação: Bacharel da Faculdade de Direito do Recife.

Ao tempo da Segunda Guerra Mundial, da qual Natal foi um dos seus palcos, por convocação serviu ao Exército, deixando-o na patente de 2º Tenente. Em seguida, preparou-se, intelectualmente, para seguir a carreira de Diplomata, após cursar as disciplinas Inglês e Alemão, no Recife, como aluno da Faculdade de Filosofia e concluído, inserindo outras línguas, na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro.

Aprovado em concurso, em 1967, para o Itamaraty, e sua conclusão no Instituto "Rio Branco", no calendário de 1948. Inaugurou a carreira diplomática como Secretário de Embaixada, em Belgrado, durante o exercício de 1951 a 1953. Depois, serviu no México, durante 03 anos, a partir de 1954. Em seguida, no Cairo, de 1961 a 1964. Adiante, em Copenhague, até 1966. Depois, no Rio de Janeiro, na Divisão Cultural do Itamaraty, obtendo a promoção para Ministro, em 1967, servindo, posteriormente, em Tóquio, no espaço de tempo de 1969 a 1972; de consequência trabalhou na Venezuela, durante o período de 04 anos, contando de 1972. Neste último calendário recebeu a incumbência de servir, como Embaixador, em Paramaribo, deixando em 1982, para exercer, em São Domingos, seu último compromisso, até aposentar-se, após a promoção para Embaixador de Primeira Classe, no chamado Quadro Especial.

Eis, assim, exibida a síntese da sua atuação intelectual desde o Atheneu, até o término do seu desempenho como Diplomata Brasileiro, em diversas nacionalidades.

Por ocasião da sua posse, nesta Academia, ocorrida na festiva noite de 23 de abril de 1987, foi saudado pelo confrade, já falecido, Raimundo Nonato Fernandes, seu colega dos cursos do Atheneu e da Faculdade de Direito do Recife. Oração essa que traduz, de corpo inteiro, a sua vida, discurso do qual retiramos informações preciosas de sua enriquecida personalidade.

O seu genitor, Deolindo, foi poeta, cujo nome integra a luminosa constelação dos seguidores de Auta de Souza.

O parente, Nestor dos Santos Lima, portou-se em vida exímio intelectual interessado, por toda existência, pela cultura em geral. Nas Letras, deu seu nome à composição primeira da nossa arcádia natalense, idealizada por Luís da Câmara Cascudo, em 1936. No Magistério, projetou-se em liderança. No Direito, elegeu a Advocacia como preocupação dominante, na qual consolidou imagem vitoriosa pelo alto conceito adquirido nas lides forenses. E, na pesquisa relativa à História, obteve triunfo consagrador como Presidente da nossa "Casa da Memória", durante três décadas e alguns anos.

Outros parentes se interessaram, também, pelas coisas do pensamento, na linha do tempo.

Em suma, a família Santos Lima, tem dado o seu contributo valioso pela causa cultural de nossa sociedade, cujo legado é merecedor de aplausos.

E o Diplomata, Nestor dos Santos Lima, conferiu, também, a sua participação noutras esferas do saber.

Difícil mensurar a dimensão de sua atividade cultural, durante

a trajetória diplomática. Neste intervalo vivencial escreveu livros e outras publicações.

Obras editadas: "La Tercera América"; "Esqueça a Primavera, Irmão"; "Uma Varanda sobre o Nilo" - (Recordação do Egito de Nasser): "Três Anos com Ribeiro Couto", e outros.

Demais trabalhos, tidos para o autor como extra – profissionais: "Brasil, 300 Anos Depois", publicado no "Jornal de Letras", 1967; "Consciência Luso-Brasilidade", pub. no Jornal de Letras, 1969; "Contribuição para uma Biografia de Guimarães Rosa", pub. no "Jornal de Letras", 1969; This Space Ship Calleb Earph", pub. na Revista "PHP", Tóquio, em 1971.

Nessa produção intelectual coadune-se, ainda, palestras e escritos esparsos, tais escritos inspirados em viagens realizadas pelo Chuy, fronteira Brasil-Uruguai, subindo os rios Negro e Branco, de Manaus e Caracaraí, de Boa Vista, e Roraima e Santa Helena de Vairén, fronteira com a Venezuela, acompanhando os membros da Primeira Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, descendo as águas do São Francisco, de Pirapora, Minas Gerais, ponto terminal da navegabilidade do rio, até Juazeiro, na Bahia.,

Tais viagens foram descritas em publicações: "Nos Caminhos da Integração" (três volumes), o primeiro "Do Chuy ao BV8" e o segundo, "Águas, Rios Negro e Branco", editados em Caracas, em 1974 e 1975, respectivamente; o terceiro, "Águas do São Francisco", editado no Rio de Janeiro, em 1983.

Escritos outros: "Brasileiros e Japoneses ante um Bacamarte Lusitano", idealizado em Tóquio, em 1972 e publicado em 1980; "Las Peculiaridades Culturales Del Brasil y Extras Afinidades com Las de Venezuela", publicado na Revista Del Magistério, em Caracas, no ano de 1974; "La Imagem Del Brasil en Las Cartas de Bolivar", publicado em Caracas, em 1979; "Tropique as Habitat of Men", publicado em Paramaribo, em 1982; "O Roteiro da Redescoberta do Trópico Onde Nasci e me Criei", publicado na Revista do IHGRN.

No apogeu de sua representação acadêmica, recebeu a devida reverência dos seus ilustres pares, em reconhecimento à sua capacidade cognitiva. Assim procedendo, não se escusaram, os dignos confrades, ao apelo minerviano e saldaram a sua manifesta erudição, nas ocasiões devidas.

Era ele primo de Enélio Petrovich, que dirigira o Instituto Histórico por um largo período, com o qual prestigiaram a posse de Guimarães Rosa, na Academia Brasileira de Letras. Lembro-me que em toda visita que fazia a Natal, não deixava de visitar o velho templo do saber histórico, demorando-se em conversas descontraídas.

Numa dessas visitas resolveu permanecer em sua terra, fixando residência no litoral citadino, na chamada Praia do Meio, perto do vilarejo "Brasília Teimosa".

Essa residência, ficava na principal avenida da Praia, que recebeu o nome de "Sylvio Pedroza", antiga Avenida Circular.

Recordo-me, que numa noite de luar, fora eu convidado, juntamente com Veríssimo de Melo, acompanhado de nossas esposas, para um aprazível jantar, com o elegante casal, em dita residência, de onde se ouvia o sonoro ruído das vagas quentes do Atlântico, ali defronte.

Na aprazível morada ele e sua consorte permaneceram não muito tempo, deixando-a para retornarem ao sul do pais.

Lembro-me que o encontrava sempre, pela manhã, na dita praia, quando nela caminhava, com amigos e conhecidos, dentre os quais, Otto Guerra, José Anchieta, Alvamar Furtado, José Valdemício e outros. E sempre nos deparávamos com Nestor apanhando gravetos na calçada, no intuito de limpar a orla marítima. É que ele era dominado pelo impulso de ver tudo limpo ao seu derredor. Em Natal, foi um dos pioneiros desse mister, em nossa terra. Gesto nobre que o conduziu a participar de organização social em prol da preservação ambiental, higienizadora da vida urbana. Tal procedimento explica-se, certamente, por ter ele vivido, por longo tempo, em ambiência mais civilizada do que a nossa.

O seu colega de diplomacia e amigo, Ribeiro Couto, o alertara, que ele, Nestor, não se daria mais com a vivência em nações sul-americanas...

À medida que passava o tempo, Nestor dos Santos Lima se distanciava mais de sua terra, visitando-a, apenas, esporadicamente.

Fôra, o Acadêmico em questão, uma grande alma de existência proveitosa, exibidor de espontânea modéstia, a qual conquistou a minha amizade, a postura de retilíneo caráter. Atitudes corretas e convívio social afável.

Apreciador de atos culturais, mormente os realizados em salões do Instituto Histórico e da Academia de Letras.

Certa noite, em sessão de Necrológio do Acadêmico Esmeraldo Siqueira, por coincidência, por minha pessoa pronunciado, ele, Nestor, presente ao ato, criticou, de forma educada, a ausência de Acadêmicos em reuniões de interesse da própria Entidade, quando deveriam prestigiá-la, principalmente em atos especiais.

É que a sua ética cultural fora banhada em rios civilizatórios...

Vezes várias, presenciei a sua fala na Tribuna da Casa da Memória. Tinha-o mais como expositor do que como orador. Seu discurso exibia mais estilo didático. Seu ensino, mais aristotélico do que platônico, mais Santo Thomaz do que o Bispo de Hipona.

A sua produção realizadora e concreta era uma lição para os sonhadores de olhos abertos.

A convite do Presidente Diogenes da Cunha Lima e articulada pelo então Secretário Veríssimo de Melo, apresentou-se nesta Casa, "Manoel Rodrigues de Melo", idealizada por Câmara Cascudo, uma comitiva da congênere do Pará, sob a direção do Acadêmico Hilmo Moreira, destacado romancista da época. Acompanhava--o o confrade José Guilherme Campos Ribeiro, compositor e poeta; Alonso Rocha, e Acyr Castro, ao tempo Secretário de Governo. Corria o ano de 1988.

Na programação estava fixada uma Palestra Inaugural, sob a responsabilidade de um representante da entidade anfitriã. O escolhido fora o Acadêmico Nestor dos Santos Lima. E o fez em alto estilo. Nessa conferência, estabeleceu ele uma comparação sócio-cultural, entre as cidades de Belém e a de Natal. Mencionou natalenses que para lá emigraram. Disse ele: "Rômulo Maiorana, empresário, negociante no Grande Ponto, da Cidade Alta, convidado partiu para Belém e lá criou um império no reino das comunicações de massa, um grupo jornalístico e televisivo - "O Liberal".

Afonso Gadelha Simas, que para Belém mudou-se, ganhou prestígio nos meios comerciais, terminando como alto dirigente da classe". E acrescenta: "um ramo da família Meira, também fixou-se na bela Capital nortista, deixando descendentes ilustres. Assim o intelectual Augusto Meira Filho; o grande romancista e ensaísta Sílvio Meira; o escritor Cecil Meira e o arquiteto tropicalista Acyr Meira, são brotos de uma velha árvore potiguar, plantada às margens do Rio Amazonas, que o casal Augusto Meira Dantas e Dona Anésia de Bastos Meira, cujas raízes estão na rua Olinto Meira, no bairro "Barro Vermelho", desta nossa Capital.

E continua: "foi em Belém do Pará que o acadêmico Peregrino, Júnior natalense, ensaiou seus primeiros passos que o levariam, anos depois, às palmas da Academia Brasileira de Letras.

José Rodrigues Pinagé, intelectual potiguar que se sagraria o "Príncipe dos poetas do Pará", nascido em Natal, que para lá partira aos 16 anos, e aqui voltaria como membro da Academia de Letras do Pará, eleito em 1949.

Partira para Belém com a cabeça cheia de sonhos e o bolso vazio. A generosa terra paraense lhe dera fortuna e a cultura lhe conferira o "Principado da Poesia".

E, em seguida, aborda os que de lá aqui aportaram, na sequência nominal: "De lá, aqui ancorou, um dia, um menino louro e genial. Nele se escondia o talento musical, Oriano de Almeida, nascido no Pará e amadurecido em Natal, sob a batuta disciplinadora do professor Babini".

Outro que aqui fez nome, diz ele: Luís Maria Alves, nascido em Manaus, criado em Belém e amadurecido em Natal, cuja inteligência elevou o "Diário de Natal", à liderança da nossa imprensa".

E conclui, essa sequencia nominal, acrescentando: "nesse intercâmbio, destaco Alice Rangel Petit, professora primária, paraense, de nascimento, que montou na década dos trinta uma pequena escola na rua dos Tocos, hoje, Princesa Isabel, desta cidade, mestra de muitas gerações, fui seu aluno, que me inscrevo com afetuosa gratidão pelo que dela aprendi".

Nessa conferência o Acadêmico Nestor dos Santos Lima, destacou, nominalmente, a delegação visitante, expressando o seu depoimento sobre a mesma.

No seu discurso de posse, nesta Academia, Nestor dos Santos Lima, dentre outras considerações, mencionou parte do tempo passado ausente da sua Pátria, como um dos seus representantes, mundo afora.

Disse ele: "para mim, a carreira diplomática foi uma oportunidade única de conhecer o mundo, os homens e as culturas. Para aproveitá-la tentei de postar-me, sucessivamente, na Europa Oriental, na América do Norte e Central, na África do Norte, na Escandinávia, no Extremo Oriente, no norte da América do Sul, e no Caribe insular. Só não houve tempo para a Oceania, onde a Indonésia me encanta. Em toda parte ficou um pouco de minha vida." E indaga, interrogando: "Onde teria eu deixado mais de mim mesmo para a parada final?"

Trinta e sete anos afastado de Natal, incialmente para o Rio de Janeiro, e depois para o mundo, porém, disse ele, "Jamais cortei o contato, com os vinte e sete anos vividos anteriormente em Natal".

Nessa sua Oração, empossando-se na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, fez apreciações sobre as figuras de Câmara Cascudo, criador da Instituição, Mariano Coelho, o último ocupante da Cadeira e Manoel Ferreira Nobre, o seu Patrono.

Não teve ele inclinação pela Poesia. Declarou "sempre ter sido avesso a essa corrente", qual seja a de que a "poesia ter sido a escolha predileta dos intelectuais potiguares", desde que acordou para a vida cultural em geral.

Apreciava o Ensaio e o Romance.

Retornando a Natal, após longa ausência, disse: "agora retorno a inserir-me na terra que me viu nascer. O sentimento com o que me envolvo nesta nova fase de uma velha vida foi descrita lapidamente por Joaquim Dubellay, em 1954. Ouçamo-lo":

> "Feliz quem como Ulisses fez uma boa viagem Ou como aquele lá que conquistou o tosão E após retornou pleno de uso e razão Vive entre seus parentes o resto de sua vida"

E para concluir a sua oração de posse, assim se expressou: "O poeta lusitano, Camões, pensava nas suaves praias atlânticas do Portugal metropolitano. Mas sua poesia para mim sempre expressou o meu apego a este ensolarado rincão tropical, a cidade de Natal, tão amada por Cascudo e por meu pai, Deolindo Lima, o vate do Potengi das águas mansas, e de todos nós".

Continuando, repete ele o verso de Camões, tomando o significado para si:

> "Essa é a ditosa pátria minha amada À qual se o céu me der que eu sem contigo Volte com esta empresa terminada, Acabe-se esta luz ali comigo".

Terminando esta oração de Necrológio, acrescento que o Acadêmico Nestor dos Santos Lima, o primeiro e único Embaixador que teve assento nesta Academia de Letras, portou-se como sempre um Diplomata, tanto nas relações sociais quanto na sua atuação intelectual. Fora acometido, no final de sua existência, por uma doença que o impediu de revisitar a sua terra natal, que tanto amava. A sua ausência jamais narcotizou a lembrança da sua terra querida.

Assim, nunca esqueceu das "Actas Diurnas" de Câmara Cascudo, dos trocadilhos de Dom Marcolino; dos boatos do "Grande Ponto", do seu tempo e das conversas descontraídas do "Cova da Onça", na Ribeira...

PAULO BEZERRA

Eulália Duarte Barros

Hoje a Academia se reúne em "homenagem à saudade", para Paulo Frassinete Bezerra, um sertanejo que se fez médico, poeta, fazendeiro e escritor. Caráter excepcional, lealdade absoluta e uma simplicidade que o acompanhou durante toda sua vida e em todas as honrosas funções que ocupou.

> "Tudo se desfaz, menos os elos nativos que prendem o homem a terra. O homem será sempre prisioneiro de suas origens". (Jose Américo de Almeida)

> "Não se pode compreender o homem por via de consequência a sua obra, sem ir em busca das suas origens". (Palavras do Dr. Ernani Rosado ao saudá-lo no dia da sua posse na cadeira 12)

Ele nasceu de Silvino Adonias Bezerra e Maria de Jesus Bezerra, sendo o caçula dos dez filhos do casal. O dia 16 de julho de 1933 é o dia do seu nascimento. Foi batizado na Igreja Nossa Senhora da Guia apadrinhado pelo casal Doutor Joaquim de Meiroz Grilo e de Dona Geralda de Meiroz Grilo. Fez sua primeira comunhão no dia 8 de dezembro de 1941 nessa mesma Igreja e aí começou a sua devoção e o seu amor à Nossa Senhora.

Dizem os estudiosos das origens do Seridó que a sua mais antiga povoação foi Caicó chamada primeiramente "Vila Nova do Príncipe". Caicó tem uma bonita história de vida, de homens, de feitos, de heroísmo.

As origens e as raízes de Paulo estão fincadas em Acari, limpa e linda cidade do Seridó, a região mas contada, cantada e amada do Rio Grande do Norte.

Acari, desmembrou-se de Caicó, tendo como seu fundador o Sargento-Mor, Manoel Esteves de Andrade, que construiu uma capela com evocação de Nossa Senhora da Guia. Fez uma doação de meia légua de terra ao patrimônio da Santa em 1737. Essa capela é tombada por ser a mais antiga do Seridó e foi chamada Igreja do Rosário. Mais tarde, iniciou-se a construção de outra Igreja maior e foi concluída em 1863 para homenagear Nossa Senhora da Guia. Hoje padroeira do Acari.

Acari, na Ribeira do Rio Acauã, recebeu desbravadores vindos de Portugal, da Bahia e de Pernambuco que chegaram trazendo gado, fazendo currais, construindo Igrejas, fundando lugarejos, dando origens às famílias que se multiplicaram e se entrelaçaram.

Esta é a origem e a terra de Paulo. O seu chão, o seu berço, a sua vida. Em Acari ele nasceu, viveu e deixou a marca da sua identidade, sua integridade, a sua inteligência, o seus escritos, o seu viver. Ele é planta semeada que cresceu, floresceu e frutificou sem arrancar as suas raízes para outras ribeiras.

Paulo aprendeu a ler com a sua mãe, em casa, na carta de ABC, na tabuada e na palmatória. Depois com Porfíria Pires Galvão (Porfíria Aleijada) que foi sua importante professora fazendo que ele desasnasse (deixar de ser asno, burro). Pelas mãos dessa professora, passaram muitas gerações de homens e mulheres de Acari.

Com a continuação, foi para Caicó no Ginásio Diocesano recebendo atenção e cuidado do Monsenhor Walfredo Gurgel e Mãe Quininha. Depois frequentou o Colégio de Alfenas em Minas Gerais terminando o então chamado curso ginasial. Foi para Recife onde fez o vestibular na Faculdade de Medicina do Derby. Formou-se no dia 8 de dezembro de 1960 sendo orador da turma concluinte. Depois foi para o Rio de Janeiro onde fez especialização em Radiologia. Foi um dos fundadores do Instituto de Radiologia de Natal e foi o primeiro professor dessa disciplina na UFRN.

Paulo é detentor de várias condecorações: "Medalha do Mérito Médico", Membro Titular do Colégio Brasileiro de Radiologia, Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio Grande do Norte, ocupando a cadeira 24, tendo como patrono o doutor Odilon Guedes da Silva, um grande médico na cidade de Acari, Membro da Academia de Medicina, Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Membro do Instituto Norte Rio-grandense de Genealogia, Acadêmico eleito por unanimidade para a Cadeira 12, antes ocupada por Juvenal Lamartine, Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine, cujo patrono foi Amaro Cavalcanti (com exceção de Veríssimo, todos seridoenses).

Paulo e Oswaldo eram primos e parecidos no falar, no saber e no bem querer ao Seridó. Os dois estavam sempre em contato, em conversas falando da vida do campo, do cangaço, dos vultos do passado, dos costumes, e das mudanças desses costumes no Seridó. As conversas eram longas e ambos comungavam das mesmas saudades de pessoas e o viver do antigamente do sertão. Ambos escreviam no melhor estilo da linguagem sertaneja: franca, direta, verdadeira e incrivelmente poética e doce na sua dureza.

Oswaldo, em uma dessas conversas disse:

"Primo, vá cuidar da sua terra, vá escrever, e vá publicar os seus escritos para deixar a essa geração nova o nosso rastro". Paulo já cuidava da sua terra a fazenda Pintura. Escrever, já escrevia há tempos, mas sem vontade de publicá-los. Paulo foi sempre um amante de letras, tinha cadernos e cadernos com seus escritos e sua poesia. Com a sua memória privilegiada sabia de cor várias poesias.

Segundo ele diz foi criado em uma casa sem livros, como acontece geralmente na zona rural da época e foi estudado no livro "Fazendas e Livros" de Oswaldo Lamartine e Padre João Medeiros. Paulo gostava de ler e em sua casa só existiam dois livros chamados Adoremus, contendo orações, e a liturgia da Santa Missa. Essas eram as leituras de sua mãe. Ela escrevia em uma caderneta suas anotações e orações. E nessa caderneta tem a mais singela oração de uma sertaneja pedindo chuva:

Oh! Deus em que vivemos, Nos movemos e existimos. Concedei-nos a chuva conveniente Que nos faz tanta falta. Por Cristo Jesus, Nosso Senhor. Assim seja.

Meu pai não tinha livros, ele diz, mas mandou copiar à mão o livro "Secas contra Secas" de autoria do Dr. Phelipe Guerra, tomado emprestado a um seu amigo. Uma vez por semana seu pai mandava buscar na rua "Acari" os jornais de Natal.

Se os livros eram raros, comuns na casa, eram os folhetos de cordel, que narravam aventura, valentia, amor, cangaços ou fatos acontecidos. Essa literatura popular, própria do Nordeste feitas em sextilhas de sete sílabas criou a arte da Xilogravura, que impressa na capa, retrata o sentido dos versos.

Paulo lia, apesar das dificuldades em ter livros e escrevia desde cedo os poemas que não publicava.

Mas tarde depois de ver os escritos de Paulo, Oswaldo acrescentou em tom imbatível de chefe de clã:

"Você vai ocupar a cadeira onde eu me sento na Academia, onde sentou meu pai e Veríssimo de Melo".

Paulo não lhe deu atenção, pois essa honraria não estava em seus planos, nem em seus desejos. Ele é medico como missão, vaqueiro por esporte, fazendeiro por herança, escritor como mérito e poeta como fuga.

Como médico fazia as chapas (como eram chamadas as radiografias antigamente) e as interpretava com o seu abalizado diagnóstico. Se angustiava quando o laudo não era favorável, e difícil de dizer para o paciente. Mas, dizia com a segurança de quem sabe e a franqueza do sertanejo.

Como fazendeiro, fez da sua fazenda Pinturas o seu mundo de infância, de mocidade e agora com os dourados traços de outono.

A casa da fazendo Pinturas, é diferente das casas de fazenda do Seridó. Foi construída para a morada do Capitão José Sancho, com a planta do espanhol Francisco Estevan Villa Verde, com um toque de arquitetura rural espanhola do mestre que veio de longe. De perto, apenas os pedreiros de Acari.

Ela, é construída sobre extenso lajedo de pedra-rocha – um granito cinza, em uma área ocupada em 771 metros quadrados, com trinta janelas, 25 portas, 153 armadores de rede e 150 tornos.

Paulo gostava, conhecia e vivia o dia a dia do fazendeiro. Ele dizia que para conhecer o Seridó devia vivê-lo na seca e no inverno; o inverno, a água caída do céu guardada em potes, tanques, cisternas e cacimbas. A seca, as águas minguando, o céu lavado sem nuvens, a terra crestada, desnuda, esterilizada pelo sol. Gado com fome comendo cardeiro e xique-xique e aquele vento quente soprando como um assobio.

Só o juazeiro tingia de verde os campos cinzentos. Mas os campos além do juazeiro tinham a catingueira, o pereiro, o trapiá, o umbuzeiro, e as craibeiras que em certa fase do ano, se vestiam de dourado. No inverno o renascer do mato verde se estendendo em ramas, o cheiro do mofumbo, as flores pequeninas que nem nome tem. As juremas em flores branqueando o verde e o cheiro da chuva na terra seca molhando as serras, os matos e o chão. É o cheiro do Seridó. É a época farta e feliz.

Como todo fazendeiro Paulo gostava da apartação e vaquejada. Tinha cavalos bons e bons vaqueiros para a derrubada, e passou para Cassiano o seu filho mais velho, e para Julião o seu caçula, essa missão de não deixar morrer a vaquejada. A exemplo de seu pai, Silvino, correndo de morão em 1929, no cavalo Pé de Prata, e muitos anos depois Cassiano e Julião fazendo a mesma coisa em cavalos afoitos. Flávia e Micaela sabiam montar mas não faziam esteira para derrubada nas vaquejadas.

O seu pai Silvino, era o seu herói. Senhor de poucas letras e de saberes ancestrais, tudo sabia ensinar, sabia fazer e fazia.

Em um dos seus livros sangrando de saudade, Paulo fala do pai:

"A morte do meu pai, uma lembrança impertinente, chegou de mansinho e se enfiou no meu peito, e eu nem sei se isso é saudade".

"Minha mãe, uma mulher muito bonita", ele diz em outra carta:

"Tocava violão e cantava modinhas, sentada na soleira na porta da casa de Pinturas quando para lá nos mudamos em 1935". E completa: "A minha mãe morreu eu já era homem feito, no entanto ainda vive a iluminar meus passos".

Como vaqueiro, vestia com orgulho o "liforme" de couro curtido, o guarda peito, as perneiras, chapéu de barbicacho passado, o chicote entrançado, e as esporas brilhantes no sapato de couro curtido.

Essa armadura é de um vermelho pardo, como se fosse bronze flexível. Não tem cintilações nem rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poeirenta. Envolve o combatente em uma batalha sem vitórias, como diz Euclides da Cunha. O seu aspecto recorda vagamente à primeira vista, o guerreiro antigo. Paulo com esse "liforme" era um nobre com roupa de coragem.

Para marcar a posse do seu rebanho, todo fazendeiro tem um ferro.

O ferro indica a ribeira, o dono, apontando município de origem. As terras eram soltas sem divisas e quando apareceu o arame, diz Câmara Cascudo, o vaqueiro compreendeu a posse alheia e os seus limites. Terra, algodão e gado eram o tripé para alguém ser considerado rico naquele tempo: a pecuária é a própria história econômica do Rio grande do Norte e quase todos os seus municípios, nasceram nos pátios das fazendas ("Tradição Populares e Pecuária Nordestina, 1956").

O ferro é um traço, um desenho, um risco, um arremedo de brasão, uma insígnia qualquer caracterizando uma pessoa, uma família, um tronco familiar. Cada município tem o seu ferro: a ribeira.

A ribeira de Acari – um S com uma puxada no meio da letra.

Na parede de oitão da casa de Pintura, o ferro presenteado por Virgílio Maia, representa a heráldica primeira dos Balá.

É um marco da posse e da história do ferro herdado do seu bisavô Felix dos Garrotes, "hoje queimado no couro vivo das reses da Pintura no mesmo Seridó de sempre". (Como disse Virgílio Maia)

O rastejar era uma ciência para poucos. Se rastejava homens e animais. Os "rastejadores" achavam a três tresmalhada pelo rasto. Curavam a doença como a bicheira, desenhando no chão sobre o rastro, o signo de Salomão. Tiravam de cada ponta da estrela, um punhado de areia, e jogavam para trás por cima do ombro. Sem se saber o porquê desse ritual, o animal ficava curado.

Todo fazendeiro tinha o seu vaqueiro aboiador. "É um canto triste, ecoando saudoso nos descampados mundos". (Euclides da Cunha). É o morrer do dia com o aboio do vaqueiro juntando gado. É o chegar da boca da noite levando gado para o seu destino. O aboio é a oração do vaqueiro.

Henrique Castriciano fez o mais belo poema sobre o aboio.

"Por isso quando a voz do sertanejo entoa,

O lamentoso aboio, a gente queda e cisma

A letra da canção ninguém, ninguém conhece

Mas sabemos que ali chora e geme uma prece

Mas cujo pensamento ungido de emoção

Se coubesse num ritmo, era o do coração".

Havia os bons aboiadores, mas Paulo diz melancolicamente: "Hoje quase não mais existe dos costumes do seu tempo. Até o aboio sentido, já não ecoa tanto".

Falo agora sobre Paulo o escritor, que é o motivo maior desta sessão em homenagem à saudade que agora deixa vaga a cadeira 12.

Tudo começou com uma carta a Woden Madruga comentando sobre o peso de um touro chamado Jagunço, que pesou 774 quilos (o que não era comum) o que significava um boi com mais de 51 arrobas e 9 quilos. Paulo fala do touro com escondido orgulho: "Jagunço cresceu pisando quebradas da serra, com a barriga empanturrada de mororó, catingueira, panasco, maniçoba, milham e tudo que havia de sustança naquele espaço". E fez tanto sucesso com este peso do boi e eram tantas as perguntas sobre Jagunço que Paulo acrescenta: "Já ando de língua estropiada de falar desse touro".

Woden publicou a carta em sua coluna da Tribuna do Norte, e os leitores ficaram aguardando mais cartas com esse estilo diferente e próprio de um escritor rico de expressões sertanejas, revelando um falar quase esquecido.

Começa aí a sua carreira de escritor. Essa primeira carta foi em 31 de março de 1999, seguiram-se outras e ele concordou em juntá-las em um só livro que se chamou "Cartas do Sertão do Seridó", em agosto de 2000. Foi o seu primeiro livro com orelhas de Luís Carlos Guimarães e prefácio de Woden Madruga. "Outras cartas do sertão do Seridó" em 26 de agosto de 2004 com orelhas com fotos de ferro da heráldica Maranganha e o prefácio é uma carta de Oswaldo Lamartine. Seguiram-se outros livros em 2009 "Novas Cartas do Seridó" com prefácio de Vicente Serejo e orelhas de Jessier Quirino. E em 2013 o quarto livro "Cartas do Sertão do Seridó" com orelhas de Carlos Newton e prefácio de Sanderson Negreiros.

Há uma publicação de Paulo que fala sobre as origens do gado Malabar publicado pela gráfica Santa Maria em João Pessoa em 2010.

Paulo, nos seus livros, fala dos costumes, das comidas, do inverno, da seca, do chocalho, o aboio, das cercas de pedras, da linguagem dos sinos, da música, do trato do boi, da plantação do algodão, do candeeiro, da medicina popular, das andorinhas, o gemido dos armadores de rede, o arrastar das "apragatas" no escuro da noite. O misterioso, belo e sedutor açude aprisionado entre serras. E misterioso e belo, o açude Gargalheiras.

Nessas cartas Paulo revelou o sertão por inteiro e se revelou um verdadeiro sertanejo que escreve bem e corretamente. Sobretudo o seu amor aos seus antepassados e a sua bela Acari. É uma obra memorialista de maior importância para a literatura brasileira, que registra um povo, uma região, uma vivência, uma civilização.

Luís Carlos Guimarães escreve em um prefácio que "O passado é a referência mais viva de seus livros, relato e ensinamento das coisas que exigem permanência no tempo". No seu cantar o Seridó dos seus livros estão o real e o poético, o saudoso de pessoas importantes e humildes, com nomes e datas dos acontecimentos do dia a dia de cada um.

Sanderson Negreiros diz de Paulo: "Ele é um paisagista de linguagem, de um português seiscentistas, dos que descobriram a escondida humanidade da nobre terra do Seridó".

Vicente Serejo afirma que, nos livros de Paulo "a memória é impulsionada pela correia de força da transmissão oral, coletiva, ancestral e anônima".

Woden acrescenta que a linguagem de Paulo e a sua estética barroca faz lembrar por exemplo a de um Padre Antônio Vieira que entendia de sertões, e era tão bom em escrever cartas como em elaboração dos seus sermões.

É uma obra memorialista que além de cantar o seu Seridó, além de um escrever próprio retirando de velhos baús palavras que falem não só conteúdo, mas uma moldura ou uma melodia do falar do sertanejo. Parece com o Guimarães Rosa, mas Paulo não inventa palavras, vai buscá-las no viver do seu Seridó. Às vezes essas palavras parecem pedras, em sua dureza mas tem escondida uma sincera docilidade.

Por intermédio dessas cartas Paulo trás de volta tudo o que lhe foi caro no passado e preservando esse passado, acaba por preservar ele mesmo.

Sabemos, que carta é um gênero literário. Se formos usar o termo epistolografia, temos de louvar Eloy de Souza com as suas "Cartas do Sertão" e as de Hélio Galvão com as suas "Cartas da Praia" no Rio Grande do Norte e falar de outras cartas e de outros escritores. Em Eloy e Hélio dois estilos iguais na nomenclatura e diferentes no conteúdo. Um o sertão, outro, o mar.

Outros escritores norte-rio-grandenses também escreveram cartas, que serão analisadas em outros artigos.

Paulo também é poeta, sabia de cor muitos poemas, mas o seu poeta preferido era Augusto dos Anjos.

Em 2011, não sei qual a força familiar ou acadêmica o fez publicar um livro de poesias: "Rimas e Outros Versos Vagabundos" feitos desde 1949 em Recife, Caicó e o último na fazenda Pendanga em 1959. Outros poemas ficaram engavetados, aguardando uma merecida publicação.

Paulo continuava escrevendo e se correspondendo com Woden e conversando com seus colegas na Academia, e gostando de viver e de conversar e de escrever.

Sua ida para a Academia Norte-rio-grandense de Letras teve a feliz imposição de Oswaldo Lamartine, que já não estava bem de saúde. Prevendo algo pior pediu aos acadêmicos o voto para Paulo, quando a "Moça Caetana", o levasse. E quando isso aconteceu todos os acadêmicos já sabiam do seu voto para Paulo. Ele, Paulo foi obrigado a aceitar para homenagear Oswaldo e o seu Seridó. Eleito por unanimidade foi saudado pelo acadêmico e compadre, Ernani Rosado, em emocionado discurso.

No dia 4 de dezembro de 2008, Paulo ocupou a cadeira 12. Em uma das suas falas em seu belo discurso de posse ele diz:

"Aqui estou um pouco embaraçado, mas é minha obrigação estar aqui". E mais adiante: "Eis aqui no apogeu do que jamais busquei, mas que deixa no ar um cheiro de herança".

Paulo foi admirado, amado, respeitado. Foi amado por sua mulher, seus filhos, seus netos, seus amigos e admirado por seus colegas. O amor primeiro foi Zélia, sua mulher, sua namorada, sua companheira, seu bem querer. Cassiano, Flávia, Micaela e Julião são os filhos desejados, cuidados e amados. Esses filhos corresponderam não só com o grande amor filial mas com profunda admiração por esse pai que os educou com seu exemplo de homem de bem, homem de fibra.

Para os seus filhos, soltou-os como pássaros na liberdade do voo a escolha da profissão e da vida. Ele apenas dizia: "Sejam pessoas que marquem a sua vida com trabalho, honestidade e coragem". Eles aprenderam e são assim. Todos!

- . Daniel, Felipe Cassiano, Paulo Cassiano (Filhos de Cassiano)
- . Amanda e José Paulo (Filhos de Flávia)
- . Natália, Laura e Bernardo (Filhos de Micaela)
- . Maria Letícia (Filha de Julião)

Foram para eles um doce orgulho, o amor derradeiro, o amor despedida. Ele dizia que tinha três amores: 1º A sua família, 2º a fazenda Pinturas e o 3º Instituto de Radiologia, o que sobrava ele repartia com seus amigos.

Acari e Nossa Senhora da Guia as suas devoções. A festa de Nossa Senhora do dia 15 de agosto era o dia maior para os de Acari. Paulo estava sempre presente na calçada da Igreja para esperar a procissão. Quando a imagem de Nossa Senhora da Guia, ornada de ouro, aparecia na porta da Igreja, iluminada. O sol esperava Ela sair para poder se pôr. E o povo cantava o seu hino:

> No teu manto azul Senhora, Cheio de estrelas e brilhos Acolhe mãe nessa hora O coração dos seus filhos.

Nossa Senhora da Guia Padroeira de Acari

Nossos passos alumina

São os teus filhos daqui.

(Letra de Palmira Wanderley e música de Tonheca Dantas)

E aí Paulo se emocionava e rezava.

E a vida de Paulo continuava em Natal, na fazenda, escrevendo, proseando, convivendo com todas as pessoas que ele gostava. E dizia como Pedro Nava:

"Cuidando dessa gente em cujo meio nasci, e de querer recebi a carga que eu carrego, tenho de dizer a verdade e se possível toda a verdade".

Mas de um tempo para cá a "Moça Caetana" de Oswaldo Lamartine o estava seduzindo, com a sua mania de namorar homens de bem. Ele nem ligava e nem a temia. Em uma das suas cartas para Woden ele escreve com um pouco de cansaço:

"Eita que a vida vai distante, ligeira feita curisco em noite de trovoada e fugaz que nem zelação nas noites do céu cheio de estrelas". E depois com um pouco de melancolia, noutra carta ele escreve:

"Agora, meu camarada, é como diz o outro no refrão da vaquejada, 'eu vou me embora, eu vou me embora, até outro dia".

E emendava com a canção de Luiz Gonzaga quando ele canta Caribamba:

"Amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou".

E ele foi!

Tive a honra e a emoção de tê-lo como meu apresentador a esta Academia com a sua bela saudação à minha posse na cadeira 13 no dia 13 de julho de 2017, faltando três dias apenas para os seus 83 anos. Hoje, a honra é minha e grande emoção em falar de Paulo. A saudade é bem maior, mas a saudade é o amor que fica.

Natal, 4 de outubro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Cassiano Bezerra

Em nome dos familiares de PAULO BEZERRA, agradeço as manifestações de todos, em especial, a ACADEMIA que acaba de prestar, nesta sessão solene, uma das mais importantes homenagens que nosso pai recebeu. Obrigado, de modo particular, ao Presidente Diogenes da Cunha Lima, a Acadêmica Eulália Barros e a todos os presentes.

A Eulália Barros, gente de muita estima de nossa família, juntamente com seu esposo e nosso parente, Dr. Genibaldo, uma manifestação adicional de gratidão pelo zelo com que preparou o discurso e o carinho que dispensou a todos nós e ao próprio homenageado. Há pessoas e momentos - como este - que são guardados no coração. Dona Lalinha, ou Lalinha como assim ela exige que eu a chame, é uma amiga que já reside no coração da família Balá.

Por lealdade, uma palavra também de gratidão ao Cônego José Mário e ao Padre João Medeiros Filho, nosso tio por afinidade, que celebraram missas e dirigiram orações por ocasião do falecimento de nosso pai.

Somos gratos pela convivência com ele e por todos os exemplos que dele recebemos. Aliás, depois de sua partida, nosso afeto somente tem aumentado diante de tantas mensagens emocionantes que recebemos de pessoas próximas e distantes que nos relataram casos, gestos, palavras por ele ditas e que marcaram famílias e vidas.

Agradecemos a Deus, pela força da fé que professamos, a vida e a obra de Paulo Balá! Temos consciência que o sertão por ele noticiado está mais distante e mais saudoso. Mas, a terra dele também é a nossa. A casa, aliás, continua de portas abertas para a boa prosa e a contemplação das coisas que ele guardou e pelas quais nutria tanto zelo. Os amigos e amigas, membros desta Casa de Letras e Cultura, são permanentes convidados para o mesmo café da Fazenda Pinturas, no Acari de nossas raízes, destacado cenário das cartas dos Sertões do Seridó. Lamentavelmente ele não estará fisicamente presente. Mas, tudo por lá fala por ele. Mesmo em silêncio, a voz dele, com o palavriado próprio de quem era sábio - sem petulância é ouvida na casa e nas serras das Pinturas com saudade e reverência.

Saibam também da estima que ele manifestava por cada um dos membros desta Academia. Vossas Senhorias foram, de fato, os últimos grandes amigos (e amigas) de nosso pai. Pessoas com as quais ele gostava de conviver. Atividades, enfim, que ele realizava com satisfação, consciente da responsabilidade de suceder seu amigo e primo Oswaldo Lamartine, um dos maiores do Seridó de todos os tempos.

Para esta casa, ele continuará imortal pela qualidade do seu legado literário, pela boa convivência, e pela amizade.

Para nós familiares e amigos, ele continuará conosco pela imortalidade da saudade, pela liderança em agregar a família e fazê-la gostar das mesmas coisas e trabalhar em torno dos mesmos projetos. O privilégio de tê-lo, portanto, é imensamente maior que a partida, mesmo sentida e saudosa, que nos faz sofrer desde o último 21 de julho.

De modo que, a todos os Acadêmicos - senhores e senhoras - a mais apurada gratidão da família de Paulo Balá!

MISSA DE TRIGÉSIMO DIA DO DOUTOR PAULO E. BEZERRA (PAULO BALÁ)

Pe. João Medeiros Filho

Já é lugar comum, em minhas homilias e reflexões, começar com a citação do Salmo 90. "Nossos anos são setenta. Se formos abençoados, viveremos oitenta. O tempo passa rápido e depois levantamos o voo" (Sl 90, 10). A poetisa mineira Adélia Prado inspiradamente disse que "a sabedoria e a poesia são as asas da alma, que nos levam até Deus". Meu grande amigo, Paulo Balá, sábio das coisas do sertão, poeta da realidade do Seridó, por muitos amado, voou para o colo de Deus, para "os braços da Paz", segundo os versos de Nando Cordel e Dominguinhos. Sentimos saudades "do teu olhar carinhoso, do teu abraço gostoso".

Somos viajantes, tangedores da vida em busca do Infinito. E como ninguém, pela sua fibra e grandeza interior, honradez e simplicidade, elegância e lhaneza, Paulo Bezerra foi o vaqueiro de todos nós, levando-nos a renovar as energias nos campos de sua rica fazenda cultural, a saciar nossa sede nos mananciais da esperança, apontando as fontes da alegria e da serenidade.

Há uma lenda entre os índios kadiwéus, transcrita pelo antropólogo Darcy Ribeiro, afirmando que "a morte leva à vida oculta e silenciosa do ser vivo". E acrescenta: "Aqueles que amamos não morrem, transmigram". Santo Agostinho, tão humano e místico, ensinava a seus diocesanos de Hipona que só a morte nos faz semelhantes a Deus. Este é abscôndito e silente, portanto mistério. E a morte nos leva a esse mistério inefável. Dele um dia saímos e para Ele voltaremos, pois somos peregrinos do Eterno, romeiros do Infinito. "A morte é apenas o cavalo selado, que nos leva até a porteira de Deus", expressou-se, um dia, Oswaldo Lamartine, tão próximo e tão irmão de Paulo. Ambos estão no céu escolhendo o aboio mais bonito, que possa alegrar os anjos e os santos da Eternidade.

Hoje estamos com o grito da saudade, preso dentro de nós. Ela é a presença do ausente, aparentemente tudo o que fica daquele que não ficou. A saudade é o distante dentro de nós, a voz silenciosa do ausente. Mas, Deus existe também para nos curar da saudade. Não queiramos falar ou escrever muito, porque a palavra é pobre e pode espantar ou cansar.

Apraz-me lembrar, como cristão e sacerdote, que Paulo Bezerra era um homem de fé, cheio de Deus. Não aquele Deus da liturgia, dos ritos e das cerimônias, mas o Deus do Amor e da Beleza, que plasmou a vida do homem simples e sertanejo, pleno de riqueza, da encantadora e inefável sabedoria, que ele tão precisamente descreve em sua obra literária, mas sobretudo no pulsar do seu coração. Em algumas conversas, Paulo me dizia que Cristo, na sua vida terrena, não costumava administrar sacramentos; missa só uma celebrou; confissões fez algumas, como aquelas que tocaram a alma da samaritana e o coração de Madalena. Não se encontra Jesus nos evangelhos batizando, crismando, casando. O Mestre é um Deus que anda, conversa, fala, ouve e sente as angústias humanas, um Deus que ama e perdoa. O Evangelho está repleto de Cristo que ensina e orienta, compreende e ilumina: "Ninguém te condenou? Eu, muito menos. Vá e não peques mais" (Jo 8, 10-11). Para Paulo Balá, Cristo era o mais perfeito de todos os radiologistas. Tinha a mais nítida imagem da alma humana, com suas doenças e limitações, tropeços e pecados.

Toca-nos, ao adentrar a sala da entrega de exames do Instituto de Radiologia de Natal (na sua sede do Tirol) e encontrar, belo e soberano, um painel da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia, do Acari, onde foi ele perfilhado por Deus e amadrinhado por Maria Santíssima, a Mãe de Deus e Mãe Nossa. Uma alma cheia das coisas do Infinito é possuidora de tais gestos. A belíssima foto é simbólica. Indica-nos que Maria Santíssima é igualmente a Senhora dos Remédios, que ameniza a dor, o sofrimento da alma e enxuga as lágrimas do coração.

Saudades de Paulo Balá, do fazendeiro nobre e fidalgo, do médico simples e humano, um eterno aprendiz, que nos faz lembrar

o poeta: "cantar a beleza de ser um eterno aprendiz". Faltar-me-á nos dias que me sobrarão o meu amigo, homem de fé, que irradiava um profundo amor a Deus, que – segundo sua própria expressão – queria que ele fosse um amante da Palavra divina, pois Cristo é o Verbo de Deus, diante do qual Pedro – quando instado pelo Mestre se iria abandoná-lo – exclamou: "A quem iremos, Senhor, só tu tens palavras de Vida Eterna" (Jo 6, 68). Paulo Balá ensinou-me que "a Verdade é oração verdadeira e o Amor, sacrário onde fica Deus".

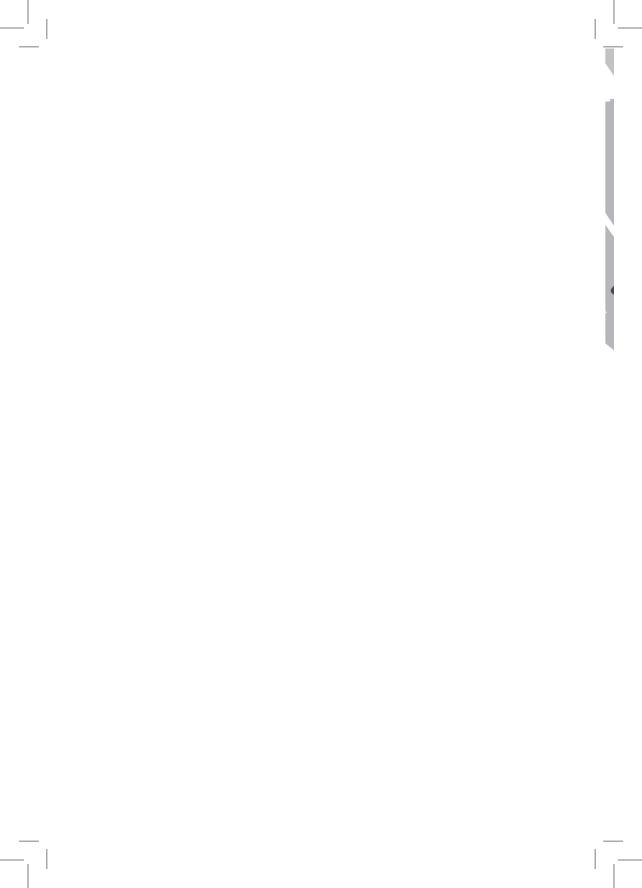
Agora está no céu imortalizado, o homem do sertão, o dono de Pinturas, marcando [ferrando] outros bois, apartando outros bezerros, ordenhando outras vacas, selando e montando outros cavalos, tocando outros búzios, cantando com o seu vozeirão sertanejo as belezas da vida. Pertinho de Nossa Senhora, a divina Mãe Compadecida, rosto materno de Deus, ele fala manso e suave: "Mãe. seja a Senhora a guia de Zélia, Cassiano, Flávia, Micaela e Julião e meus netos". Meu grande amigo pedirá a Cristo que continue sempre sendo o vaqueiro dos seus filhos, familiares, amigos, sentinela e guardião de uma das suas maiores obras - depois de sua fé e seu amor - o Instituto de Radiologia de Natal.

Por fim, grande amigo e colega, aí na imensidão do Céu, dê por mim um abraço saudoso em Oswaldo Lamartine, Padre Cortês, Geraldo Galvão, Chico do Padre e tantos amigos – especialmente os mais irreverentes – com os quais convivi nessa aba da serra e nesse sertão, pobre de água, mas rico de hospitalidade e grandeza de almas.

Um dia encontrar-nos-emos todos para celebrar o grande banquete dos justos e dos eleitos de Deus. Paulo, amigo imortal, desfrute das maravilhas celestiais, passeando nos jardins do Paraíso, cofiando o seu bigode, rindo dos bobos que se acham sábios ou donos da verdade, aqui na terra. De perto de Nossa Senhora da Guia, amigo velho – como eu o chamava sempre – olhe e ore por nós. Ah! Não se esqueça de pedir a Cristo água para o Açude de Gargalheiras e muito pasto verde para as terras de Pinturas. Paulo Balá, seus filhos e netos cuidarão do seu amor e nos ajudarão a eternizar as suas virtudes. Oxalá, o seu sucessor na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras continue defendendo e conservando viva a chama de nossa cultura regional, como fizeram com maestria seus antecessores, Juvenal, Oswaldo Lamartine e você.

Um abraço do seu amigo "Vigário".

Natal, 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Guia, de 2017.



NOVOS ACADÉMICOS

SAUDAÇÃO AO ESCRITOR HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO PELO ESCRITOR VICENTE SEREJO

Senhor Presidente.

Senhoras e senhores acadêmicos,

Minhas Senhoras.

Meus senhores.

Venho, meu querido amigo Humberto Hermenegildo, carregando aquelas mesmas palavras de Edgar Barbosa, na noite de 22 de dezembro de 1949, quando recebeu nesta casa seu amigo Américo de Oliveira Costa, e a quem sucedi, principalmente porque são palavras também merecidamente suas:

__ Não sois um viajante que por acaso chegasse, sob a calma da noite, batendo à porta com as mãos vazias.

Há uma transcendência em tudo. É este sincronismo inexplicável que hoje faz você assumir a Cadeira 2 desta Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, exatamente aquela que tem como fundador Henrique Castriciano. É que você faz parte daqueles intelectuais que Edgar Barbosa viu, há 68 anos, como os herdeiros de Henrique. Aqueles de quem se deve esperar - nas palavras de Edgar - 'O solene compromisso com sua memória'. E mais, advertia ele, saudando Américo: 'O dever de reagir contra o falso êxito e a demagogia desenfreada que tentam incutir nos jovens a estranha violência de uma notoriedade alcançada com um pé na subserviência e outro no ridículo'.

Dois anos antes do seu discurso de saudação a Américo de Oliveira Costa, na edição de 26 de julho de 1947, de A República, ao receber a notícia de que o poeta de Ruínas e Vibrações acabara de fechar os olhos, para sempre, num quarto da Policlínica, Edgar Barbosa escreveu a mais bela de todas as despedidas.

E não o fez para saudar o filho de ricos que morria pobre, como lembra na sua crônica. Nem o homem importante que fora duas vezes vice-governador, presidente da Assembléia Legislativa e primeiro Corregedor e primeiro Procurador Geral de Justiça. Mas porque Henrique era universal na sua cultura, com suas idéias fundadoras da modernidade nesta vida aldeã. Edgar, um dos mais refinados intelectuais da história literária do Rio Grande do Norte, compara Henrique a um Príncipe de Golconda –

... talentoso e humilde a esbanjar numa aldeia de vaqueiros e pescadores, o seu amor e a sua fortuna.

Ah, caríssimo Humberto, quantos ciúmes você não despertou na sua própria casa, a Universidade, onde foi tudo. De auxiliar de ensino a professor titular. E tudo relevou, porque sua simplicidade foi sempre tão grande quanto seu saber e seu talento. Nunca brigou pela glória e, no entanto, ela veio tantas vezes, e tão naturalmente, sem que nunca lhe nascesse o sinal da prepotência a tisnar sua alma com o azinhavre da frustração.

No seu rosto jovem, e apesar de sua rica experiência intelectual e pedagógica, sequer ainda nasceram as rugas que para Mário de Andrade são os caminhos por onde a vida passa. Que bom tê-lo aqui. Esta casa precisa de sua juventude, da sua serenidade de espírito e da sua cultura sobre a vida literária que se faz nesta vila, há mais de um século.

Venho nesta noite - e você sabe - como o bom ladrão que precisa roubar de Simone de Beauvoir a sua expressão de despedida de Jean-Paul Sartre, para também celebrar aqui a Cerimônia do Adeus.

Venho para encerrar minha pequena carreira de orador acadêmico, sem negar o privilégio de ser para você minha última saudação nesta tribuna. E olhe que aqui, e sendo apenas um repórter, ousei todas as ousadias. Saudei a Oswaldo Lamartine, o inesquecível; o século do grande orador Paulo Viveiros; o brilho de Ivan Maciel; e o talento de Cassiano Arruda Câmara. Hoje - vaidoso e feliz - saúdo a você, honrado pelo convite.

Agora basta.

Deixo aqui, pregadas nas paredes desta Casa de Manuel Rodrigues, as palavras que lancei em voz alta. Algumas felizes, brincando nos lábios como crianças travessas; outras tristes, como pássaros feridos. Mas a nenhuma delas neguei o primeiro vôo. Serei apenas um eleitor e um ouvinte. Outras vozes virão e minha voz ganhará outros campos. Como nos belíssimos versos do poema de Paulo Mendes Campos, quando avisa:

[...] se um dia chegares como eu cheguei, a uma campina de horizontes arqueados, não te intimidem o uivo do lobo, o bramido do tigre; enfrenta-os nas esquinas da selva, olhos nos olhos, dedo firme no gatilho.

A primeira vez que ouvi você falar, faz tempo. Foi numa mesa de conversas no velho auditório do então Instituto de Antropologia, hoje Museu Câmara Cascudo. Estávamos ali expondo nossas impressões de leitura em torno de Câmara Cascudo, sua presença no Modernismo brasileiro e no Regionalismo de 30. Você, parece, cursava o mestrado. Começava sua carreira no magistério superior. Um jovem de bigode e barba escuros, olhos claros e vivos. Um rapaz sertanejo que nem bem saíra dos espinhos e das flores do sertão para viver entre os primeiros espantos e descobertas intelectuais.

Algum tempo depois, em 1995, o primeiro livro desentranhado de sua dissertação - Modernismo - anos 20 no Rio Grande do Norte, defendida junto ao Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, São Paulo. Dois anos mais, lançava sua tese de doutorado na Universidade Federal da Paraíba - O Lirismo nos Quintais Pobres, edição Fundação José Augusto, 1997.

Foram seus primeiros olhares como leitor e estudioso da estética modernista com um foco vertical na poesia de Jorge Fernandes. Um Jorge decomposto em vários Jorges, contextualizados e circunstanciados um a um, mas sem negar o pioneirismo do professor Francisco das Chagas Pereira, assim como foi o professor e escritor Tarcísio Gurgel o sistematizador da presença definitiva da literatura do Rio Grande do Norte na grade curricular da graduação e pós--graduação do curso de letras da UFRN. Você deu o passo seguinte e definitivo com o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio--Grandense.

Foi você, há exatos vinte anos, que viu no poeta do Livro de Poemas publicado em 1927, setenta anos antes de sua tese, aquele Nordeste não edênico, seco e magistral, aquele da Canção do Inverno, de Jorge Fernandes, que diz assim:

Te dou os eitos De cem mil covas Pros algodões...

Um ano depois, você larga o eito do lirismo, sobe no alto de um lajedo e lança os olhos sobre a vastidão de uma bela aventura literária sobre a obra Cascudiana. Fascinado pela descoberta de outros mundos e outros chãos, habitados pelos bichos do quintal de Canto de Muro, o singular e genial Romance de Costumes de Câmara Cascudo.

Poucas vezes, Seu Hermenegildo, este Rio Grande do Norte de tantas e tão alegres fanfarras literárias, leu algo tão bem perscrutado na obra de Câmara Cascudo como o seu vôo nas Asas de Sófia. Um ensaio de 1998, Prêmio da Capitania das Artes, e edição da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte.

Não era mais uma simples curiosificação da obra Cascudiana, com o gracejo inútil de florilégios que enchem livros e esvaziam ideias. Nem era apenas um artifício de realce em torno da coruja, personagem-síntese de Cascudo em Canto de Muro, mas a cerzidura de todas as manifestações da alma humana soprada em cada bicho.

E o exercício da ensaística nos seus talhes mais refinados. Aquele escultor que de olhos fixos no bloco de mármore vai retirando excessos, nos lances exatos do olhar, como se fora um cinzel: camada a camada, até que a escultura se erga, liberta e perfeita.

É exato o seu corte ao sacar do texto de Cascudo não uma mera citação que lhe servisse de epígrafe, mas o próprio sentido do seu ensaio, quando destaca a descrição Cascudiana do vôo lento e pesado de Sófia na madrugada ficcional. Sófia nobre e austera, no seu vôo macio e agudo, como Cascudo descreve, sobre:

... a placidez das coisas adormecidas e a vida palpitante que continuava, terna e dominadora, matando, amando, morrendo, para reproduzir-se.

Ora, Humberto, não fossem tão pobres minhas qualidades, feitas pobremente e tão só, da admiração e do bem querer, diria que ali estão - nas menos de cem páginas do esvoaçar de Sófia - as suas credenciais de pensador da grande arte que é a literatura. Foi ainda em 1998, longe, praticamente duas décadas, da sua trajetória intelectual que veio depois e que você concluiu como professor-titular com as credenciais de pós-doctor.

Impressiona, há vinte anos, você ter compreendido tão bem e tão precisamente que estão no exercício ensaístico a pedra e a cal da argamassa de construção da obra Cascudiana. Como o Fio de Ariadne a costurar tudo o que veio depois - a carne do seu corpus, os tecidos dissecados um a um, fixando, desde o primeiro livro - Alma Patrícia, em 1921 - a certidão de nascimento da literatura do Rio Grande do Norte.

Ali, em Canto de Muro, estão escondidos o ex-aluno de Medicina e também o grande humanista e até o filósofo. Ao escrever o Romance de Costumes, em 1957, publicado pela José Olympio em 1959 - com intensa repercussão nacional, como registra Zila Mamede - Cascudo foi buscar nas velhas leituras que deixara guardadas na memória do acadêmico de medicina, as grandes lições de História Natural de Georges-Louis Leclerc, o Conde de Buffon, que cita nove vezes, e os estudos de Jean-Henri Fabre. Buffon, o estudioso da vida animal; e Fabre, o entomologista da vida dos insetos que o mundo conheceu, respectivamente, na Paris dos séculos dezoito e dezenove, como fundadores de um novo saber.

Em Canto de Muro - livro que foge às mais comuns classificações de gênero e uma das minhas fascinações como criação literária estão reunidos todos os Cascudos: o leitor, o historiador, o ensaísta, o sociólogo, o etnólogo, o ficcionista, o gênio.

Ali está o criador de um mundo feito de bichos, mas profundamente humano. Todos carregados de ódio e de amor, de grandeza e miséria, da virtude e do pecado, da gula e da fome, da ira e do perdão, porque são humanos. A inveja, o prazer e a dor, a tristeza e a alegria, o rancor, o medo, a tristeza e o tédio soprando vida humana na coruja, no sapo, na aranha, no xexéu, no guabiru, no escaravelho, no grilo, na serpente, na lagartixa, no canário, na galinha, no guaxinim, no escorpião...

É lamentável a incúria intelectual da editora Global ao lançar a quarta e mais recente edição, em 2006. Suprimiu o subtítulo designativo da própria gênese: *Romance de Costumes*. A justificativa? Nenhuma. Que tolos! Eles, os editores da Global, sequer sabem o que fazem. É um Romance de Costumes, sim. Ali está, e vive, uma pequena humanidade genialmente concebida por Cascudo. Por isso costumes e não hábitos. Cascudo leu A vida dos Insetos e Costumes dos Insetos, ambos lançados em Paris, respectivamente, em 1910 e 9011, e até hoje sem tradução no Brasil. E percorreu - as citações demonstram - os dez tomos das Memórias Entomológicas, de Jean-Henri Fabre. Dai ter fixado costumes e não hábitos. A vida na plenitude e não o ritmo maquinal dos gestos. Escreveu criando e humanizando cada bicho para que neles nascessem e vivessem como personagens vivos de uma quase rapsódia, tão genialmente musical nos seus ritmos, nos seus lances, nas suas descrições e narrativas vazadas em frases sonoras.

Não é por acaso que Sófia, a coruja, é venerada, como certas damas da sociedade. Que Títius, o velho escorpião, tem passos lentos e trôpegos. O grilo é um tenor. Gô, o guabiru, é lerdo e cínico. Raca, a cobra, tem o olhar sinistro como algumas pessoas. Tim, o calango, é um vagabundo. Niti, o bacurau-mede-léguas, é malandro e mexeriqueiro. Catá, o urubu, é frio e disciplinado. E Quiró, o morcego, não sabe ser cordial. É que os bichos de *Canto de Muro*, o mundo que Cascudo criou, imitam a vida nas suas humanas virtudes e humaníssimos defeitos.

A força do vôo de Sófia é gerador de dois textos acadêmicos publicados em 2006 que formam a base do núcleo ensaístico de sua obra, Humberto: Leituras sobre Câmara Cascudo e Modernismo Potiguar: roteiro para um documentário, ambos lançados pela Ideia, editora paraibana. Ainda em 2006, embora a dissertação de mestrado e a tese de doutorado já estivessem publicadas em 1995 e 1997, lança os ensaios reunidos em Matéria de Passagem, leitura de teoria literária e literatura brasileira, edição da Ideia.

Deve ser lido na dimensão de um rito de passagem, à La Malinowski. É o teórico que está ali, na vastidão do saber: o estudioso da epopeia nas perspectivas de Adorno, Horkheimer e Auerbach; dos trovadores galegos desde Dom Dinis, das relações do escritor com a matéria da narrativa, e com a poesia de João Cabral. Um pequeno e belo conjunto de grandes exercícios teóricos buscando aproximações.

Em 2008, você volta a Jorge Fernandes. Não para outra vez esmiuçar sua poesia, mas com uma revelação. A presença do poeta em velhos escritos - cartas, revistas antigas, textos esquecidos. A tempo de lembrar os oitenta anos da visita de Mário de Andrade. Não descuida de organizar alguns livros, ao lado de colegas e orientandos, mas levanta seu vôo de circulação nacional. É um dos ensaístas de Regionalismo, Modernismo e Crítica Social na Literatura Brasileira, edição Nankin, São Paulo, 2010. Você é o organizador, numa parceria com a professora Irenísia Torres de Oliveira, da Universidade Federal do Ceará. No seu ensaio, O Canto Glorioso da Provincia, a partir de Mário de Andrade e apoiado em bibliografia erudita, você ergue, por entre o bailado da gesta popular, uma visão iluminista ouvindo, na companhia de Antônio Cândido, a força redentora da poesia num canto de Boi de Reis.

E vasta e rica a sua circunavegação ao longo de mais de duas décadas de produção intelectual. Passo na ilharga de alguns artigos e ensaios e lanço âncora no beiço de um rio de águas que reúnem a nossa fascinação pessoal, a minha, de leitor, e a sua, de ensaísta: o livro Trinta Estórias Brasileiras, edição Portugália, Lisboa, 1955, e nunca reeditado.

Mais uma vez você foi o primeiro a perceber e ouvir as estórias de Bibi. A ama negra que contava estórias ao menino do Coronel Cascudo, por isso ele a homenageia publicando sua fotografia na capa do livro. Mas, vai ouvir levando as eruditas lições de Paul Zumthor, o moderno teórico da literatura oral, de origem suíça, o medievalista que ouviu a fala dos séculos e entendeu os laços que enlaçam as vozes e as palavras, a língua e os enigmas. Daí a modernidade do seu ensaio - Câmara Cascudo e os contadores de estórias: entre a tradição e a transmissão que integra o grande elenco da maior, mais erudita e mais importante reunião de estudos da oralidade já reunido no Brasil - o livro Contação de Histórias: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo, 2015, edição Sesc.

Ali está, no próprio título, uma das grandes singularidades intelectuais de Câmara Cascudo na sua feitura da tradição como a ciência do saber popular. Para ele, há History e Story. A História formal, narradora dos fatos, é com H. Mas a Estória, com E, não. Não tem compromisso com a verdade documental. Consagra-se pela força do encantamento no plano do imaginário que faz verdadeira a narrativa nas tramas da afeição.

Mas, é neste 2017 que estão os novos marcos de sua vida intelectual. Cuidadoso no trato com a liberdade para criar, aposentou-se da obrigação das teorias, sem abandoná-las como bússolas. E livre de métodos lançou-se nos campos férteis, e ao mesmo tempo áridos, da ficção e da poesia, entre as secas e as invernadas da criação literária.

Primeiro se fez romancista, depois poeta, nos entrelaces da criação literária.

Rastejos é a lavratura fiel da vida como foi. Estava guardada numa velha canastra feita do couro curtido de antigos bois, ornada nas artes da pregaria. A pequena epopeia de Possidônio, seu avô, cansado de andar léguas de serrotes apinhadas de bode, a descansar o corpo abandonado na rede para ouvir as histórias velhas do *Lunário* Perpétuo. Coisas de um sertão cheirando a tábuas de cumaru e anis estrelado que até hoje perfumam, como uma alfazema mágica, a saudade do menino.

É bonito, no sertão magistral do velho Possidônio, quando o dia amanhece:

- De manházinha, todos os sons saiam porta afora, quando se ouvia a batedeira dos grandes canecos de flandres que o pai ia ajuntando para aparar no curral o leite espumante das vacas mansas...

E o poeta de Argueirinha, a pedra de toque de um fazer poético que lhe tirou os argueiros da timidez. O sertão também está aqui e ali, imantado, cumprindo o seu destino tão rosiano de viver para sempre nos vastos campos da alma sertaneja, em toda parte:

Aqui eram pastos de se comer.

Ali eram léguas de se correr

Loló, a costureira da família, a que decifrava o segredo das palavras, Loló também está em toda parte, recitando, aqui e ali, os velhíssimos versos do *Pavão Misterioso:*

Eu vou contar uma história De um pavão misterioso Que levantou vôo na Grécia Com um rapaz corajoso Raptando uma condessa Filha de um conde orgulhoso...

Humberto,

Chego ao fim da nossa pequena jornada de afeições literárias nesses tempos partidos. Tempos de homens partidos, como no poema de Carlos Drummond de Andrade.

Basta dizer que outro dia, lendo o prefácio do historiador e filósofo Leandro Karnal na nova edição, lançada este ano, do *Discurso* sobre a Servidão Voluntária, de Étienne de La Boétie - o jovem amigo de Montaigne - descobri que o homem do século XXI vive entre a dor da liberdade e o amor da servidão.

Pois se é assim, se vivemos hoje entre a terrível saudade da ditadura, a censura nas artes e a intolerância contra a vida que cada um escolhe viver, fiquemos com essa dor. A dor da liberdade.

Muito obrigado a todos.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO HUMBFRTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO

Senhor Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Professor Diogenes da Cunha Lima,

Senhora Secretária da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Acadêmica Leide Câmara,

Senhoras e Senhores Acadêmicos,

Diletos familiares.

Minhas Senhoras e Meus Senhores presentes nesta sessão:

A cidade das letras reunida demonstra à sociedade que é possível uma convivência republicana.

Com uma alusão à história da Academia Norte-rio-grandense de Letras, inicio este discurso motivando-me por dois fatos: o primeiro ocupante da Cadeira de Número 2, como também o primeiro presidente desta corporação, foi Henrique Castriciano de Souza (1874-1947) e o primeiro estudioso a se debruçar sobre esse insigne acadêmico foi Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), no livro Nosso amigo Castriciano (1965), uma obra em que a mão cascudiana traça um retrato intelectual do amigo e do mestre. Sob a menção aos nomes dos dois principais fundadores de nossa tradição de estudos literários e culturais, inicio, portanto, o meu discurso de posse nesta Cadeira, com a pretensão de, antes de tudo, revalorizar o conhecimento construído por esses ilustres intelectuais no âmbito da história da "Casa Manoel Rodrigues de Melo".

O primeiro presidente e o fundador desta Entidade tiveram relevante papel na vida literária local, nas décadas iniciais do século passado. Já em 1922, ano do Centenário da Independência, Câmara Cascudo iniciou o plano de fundação de uma academia. Publicaram-se, naquele decênio, alguns títulos que, ainda hoje, são de fundamental importância para a compreensão do início da nossa vida literária⁸. Havia também um forte empenho no sentido de institucionalizar a cultura e o conhecimento. Por isso, o governador José Augusto de Medeiros criou, em solenidade realizada no Teatro Carlos Gomes, no dia 1º de maio de 1925, a primeira universidade popular do Rio Grande do Norte.

Segundo relatos produzidos em momentos de celebração, a exemplo da efeméride por ocasião dos 80 anos da Academia, no ano passado, a Academia Norte-rio-grandense de Letras surgiu como uma reunião de agremiações culturais, como o *Grêmio Literário Le Monde Marche*, O *Grêmio Polymáthico* e o *Congresso Literário*⁹. A fundação da Academia, em 1936, revela, portanto, um ensejo de congregação gestado em decênios anteriores pela intelectualidade local e, ao mesmo tempo, fortalece a proposição de que as décadas finais do séc. XIX e iniciais do século XX foram decisivas para a vida literária e cultural do Rio Grande do Norte.

Não por acaso, a patrona da Cadeira ocupada pelo autor de *Iriações* é Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), personagem por ele reverenciada como uma das formadoras da literatura local ainda na época do Brasil Império. Na escolha, parece haver a intenção de constituir uma tradição literária para o Rio Grande do Norte. Nessa linha de raciocínio, a fundação da nossa Academia surge como um marco de consolidação, pela via institucional, dos esforços empreendidos no sentido de estabelecer uma continuidade literária. Nísia Floresta seria o ícone dessa representação, por se firmar além das fronteiras provincianas e simbolizar, nacionalmente,

⁸ Alma patrícia (1921) e Joio (1924), ambos de Luís da Câmara Cascudo; Poetas do Rio-Grandenses do Norte (1922), de Ezequiel Wanderley; Versos (1927), de Lourival Açucena; e Terra Natal (1927), de Ferreira Itajubá.

⁹ Cf. o n. 49 (out.-dez./2016) da *Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras*, especialmente os artigos "ANRL – 80 anos", de Jurandyr Navarro, e "Oitenta anos da ANL", de Paulo de Tarso Correia de Melo. Menciono também o artigo "Como se fundou a Academia", de autoria de Adherbal de França (1974).

a inscrição desejada no sistema literário. A homenagem à grande escritora pode ter representado, no início do século XX, um anseio de afirmação do que poderíamos denominar de província literária ainda em formação. Nísia era "brasileira", como queria ser o Rio Grande do Norte, e era "augusta", como se viam os pares fundadores da corporação. Eles eram, pois, dignos de respeito ou veneração por serem majestosos, imponentes, excelsos, sublimes, sagrados, sacros e divinos. Ou seja, caminhavam em direção ao cânone.

A escritora e militante pioneira dos direitos das mulheres viveu em um tempo já muito distante deste que conhecemos hoje, iniciado com o fim do regime monárquico no Brasil. Autora de vasta e diversificada obra, a repercussão de seus escritos e de sua militância política é tardia no Rio Grande do Norte. Esse fato não lhe altera a importância, mas revela o atraso dominante no meio literário e cultural local ao longo de todo o século XIX.

A tese de doutorado de minha professora Constância Lima Duarte, publicada em livro sob o título Nísia Floresta: vida e obra (1995), é a fonte das informações sobre a patrona da Cadeira que ocupo a partir de agora. Ao ler sobre a longa trajetória da personagem entre um antigo sítio na provinciana Papary e os cosmopolitanos espaços da Europa, fica-nos a visão de uma escritora cuja produção intelectual se impõe à história, de modo a superar as imagens míticas e estigmatizadas construídas ao longo do tempo.

A pesquisa monumental de Constância Lima Duarte teve o propósito de estimular novas abordagens e abrir outros caminhos de interpretação da obra nisiana. Além da alusão a esse trabalho que tem, no âmbito da universidade, analisado e divulgado a obra da autora de Opúsculo humanitário, transporto para este discurso a imagem, quiçá poética, daquele túmulo na beira da estradinha entre a cidade de Nísia Floresta e a praia. Qual é o significado daquele monumento? Estará, à margem, à espera de uma visibilidade maior? Se não fossem as visitas à localidade, impulsionadas pelo delicioso camarão do lugar ou pelo teimoso Baobá da praça, teríamos ainda a vaga ideia de que existe ali o desejo refreado da construção de um memorial?

Em artigo notável que Henrique Castriciano publicou no Livro do Nordeste, organizado por Gilberto Freyre no ano de 1925, é introduzida relevante questão de historiografia literária, com a proposta de um modo de superação da realidade que se apresentava. Trata-se do artigo "Uma figura literária do Nordeste: Nísia Floresta" e, nele, aparece a discussão sobre o processo formativo local vinculado ao grande sistema literário brasileiro. A esse respeito, opina o então futuro presidente da Academia:

> Não tivemos, nós, os norte-rio-grandenses, o que se poderá chamar de literatura colonial, isto é, a transplantação mais ou menos direta do pensamento lusitano com a sua característica sintaxe, tão diferente da construção gramatical brasileira. (CASTRICIANO, 1979, p. 138).

Nesse contexto, Henrique Castriciano ressalta o aparecimento da figura literária de Nísia Floresta, tida como de valor singular e como "uma das mais fortes individualidades femininas do país em todos os tempos", de modo a se destacar entre todas as outras escritoras brasileiras. Trata--se, portanto, do fenômeno da manifestação literária, a seu tempo e a exemplo de tantos outros, como foi o caso de Gregório de Matos, de integração tardia ao sistema, nos termos definidos por Antonio Candido (1975). Após trazer à tona o problema, Henrique Castriciano opina ainda: "Dificilmente se compreende como essa admirável mulher nascida e educada nos arredores de um vilarejo (Papary), sem meios de fortuna e numa época cheia de preconceitos, pôde adquirir os conhecimentos de que fez uso no Brasil e na Europa [...]". E sugere: "Prestará inestimável serviço às letras pátrias quem estudar criteriosa e demoradamente essa por tantos títulos excepcional figura feminina, uma das maiores da fase romântica entre nós". Estava lançado, portanto, o desafio da construção de uma tradição literária local, incluindo-se a crítica, processo que teve a colaboração posterior de estudiosos como Tarcísio Gurgel, Manoel Onofre Jr., Diva Cunha e Constância Lima Duarte.

O próprio Henrique Castriciano seria merecedor de estudos que, inclusive, ultrapassaram as fronteiras do âmbito literário, como o fundamental *Nosso amigo Castriciano*, de Câmara Cascudo, e como Uma escola suíça nos trópicos, da acadêmica Eulália Duarte Barros (2000), e Educação e modernização em Henrique Castriciano, de Rosa Aparecida Pinheiro (2005), ambos debruçados sobre a fundação da Escola Doméstica de Natal. Nunca é demais lembrar que o primeiro presidente desta instituição fora também o autor da Lei n. 145, de 06 de agosto de 1900, que manda "[...] imprimir, constituindo prêmio, os livros de ciência ou literatura produzidos por filhos domiciliários do Rio Grande do Norte, ou naturais de outros estados, quando neste tenham fixa e definitiva a sua residência". Estava instituído, por aquele que ocuparia a Cadeira de Número 2 da Academia, entre os anos de 1936 e 1947, o amparo legal para o financiamento da produção e da divulgação da cultura local, prescrição que urge, com sugestão de incremento por meio de editais e concursos públicos, ser considerada pelos governantes.

Até o início dos anos 1980, a Cadeira que tem Nísia Floresta como patrona foi ocupada por representantes e gestores da cultura local, com experiência em cargos políticos. Se o primeiro ocupante havia sido Secretário de Governo, Deputado e Vice-Governador antes de entrar para a Academia, o seu sucessor, Hélio Mamede de Freitas Galvão (1916-1981), exerceu, entre os anos de 1963 e 1966, o cargo de Diretor Geral da Fundação José Augusto. Os dois escritores demonstravam apreço pela cultura popular, como se pode verificar nos seus escritos, a exemplo dos inúmeros textos de autoria do autor da História da Fortaleza da Barra do Rio Grande (1979). A partir de 1949, em um período de mais de trinta anos, a Academia Norte-rio-grandense de Letras conviveu com o Comendador da Ordem de São Gregório Magno, escritor católico e advogado influente no meio político do estado. Pode-se avaliar que a passagem de Hélio Galvão pela Academia significa a abertura de uma nova fase na história da Cadeira de Número 2: a fase moderna, de modo a suceder ao período de fundação, que pode ser denominado, tal a sua importância, de fase Henrique Castriciano. O próprio Hélio Galvão reconheceu os fundamentos daquela fase, quando afirmou o seguinte, narrado pelo acadêmico Grácio Barbalho no seu discurso de posse:

Hélio Galvão foi membro desta Casa em 1948. No discurso de posse, a 26 de maio do ano seguinte, disse concordar com a irônica insinuação de um jornalista ao afirmar que a Cadeira de Nísia e Castriciano permanecia inocupada. Devo tornar minhas as suas palavras quando isso me traz a ilusão, talvez o reconforto de voltar aos tempos de adolescente, ser de novo o ginasiano que agora repete ao seu colega Ascendino, aqui presente: algum dia entrarei em uma Academia de Letras. (BARBALHO, 1988, p. 79).

Na fase moderna, foram sucessores os acadêmicos Hélio Galvão, Grácio Barbalho e Ernani Rosado. O primeiro, além de jurista e autor de um conjunto de publicações fundamentais para a compreensão da cultura potiguar e nordestina, é o escritor das famosas Cartas da praia (1967), texto que eu tive o prazer de colaborar como revisor na sua segunda edição, em 2006, ao lado dos saudosos poetas e amigos Franco Maria Jasielo e Moacy Cirne.

O segundo sucessor da Cadeira, Grácio Guerreiro Barbalho (1917-2003), foi eleito em 1982, mas tomou posse apenas em 1985. Médico e professor, é o pesquisador conhecido como autor do clássico O popular em 78 rotações (1982), coletânea de textos resultantes do seu trabalho de colecionador de discos da Música Popular Brasileira. Lembremos que este é o ano do centenário de nascimento de Grácio Barbalho, já oportunamente homenageado pela acadêmica Leide Câmara em texto publicado no n. 52 de nossa revista trimestral, no qual é apresentada a memória do grande pesquisador e colecionador, bem como a sua permanência, ao longo de 21 anos, nesta instituição das Letras.

Com o tributo à memória dos três centenários escritores que, no âmbito desta Academia, honraram a nossa patrona, chego a uma narrativa sobre aquele que antecede, de forma mais direta, o lugar que ocupo neste momento.

Carlos Ernani Rosado Soares nasceu em 1934, na cidade de Mossoró. Graduou-se em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (1957) e foi professor fundador do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da qual era Professor Emérito. Recebeu, em 1998, o título de Doutor Honoris Causa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Teve uma formação humanista, chegando a se formar também em Letras, e, juntamente com o Professor Grácio Barbalho, fundou a Sociedade de Médicos Escritores do Rio Grande do Norte.

No conjunto da obra publicada do Dr. Ernani Rosado, ressalta-se a valorização da humanização da medicina, traço de sua personalidade. Muito provavelmente, esse traço serviu de impulso para uma harmoniosa convivência nesta Academia, que, por ser de Letras, tem, por princípio, o lema Ad lucem versus, como a indicar que a nossa luz somente se acende com a energia dos valores consagrados na humanização, o fundamento de toda a literatura. Tais valores foram ressaltados no necrológio do Dr. Ernani, em discurso elaborado pelo acadêmico Cláudio Emerenciano (2017), que destacou, na ocasião, o interesse do homenageado pelo cinema.

O livro A memória permanente (2002), do meu antecessor nesta Cadeira, pode ser caracterizado como uma coletânea de textos sobre a vivência universitária do autor, bem como sobre a sua participação em sociedades científicas. Um bom exemplo dessa contribuição à memória da universidade é o "Discurso como orador oficial da Assembleia Universitária, em 03 de junho de 1982", na UFRN, texto que revela o posicionamento ético do intelectual Ernani Rosado:

O tempo futuro da humanidade é concebido sob a forma de uma expansão da tecnologia, que acarreta uma diminuição capital das possibilidades intelectuais e espirituais, assim como uma vassalagem política. E ficaremos com Handler, quando afirma: "se a tecnologia não pode realmente tornar possível um mundo livre da miséria e do medo, então, mais do que nunca, necessitamos das humanidades (literatura, filosofia, história e artes) para orientar-nos em nossas escolhas". (SOARES, 2002, p. 96).

O segundo livro do Dr. Ernani Rosado, O tempo não passou (2002), pode ser visto como, segundo palavras do próprio autor, lembranças de cinquenta anos de atividades médicas. A rememoração, no entanto, é expandida e o campo da medicina é extrapolado, em algumas passagens, em benefício de uma visão sobre a sociedade, sobretudo a partir dos anos 1940, quando se deu um novo ciclo de modernização em Natal. Foi o tempo em que chegou à capital o menino que via, pela primeira vez, uma cidade grande e que, futuramente, constituiria uma família harmonicamente integrada a essa comunidade. Outro exemplo de ampliação da memória ocorre no texto em que discorre sobre a história do ABC, revelando o gosto do acadêmico pelo futebol. Pela sua biografia, sabe-se que ele chegou a ser locutor de rádio, na função de comentarista esportivo.

No capítulo sobre a história do ABC, destaca-se a referência a Luiz G. M. Bezerra, denominado "Cônsul do Acari". A menção a essa personalidade querida de nossa sociedade funciona, para um leitor interessado na história social, como um estímulo à pesquisa de um fenômeno típico da sociedade potiguar: a representação das regiões no âmbito da vida urbana da capital do estado, como a indicar influxos das tradições regionais no espaço de um lugar que se constrói, também, pela via do cosmopolitismo.

O assunto de maior interesse do segundo livro, contudo, parece ser ainda a questão da humanização da medicina, tema que é tratado no contexto de uma discussão sobre a mercantilização dessa profissão. O autor sugere uma interpretação de cunho social do fenômeno que transformou valores e noções como "segredo médico, ética, boas maneiras, atendimento humano e gratidão":

> A humanização da medicina, em grande parte, exige ações específicas do governo, com programas muitas vezes extrapolando a própria Medicina, como sejam as ações de Engenharia Sanitária, melhoria das condições de habitação e de nutrição, educação do povo incluindo a ênfase com a saúde e a prevenção de doenças, água de boa qualidade, esgotamento eficaz. (SOARES, 2002, p. 177).

A defesa de uma medicina vinculada a programas sociais, governamentais, tem, como fator de equilíbrio e suporte, a consciência sobre as condições contemporâneas, senão vejamos a citação seguinte:

> [...] os grandes problemas da Medicina atual residem nesse conflito de tentar harmonizar ou balancear esse componente finalístico indispensável com a moderna tecnologia e com o aparato financeiro-burocrático imposto pelos intermediários, governamentais ou não. [...].

> Não podemos aceitar, entretanto, a submissão do profissional às máquinas. Antigamente, hospitais e clínicas se anunciavam e se impunham em função dos profissionais que aí trabalhavam, cujas trajetórias eram conhecidas e admiradas pelo público. Hoje, eles já nem anunciam nomes de profissionais, mas simplesmente as máquinas e serviços de que dispõem!

(SOARES, 2002, p. 194).

Após essa breve exposição sobre alguns aspectos da obra e da biografia do Dr. Ernani Rosado, quero mencionar um trecho de seu discurso de posse nesta Academia, por se tratar de interessante percepção sobre a história da Instituição, fator que às vezes é determinante na escolha dos novos acadêmicos. A certa altura do discurso, ele afirma:

> As nuances da vida fizeram com que a Cadeira de Número 2 desta Academia tivesse seu fulcro geográfico na zona litorânea e agreste. Nísia Floresta empresta o nome à sua Papary. Castriciano era de Macaíba, Hélio Galvão de Tibau do Sul e Grácio de S. José do Mipibu.

> Era chegada a vez do Oeste. Da minha Mossoró venho, com o mesmo espírito de fraternidade e de luta dos seus filhos.

(SOARES, 2005, p. 175).

Agora, no meu discurso, eu deveria atualizar essa perspectiva e afirmar que era chegada a vez do Seridó e que eu venho de meu Acari. No entanto, sem desconsiderar o ponto de vista nativo nem a representação regional neste ambiente que é inspirado em princípios de universalidade, tenho outras considerações a fazer sobre o meu lugar de origem, considerando que me reinventei no mundo letrado.

Devo declarar que venho de minha universidade e que represento os meus alunos, muitos deles vindos do interior do estado e adotados pela cidade do Natal. É gente simples e faminta de humanização pela via das Letras, uma gente atenta aos discursos e acostumada ao diálogo, à plurissignificação e à democracia plena. Com essa representação, também não posso negar minhas origens familiares e trago, para cá, uma reminiscência que, neste momento, quero qualificar: será esta uma memória de couros e de penas.

De couros, porque venho do lugar dos gados. O meu pai se chamava Carlos Braz, não assim batizado por motivo de ascendência, linhagem, mas por ter nascido no sítio Braz, cuja toponímia se deve a uma antiga pertença da terra ao Tenente português Bráz Ferreira Maciel, a contar do ano de 1718 (cf. MACEDO, 2004).

As terras eram dos tapuias do Rei Janduí e foram adquiridas por Caetano Dantas, no final do século XVIII, quando se formava o Seridó. Era um sítio no alto de uma serra, espaço concebido para destetar vacas, tendo permanecido nessa função até os inícios do século XX, quando foi adquirido por um parente meu. De cima da serra, avista-se a casa onde eu nasci, no vale denominado de sítio Cajueiro, o mesmo lugar onde nascera, em 1808, o famoso João Valentino Dantas Pinajé, primeiro bacharel seridoense formado em Olinda (cf. CASCUDO, 1972). O meu umbigo está enterrado na porteira do curral daquele antigo sítio, mas eu não segui a vocação inventada para mim nos idos de 1959.

O meu bisavô materno se chamava Joaquim Cordeiro dos Santos e era descendente direto do português Francisco Cardoso dos Santos, agricultor e criador de gados no sítio Bico d'Arara, em Acari. Segundo Olavo de Medeiros Filho em Velhas Famílias do

Seridó (1981), aquele português foi um dos patriarcas das primeiras famílias seridoenses. Meu bisavô, conhecido por Joaquim Pedro, era filho do patriarca dos Pedro do Bico d'Arara e tinha, dentro da família, o pseudônimo de "Joaquim Pedro Pacífico Manso Limpo Cordeiro da Paz dos Campos Galvão Marmeleiro Serrote do Bom Corte Faca da Boa Bainha Passada nos Corrimboques da Defunta Prima Minha". É a ele que rendo homenagem nesta hora, em nome de toda a minha família, sobretudo os parentes e os conterrâneos que estão presentes nesta solenidade.

Os couros referidos para evocar a minha origem devem-se também à memória de meu tio-avô, que adquiriu o sítio Braz e que se chamava Possidônio Pedro. Foi um personagem que andou pelas ruas deste bairro do Tirol, quando veio de Acari para Natal, em longa viagem a cavalo, na companhia de Juvenal Lamartine, na função de almocreve, arrieiro. Nessa época, o menino Oswaldo Lamartine ainda brincava de peladas de bola de meia no Campo do Triângulo¹⁰. Rendo também a minha homenagem a Possidônio, "mestre de rédeas e rastros", assim denominado pelo mesmo Oswaldo de Sertões do Seridó (1980).

A essa memória de couros, junta-se a memória de penas. Trata-se de uma afetividade ligada à infância, esse reino de poesia que a gente vai perdendo com as negatividades da vida no mundo do capital. Quero trazer para este lugar, como forma de ajudar a preservar nele o princípio humanizador da literatura, as asas das seriemas de estridentes pios; o verde dos periquitos a gritar sobre plantações de arroz da terra; a voz de encanto de golinhas, pintassilgos, concrizes e azulões da mata nos galhos de uma planta catingueira. São penas que pairam sobre vazantes da infância. Queria, fervorosamente, que passassem por aqui, nesta hora, as asas das andorinhas do Bico d'Arara, naquelas viagens que todos nós gostaríamos de fazer por sobre os oceanos, pois somos também viajores.

Espaço natalense onde foi construído, no bairro de Petrópolis, o Colégio Estadual do Atheneu Norte-rio-grandense. Cf. Oswaldo Lamartine: tinta de pinhão-bravo (2015).

Por fim, agradeço ao acadêmico Vicente Serejo pelo discurso de saudação à minha entrada na Academia e, sem palavras para expressar a gratidão, prometo me esforçar para ter nesta casa um comportamento à altura de tão generosas considerações.

Agradeço, ainda, às comissões de recepção e de imposição das vestes e insígnias acadêmicas, formadas por acadêmicos que acompanharam a minha candidatura a esta Cadeira de Número 2, especialmente o escritor Manoel Onofre Jr., em nome de quem reverencio a todos.

Finalmente, agradeço a todos que acompanharam com satisfação o processo da minha entrada na Academia Norte-rio-grandense de Letras, especialmente aos convidados aqui presentes neste ritual de posse e de comemoração.

Encerro este discurso com palavras do autor da oração inaugural de nossa Universidade Federal, em cuja leitura reafirmo uma posição diante da contemporaneidade. Dizia Câmara Cascudo, em linguagem metafórica, na noite de 21 de março de 1959, ao defender uma perspectiva da universidade como congregação de trabalhadores em permanente construção da civilização brasileira:

Nesta permanência reside o prestígio de nossa credencial no mundo. Água para o Mar universal guardando a fidelidade das pequeninas fontes iniciais e distantes. Abelhas com liberdade de escolha do material florido mas o mel com o sabor genuinamente brasileiro. Homens do Mundo mas espíritos memorizados por um território. Raiz imóvel e fronde projetada no espaço. Como na divisa da Universidade de Buenos Aires: PEDES IN TERRA AD SIDERA VISUS – os pés na terra e os olhos nas estrelas.

(CASCUDO, 1988, p.21).

Humberto Hermenegildo de Araújo

Natal, 20 de outubro de 2017

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Grácio. Discurso de posse do Prof. Grácio Barbalho. Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Natal, v. 32, n. 20, p. 65-79, mar. 1988.

BARROS, Eulália Duarte. Uma escola suíça nos trópicos. Natal: Offset, 2000.

CÂMARA, Leide. Centenário de nascimento de Grácio Barbalho (1917-2017). Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Natal, n. 52, p. 120-126, jul.-set. 2017.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

CASCUDO, Luís da Câmara. Nosso amigo Castriciano, 1874/1947 - reminiscências e notas. Recife: Imprensa Universitária; Universidade do Recife; Governo do Estado do Rio Grande do Norte, 1965.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Universidade e civilização*: discurso pronunciado pelo Professor Luís da Câmara Cascudo, na noite de 21 de março de 1959, por ocasião da instalação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e em nome das Congregações de todas as Faculdades. 2. ed. Natal: EDUFRN, 1988.

CASCUDO, Luís da Câmara. Uma História da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte. Natal-RN: Fundação José Augusto, 1972.

CASTRICIANO, Henrique. Uma figura literária do Nordeste: Nísia Floresta. In: FREYRE, Gilberto et al. Livro de Nordeste. Edição fac-similada. Introdução de Mauro Mota; prefácio de Gilberto Freyre. Recife: Arquivo Público Estadual/Secretaria da Justiça, 1979. p. 138-139.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta: vida e obra. Natal: EDUFRN, 1995.

EMERENCIANO, Cláudio. Ernani Rosado [necrológio]. *Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras*, Natal, n. 50, p. 163-170, jan.-mar. 2017.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Sertões do Seridó*. Brasília: Senado Federal; Centro Gráfico, 1980.

FRANÇA, Adherbal de. Como se fundou a Academia. In: MELO, Veríssimo de. *Patronos e Acadêmicos*: Academia Norte-rio-grandense de Letras. Volume II – Acadêmicos. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974. p. 263-265.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Os Documentos do Cartório de Pombal-PB e sua importância para o entendimento da História Colonial do Sertão do Rio Grande do Norte. *Mneme: revista de humanidades.* Caicó-RN, v. 05. n. 12, out./nov. 2004. Disponível em: < www.cerescaico.ufrn.br/mneme >. Acesso em: 10 out. 2017.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. Velhas Famílias do Seridó. Brasília: Senado Federal, 1981.

Oswaldo Lamartine: tinta de pinhão-bravo. DVD. Realização Agnaldo Tavares, Humberto Hermenegildo de Araújo e Vilma Vitor. Natal: Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses/UFRN, 2015.

PINHEIRO, Rosa Aparecida. Educação e modernização em Henrique Castriciano. Natal: EDUFRN, 2005.

SOARES, Carlos Ernani Rosado. *A memória permanente*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2002. (Coleção Mossoroense, série "C", v. 1304).

SOARES, Carlos Ernani Rosado. *O tempo não passou*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2002. (Coleção Mossoroense, série "C", v.1305).

SOARES, Carlos Ernani Rosado. Discurso de posse do acadêmico Ernani Rosado. Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 46, n. 34, jul. 2005. p.132-179.

ROBERTO LIMA NO OLIMPO DA CULTURA

Iaperi Araujo

Credito a uma longa amizade, admiração e respeito mútuos, a honra que me foi concedida pelo meu amigo ROBERTO LIMA DE SOUZA em me convidar para saudá-lo à sua chegada a Casa da Imortalidade: a Academia norte-rio-grandense de Letras.

Amigos de quase meio século de convivência temos uma admiração mútua pelo labor que elegemos como exercício de nossa criatividade. Cursamos caminhos diferentes na escolha profissional, mas sempre nos encontramos na lida cultural, principalmente nos festivais de música que pontificaram em nossa cidade no final dos anos 60 e na década seguinte até princípio dos 80.

Ocupávamos campos aparentemente opostos. Roberto com canções à moda tradicional, com letras bem postas e melodias bem estruturadas. Eram suas vivencias, hereditariedade e sensibilidade afinadas em sua formação profissional. Eu, exercendo a politica universitária em pleno período obscuro da ditadura, engajado numa música de protesto, inserindo as guitarras elétricas e o rock na contramão das canções brasileiras que aparentemente se acomodavam com a situação politica em que vivíamos.

Enquanto ele era Taiguara, Jessé, Oswaldo Montenegro, bossa nova e modinhas, a gente era Rita Lee e os mutantes, tropicália de Caetano e Gil, dos novos baianos e Geraldo Vandré.

Se uns e outros estimulavam os embates, a vitória sempre foi da juventude de todos nós que sem as facilidades das Leis de Incentivo à Cultura como agora, realizávamos e participávamos de festivais e exibições, mostrando a música que se produzia no Rio Grande do Norte.

Ainda teve mais. O movimento da poesia concreta, o poema processo, os happenings, o programa de MPB de Rejane Serejo na Rádio Rural. As ExploSESC, Isa Freire, os festivais no Teatro Alberto Maranhão, no Palácio dos Esportes e no Ginásio do SESC. E a gente curtia o delírio da plateia e era feliz, mesmo com a censura barrando músicas por qualquer aparente deslize que significasse uma ameaça à segurança nacional. Realizávamos Festivais de Cultura Universitária no Palácio dos Esportes. Encenamos numa formatação de vanguarda a peça As Troianas de Sófocles, adaptada por Sartre e por nós do TO-NUS com direção de Carlos Furtado, imagens cênicas de Frederico Marcos e música incidental de Joel de Carvalho. Os figurinos gregos eram roupas tipo macacão de operário num amarelo coral e quando Diva Cunha entrou no teatro como Cassandra enlouquecida tendo uma lanterna à pilha a guisa de archote na mão, a plateia explodiu enquanto o pressuroso Meira Pires ameaçava perder os sentidos pela violação do templo sagrado do teatro.

Roberto Lima com seu grupo era a docilidade musical. Apoiado no talento e nos conhecimentos instrumentais, preferia seguir os cânones da música tradicional do que a quebra dos paradigmas da música arte que violentávamos. E a gente não estava nem aí prá isso.

Num Festival no Teatro Alberto Maranhão ele foi premiado com uma de suas músicas mais líricas, uma verdadeira canção de amor ao Rio Grande do Norte: "No meu Nordeste não há, povo melhor que o daqui..." enquanto a gente atacava: "Precisamos invadir um abrigo antiatômico, prá uma festinha com você, meu bem, neste fim de semana".

Ainda nos encontraríamos em diversos festivais. As disputas eram apenas no palco. Pessoalmente todos éramos amigos e loucos prá mostrar a nossa arte e participar da vida cultural de nossa cidade natal. E fazíamos isso da forma com que cada um entendia sua vocação e talento.

As músicas de Roberto Lima ficaram pois eram eternas. As nossas não, até porque eram apenas protesto pelo status repressivo em que vivíamos. Mirabô foi pro sul maravilha. O impacto cinco desfez-se. Terezinha de Jesus seguiu uma carreira meteórica no sul e

retornou a Natal, Adrimaria Rocha também seguiu o caminho do sul mas não seguiu o caminho da música e Odaíres preferiu Natal e a vidinha mansa e tranquila da província.

E o tempo passou e todos nós nos acomodamos. A realização profissional, a maturidade que já não permitia Marcos Silva, hoje professor universitário em São Paulo, vestido com um macacão de frentista de posto de gasolina rolar no piso do Palácio dos Esportes cantando "tenho 17 anos e á esta aventura de inventar o mundo..."

Roberto Lima nasceu em Natal, filho de uma família toda musical. Nilberto Cavalcanti de Souza e Alba Lima. Neto do poeta Evaristo de Souza. Meu conhecimento dele se deu a partir de Alberto, colega da Faculdade de Medicina, exímio violonista. Roberto era desses virtuoses com música no sangue. Além de cantor e músico era compositor dos bons, comprometido no resgate da música tradicional de tanta melodia e beleza que parecia eterna.

Formado em Ciências Jurídicas e Sociais é Mestre em Lógica e Filosofia da Ciência na UNICAMP, Doutor em Filosofia na Université Catholique de Louvain na Bélgica é professor de Filosofia da Ciência na UFRN. Sua formação humanística fortaleceu sua criatividade e do seu talento surgiram músicas que foram premiadas no I Festival Natalense da Canção Popular, na etapa Norte-Nordeste do I Festival Nacional de Música Popular Brasileira e finalista do Festival Naional da Record, o II Festival Natalense da Canção Popular, IV Festival Internacional da Canção e finalista deste festival da Rede Globo. Foi premiado ainda pelas suas composições pela ANDES, no Forraço da TV Globo e por três vezes no concurso nacional para o Hino da Campanha da Fraternidade em 2007, 2012 e 2014.

Na literatura, Roberto Lima teve seu primeiro livro de poesias, As Dimensões do Tempo premiado com o "Othoniel Menezes" da Prefeitura de Natal em 1978 e seu livro de contos O quinto anjo com o prêmio Câmara Cascudo, também da Prefeitura de Natal, em 1980; Seu livro de poesias publicado em 2015, "As Dimensões do Espaço Intimo", foi menção honrosa do prêmio literário Othoniel Menezes que naquele ano premiou nosso Franco Maria Jasiello.

Além desses textos premiados, Roberto Lima publicou ainda, em 2014 pela Oito Editora outro livro de poesias, "Romance da princesa Kalina e da feiticeira que roubou o sorriso das fadas" na forma de poesia popular, resgatando as líricas estórias contadas às crianças que eram acalentadas pelas avós na véspera dos sonhos.

Roberto foi um dos fundadores do departamento de Artes, primeiro Coordenador do Curso de Educação Artística e também um dos fundadores do Curso de Filosofia e fundador do primeiro Curso de Pós-Graduação em Filosofia na UFRN, onde foi Chefe do Departamento de Filosofia por três vezes e Vice-Diretor do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes.

Foi destacado com o diploma de Personalidade Benemérita pelos serviços prestados ao desenvolvimento da Cultura, das atividades artísticas e da Música (UFRN); Prêmio de Diretos Humanos/89 do Centro de Direitos Humanos e Memória Popular e Movimento Nacional de Direitos Humanos; Medalha do Mérito Cultural "Deífilo Gurgel" do Governo do RN e Medalha e Diploma do Mérito Cultural "Deífilo Gurgel" da Câmara Municipal de Natal.

Além de presidir a Funcarte, foi também Chefe da Casa Civil do Governo do Estado, diretor Administrativo da Emproturn, e Secretário de Administração e Gestão de Pessoas da Prefeitura de Natal.

Apresentar Roberto Lima de Souza aos acadêmicos desta casa é uma tarefa muito dificil, pela dimensão intelectual desse novo imortal. Sua diversidade cultural exige que façamos análises isoladas de cada vertente de seu talento que transborda de sua criatividade com a perfeição de um mestre e o labor permanente de um homem de oficio.

Sua inteligência para a música é do DNA hereditário, sem dúvida alguma. Do avô, pai e mãe, que foi distribuído em todos os filhos. Seu rigor literário e sua extrema criatividade foram conquistados na vivência dos estudos em filosofia, no trabalho como professor e na vivência permanente das conquistas intelectuais.

Honra-nos tê-lo na Academia. Por aqui passaram e como imortais ainda são cultuados, poucos musicistas. Lourival Açucena, Grácio Barbalho, Virgilio Trindade, Gumercindo Saraiva, Verissimo de Melo, Oriano de Almeida, Segundo Wanderley, Francisco Palma, Waldemar de Almeida, Ferreira Itajubá, Othoniel Menezes, Gotardo Neto, Diogenes da Cunha Lima, Leide Câmara, Oswaldo de Souza, Damasceno Bezerra e eu, como pecado da adolescência. Uns diletantes, outros profissionais. Uns virtuoses, apenas letristas. Uns estudiosos e colecionadores, experts em música, outros exímios músicos em concertos internacionais. Todos, entretanto, honrando o povo e a terra do Rio Grande com sua capacidade de comunicar pela música o talento e o orgulho de ser potiguar.

De Roberto Lima, fala-nos o Presidente desta Casa imortal Diogenes da Cunha Lima: "Como compositor, cria belezas. A música dá colorido especial à sua alma. É um especialista em pessoas, um fazedor de amizades."

O inesquecível e pranteado Dorian Gray fala dele como um lírico que nos conquista pela sua música: "Roberto Lima é um eleito para exercer o alto oficio desses ramalhetes de flores que presenteia aos amigos com seu extraordinário poder musical e humano, farnel de esperança redivivo, crepúsculos e amanheceres, que o tempo não fecha em suas portas." E termina assim o prefácio do seu Dimensões do espaço íntimo: " Navegador de alma, pássaro no voo, rosa dos ventos de múltiplas direções, para você, amigo Roberto Lima, ainda farei um poema para sua imprescindível fortuna crítica."

Vicente Serejo vai mais além quando escreve: " Como um menestrel a cantar o tempo imenso de vida que passou, Roberto Lima nem notou que o poeta desobedeceu ao filósofo e reconstruiu com a pedra e a cal da saudade, numa dimensão mágica, o espaço que parecia não mais despertar do seu sonâmbulo silêncio. E que um rio, quando tem suas nascentes na rua da infância, banha com sua águas o vasto território da poesia, deixando em tudo. como Camões avisou; a dor das coisas que passaram."

Na antiguidade clássica, o Olimpo era o céu dos imortais. Na atualidade as Academias de Letras constituem o Olimpo da cultura. A imortalidade que nos é concedida pelo conjunto de obras, pelo valor intelectual de cada um, pela vida acreditada, que somente a cultura é valor humano e somente ela, pode mudar o mundo.

Nesse contexto, recebemos ROBERTO LIMA DE SOUZA no nosso Olimpo. Ele permanecerá como um fiel vigilante das obras e das vidas de Almino Afonso, seu patrono, Nestor Lima, o primeiro ocupante da cadeira número nove, Cristovam Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior e Dorian Gray Caldas que o antecederam.

Que sua missão seja longa, como os dias e as noites da humanidade e que possa se constituir em mais uma estrela deste céu para iluminar a todos nós, a cidade do Natal e o Rio Grande do Norte que amamos.

Muito obrigado.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO ROBERTO LIMA DE SOUZA

Senhor Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras,

Professor Diogenes da Cunha Lima;

Senhor Vice-presidente desta Academia,

Jornalista Paulo Macedo;

Dr. Daladier da Cunha Lima, Magnífico Reitor do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, a quem saúdo contemplando extensivamente os demais membros da mesa;

Senhoras e Senhores acadêmicos:

Autoridades e personalidades nominadas pelo cerimonial;

Dona Severina Bastos, minha querida sogra, que, do alto dos seus 91 anos de juventude, aqui se faz presente e a quem reverencio como se o fizesse à minha mãe:

Caríssimo Dr. Alberto Lima de Souza, membro da Academia Cearense de Medicina, em quem reverencio a memória do nosso pai e me confraternizo com todos os irmãos e demais familiares presentes;

Querida família, minha esposa, meus filhos, nora e netos;

Minhas Senhoras e meus Senhores.

A Academia não são as paredes portentosas, não são os pórticos, nem as escadarias, nem os salões. A academia são as pessoas de que se constitui, são as pessoas que a constituem. São as memórias dos que aqui se veneram, são os valores que aqui se cultivam e se perpetuam e se renovam, porque são os valores que imprimem o caráter às pessoas e às instituições. Se há crise nas instituições é porque há crise de valores.

A força da cultura — mostra-nos a história — se faz dos valores que orientam visões, visões de futuro que podem transformar a sociedade e o mundo. E tudo isso porque o homem é aquilo que pensa, é o que sente, é o que faz e o que transforma. Na realidade, tudo se transforma, mas o essencial é imutável, e os verdadeiros valores, em sua essência, permanecem.

A nossa Academia resulta, pois, de mudanças transcorridas através da sua história, pelo legado transmitido aos pósteros na vivência renovada do seu elevado ideal, traduzido, aqui, na legenda "Ad lucem versus", lema de inspiração nitidamente platônica. Para Platão, é ao se voltar para a luz que o homem se liberta do mundo das sombras, das ilusões e do obscurantismo e adentra a região luminosa do mundo das ideias, onde, à medida que se aproxima da luz, mais se aproxima do conhecimento da verdade e, mais ainda, do bem e da beleza da verdade.¹¹

A Academia, que encontramos hoje, provém da trajetória ascendente dos que a ela se têm dedicado, tornando-a o que reconhecidamente ela é: uma organização cultural da maior credibilidade. A credibilidade desta Academia, portanto, é atributo consequente das qualidades dos que a fazem, intelectuais que representam o melhor da cultura literária do Estado e cuja gestão realizadora, "voltada para a luz" dos valores éticos, sociais e culturais, consolida o seu ethos e, estrategicamente, a conduz em sua missão de promover as nossas letras e a nossa cultura para o engrandecimento do Rio Grande do Norte.

Como corolário dessa visão, fica posto que literatura não é apenas o conjunto do que se escreve, mas, precipuamente, o legado que disso resulta em termos do cultivo à língua como expressão da nossa cultura, dos nossos valores, da nossa sociedade com suas heranças e evoluções. Eis a razão da importância dessa Academia.

Minhas senhoras e meus senhores,

Eis a academia que deparo neste momento solene: a casa onde habitam todas essas heranças, fardo luminoso de memórias. E venho de minha pequena história, mas feita de histórias vividas e herdadas, com algumas passagens e recortes que gostaria de evocar

¹¹ De forma simplificada, esta era a visão epistemológica de Platão que se encontra no Livro VI de "A República".

aqui, apenas para compartilhar um pouco da minha formação, dos nossos costumes e falares e da trajetória que percorri, em particular, na vida cultural da minha cidade.

Venho de uma vida inteira de vivências e convivência com a poesia e a música, cujo cenário é a geografia da minha Vivendo do Tempo:

Nos versos, refaço caminho

E construo a vivenda do tempo

Na paisagem-memória de escoadas estações...

E brotam telhados e casas e ruas

E os habitantes todos que moravam no meu recorte do mundo.

E brotam as minhas árvores, (velhas conhecidas!),

Habitadas de pássaros e de insetos,

De cujas folhagens e ramadas, eu conhecia todos os segredos.

... E desvendava a natureza livremente

Pelo cheiro da terra, dos frutos e do mato

E pelo som do vento, do mar próximo às dunas

E pela forma e pela cor das coisas que fizeram o meu contorno no tempo.

E, nos meus versos, reconstruo o tempo,

Cuja existência é que me faz sentir, definitivamente,

Essas mudanças derramadas nos telhados, nas casas e nas ruas

Que já não fazem mais o meu recorte do mundo...12

Venho de uma infância vivida no velho Tirol, naquela época, um dos bairros mais novos de Natal: Era mais puro o ar, e a noite mais escura, mas podíamos respirar estrelas/ E descobrir três-marias e

Souza, Roberto Lima, Poema "A Vivenda do Tempo" in As Dimensões do Espaço Íntimo, 8 Editora., 2014, Natal.p.103.

cruzeiros do sul em todos os sextantes. 13 Ainda havia vacarias por perto e podíamos beber o leite cru e quente tirado direto do peito da vaca.

O apito do guarda noturno da Prefeitura nos dava a sensação de segurança e a tranquilidade de um sono sossegado. Lá, nossos caminhos eram só de areia /que, descendo do morro, embranqueciam o chão. / Revestiam-se as cercas e os muros gretados, de trepadeiras silvestres, de galinha de melão...¹⁴ As árvores também desciam do morro e chegavam até à porta da casa do meu avô, o poeta Evaristo de Souza, que, com o seu violão, cantava as suas modinhas e dos outros poetas, seus companheiros mais antigos das serenatas ao luar de Natal.

A minha mãe era requisitada para afinar os violões, mas hesitava em nos ensinar a tocar... temia que virássemos seresteiros e esquecêssemos os estudos. Um dia, porém, comovida ao ver o meu irmão mais velho tentando aprender sozinho, resolveu ensinar-lhe os "primeiros tons". Foi assim que aprendemos o caminho das melodias e dos acordes, naquele mesmo pequeno violão que o nosso tio Naldo trouxera de presente da Itália. E esse foi o início de toda a trajetória musical da nossa família.

Tirol marcou definitivamente a infância. Fui um menino do campo na cidade. A minha bisavó, vovó Zefinha, amante da natureza e conhecedora da flora, nos apontava os jardins do éden na mata que nos rodeava: eram os cajus, as mangabas, os araçás e mais uma enormidade do que ela chamava de "frutinhas do mato", cujos nomes, cores, cheiros e sabores nos desvendava:

Havia mais cheiro nos frutos do mato

E cores diversas nos frutos do mato

E um gosto dengoso nos frutos do mato...

Nos frutos do mato, havia mais cheiro:

Mangabas sardentas, que eram colhidas

¹³ Idem, ibidem: "Ao Meu Pai de Antigamente". p. 73.

Souza, Roberto Lima, Poema "Aos Meus Irmãos" in As Dimensões do Espaço Íntimo, 8 Editora., 2014, Natal.p.80.

Lá nos tabuleiros 15

Como eram cheirosas

Amadurecidas

Nas folhas lustrosas

Dos "meus" cajueiros!

Cajus amarelos, vermelhos, rosados,

Serviam de contas em cada enfieira16:

Havia mais verde no morro pacato

E cores diversas nos frutos do mato.

Havia, nos frutos, um gosto dengoso

E havia sabores melhores do chão:

Havia araçás, ameixas de espinho,

E os gostos tão nossos de murta, de oiti,

De maçaranduba e de murici

E de guabiraba, e de cauaçu

E de cambuim e de guajiru

E de jamelão,

De ubaias maduras no eterno verão... 17

Foi lá no Tirol, em cima dos abacateiros da casa do meu avô ou ainda debaixo das três goiabeiras lá de casa que comecei a brincar de

Região arenosa e plana próxima ao litoral com características semelhantes ao cerrado.

¹⁶ Cipó fino ou palito de palha de coqueiro no qual se enfiavam os cajus, formando uma espécie de "rosário", a "enfieira".

¹⁷ Idem, ibidem: Poema "Os Frutos do Mato" in As Dimensões do Espaço Íntimo, 8 Editora., 2014, Natal.p.73.

inventar música. Tinha cerca de nove dez anos e não tinha seguer a noção do que era uma composição musical. No entanto, letra e música fluíam espontânea e simultaneamente. São muitas e boas as lembranças do Tirol, mas destacarei ainda apenas mais uma: a minha mãe pela manhã sentada nas dunas, estudando para fazer um concurso para o Tribunal Eleitoral. Lembro-me de que estudava, algumas matérias como português, história do Brasil, Geografia do Rio Grande do Norte e alguns pontos na área do direito. O meu pai, Nilberto Cavalcanti de Souza, não queria que mamãe fosse fazer aquele concurso, só porque ele já trabalhava lá; mas ela insistiu e persistiu, como boa aluna que fora do seu inesquecível professor, Severino Bezerra. Resultado: Foram aprovadas Clarice Palma em primeiro lugar e ela, Alba Lima de Souza, (então mãe de quatro filhos) em segundo, por uma diferença de meio ponto. Clarice teve a maior nota em datilografia, (que tinha mais peso na média final), mas mamãe se orgulhava de ter obtido a melhor nota na prova de português.

Naquela época, o Tribunal Eleitoral funcionava "na cidade", na Rua da Conceição, em uma das edificações ali então existentes e que, mais tarde, foram demolidas para dar lugar à atual Assembleia Legislativa. Todos os dias, os meus pais se deslocavam para o trabalho vestidos a caráter, como convinha aos servidores públicos de então: A minha mãe "bem pronta" como se dizia à época, e o meu pai sempre de terno completo. E foi assim durante alguns anos mais. A distância entre Tirol e "a cidade", considerada grande, começou a pesar, e essa foi a razão determinante da nossa mudança de endereço. Fomos morar na Rua da Conceição, 617, quase em frente ao Instituto Histórico. Foi a convivência com um novo mundo em que se descortinava a cidade e o rio. Quando lá chegamos, éramos os únicos adolescentes e as únicas crianças daquela rua, habitada por venerandas e simpáticas figuras. Foi lá também que nasceram os dois irmãos mais novos, completando-se o número dos nove irmãos.

O vento tange poeiras

Varrendo eiras e beira De adormecidos telhados Das casas do quarteirão... No torvelinho do tempo, Ressoam ecos passados, Fugindo pelos telhados Na Rua da Conceição (...) 18

A nossa mudança para a cidade coincidiu com o meu último ano de estudo em Dona Maria Dourado. Nas férias do final do ano, frequentei um curso preparatório para o exame de admissão ao ginásio no Colégio Salesiano, na Ribeira, para onde me dirigia diariamente, quase correndo em linha reta, descendo a rua da Conceição e toda a extensão da Av. Junqueira Ayres. Nesse trajeto, passava sempre em frente à casa de Câmara Cascudo, que papai chamava de Cascudinho. Ingressei, assim, na primeira turma do Curso Ginasial do Colégio Salesiano.

A nossa casa na cidade, passou a ser frequentada pelos poetas amigos do meu avô e do meu pai, com violões e poesia. Entre eles, recordo-me bem de Jaime Wanderley, Antídio de Azevedo, José Amaral, Luís de França e Dr. Mariano Coelho com as suas trovas. Havia também poetas mais novos que cultivavam a trova. Luís Rabelo era um deles e passou a prestar atenção às minhas poesias adolescentes e a me incentivar. Ele morava ali na cidade, perto do Ginásio São Luís. Alguns anos depois, musiquei alguns dos seus versos e foi através dele que conheci Dorian Gray de quem ele era tio.

Um dia, quase final do ano de 1962, lá no salesiano, apareceu um padre falando sobre vocação e as profissões que deveríamos abraçar um dia. Por último, falou da beleza de ser padre. Ao concluir a palestra, passou uma folha de papel onde cada um escreveria o próprio nome e qual a profissão a ser escolhida. Eu, que, quando pequeno, brincara

¹⁸ Idem, ibidem: Poema "Telhados e Casas". p. 109.

de fazer procissão e que vinha dos terços rezados diariamente em casa, das missas, das novenas de maio e de todas as celebrações do calendário litúrgico na Matriz de Santa Terezinha, tive o impulso e escrevi que queria ser "Padre". Pouco tempo depois, já estavam preparando o meu enxoval para ir para o seminário em Carpina, Pernambuco.

Estudei lá no Aspirantado Salesiano Pe. Rinaldo, cerca de três anos. Foram anos de muito estudo, muita leitura e muita produção literária. Depois, recebi a vestidura clerical, tornei-me clérigo salesiano e fiz o noviciado quase completo em Jaboatão. 19 Faltando apenas um mês para fazer os primeiros votos, decidi, como se dizia à época, "deixar a batina".

Voltando a Natal, precisei cursar mais um ano no Colégio Estadual do Atheneu Norte-rio-grandense, porque o ano de estudo noviciado não foi computado em razão da inexistência, no meu histórico escolar, de algumas disciplinas exigidas pelo currículo estabelecido pela Secretaria Estadual de Educação. Apesar disso, cursei, no noviciado e nos anos anteriores, diversas disciplinas que extrapolavam, em muito, as exigências do currículo oficial, como por exemplo, Filosofia, Latim, Grego, Italiano, Literatura Francesa, Música e outras disciplinas de formação religiosa. Foi assim que conclui o terceiro ano clássico, no Atheneu, com média final 10 em português, que, segundo o próprio professor, nunca fora atribuída a outro aluno. Foi no Atheneu que participei do primeiro concurso literário. Era promovido pela livraria El Atheneo e a Embaixada de Portugal no Brasil. Os candidatos deveriam escrever uma redação, em sala de aula, sobre o tema que foi dado na hora: "Brasil - Portugal: Duas Pátrias, um só Coração". Como resultado, tirei em 1º lugar do colégio, recebi um diploma e uma enciclopédia. Enciclopédia, aliás, era o que não nos faltava lá em casa, além de tantas coleções sobre assuntos específicos. A nossa mãe sempre adquiriu o que havia de melhor em livros para a nossa biblioteca doméstica.

O noviciado ficava em casa de formação religiosa afastada da cidade, dentro do espaço da "Colônia Agrícola São Sebastião", onde existe, na parte mais elevada, uma belíssima basílica de N. Sra. Auxiliadora, erigida sobre uma imensa rocha que aflora do solo em formas arredondadas.

Em uma época em que não havia internet, muitos vinham fazer pesquisas lá em casa. Uma das coleções que eu gostava bastante era a dos "Clássicos Jackson". Havia, lá, dois volumes dedicados à poesia. No volume "Poesias 2", encontrava-se a "Poesia Nº 4" do poeta alemão Rückert.²⁰ De todos os poemas que li na adolescência, esse, que ainda guardo na lembrança, foi o que mais me marcou:

"O diamante melhor corta tudo o que existe,

Mas ao corte de tudo ele sempre resiste.

O melhor coração é aquele que suporta

O corte que outrem faz, mas a nenhum não corta".

Desde jovem, decidi, como opção de vida, que não queria ser o melhor diamante, mas o melhor coração.

Por esse tempo, fundamos a Escola de Jovens Poetas Natalenses. Promovíamos exposições de Poesia na Galeria de Arte construída pelo prefeito Djalma Maranhão, na Praça André de Albuquerque e festivais de poesia falada na Academia de Letras com o apoio de Dr. Manoel Rodrigues de Melo, então Presidente da Academia.

Naquele ano, estava me preparando para o vestibular de Direito e, ao mesmo tempo, ensaiando para participar do I Festival Natalense da Canção. E obtive, como resultado, o 4º lugar no Festival e também no Vestibular. Lembro-me bem que Veríssimo de Melo e Ana Maria Cascudo eram membros da comissão Julgadora. A minha música, com letra extensa, como era comum à época, era a "Canção das Cantigas da Minha Terra", cujo refrão, que se tornou muito conhecido, exaltava o povo do Rio Grande do Norte: "No meu Nordeste não há/ Povo melhor que o daqui/ Desta Terra abençoada/ Que foi berço de Poti." As estrofes falavam dos folguedos e eram seguidas de trechos dos autos folclóricas intertextualizados. Algumas daquelas cantigas já me eram conhecidas de família, outras, aprendi assistindo às apresentações populares em praça pública, à época do Prefeito Djalma Maranhão. Depois do Festival, fui convidado a ir à casa

²⁰ Este poema está no Volume" Poesias 2 Clássicos Jackson, Tradução de Ary Mesquita.,

de Câmara Cascudo e terminei conhecendo a família pessoalmente e participando de várias reuniões onde cantávamos nossas músicas. Numa dessas reuniões conheci o Compositor Oswaldo de Souza, autor de músicas já consagradas nacionalmente. Algumas delas eu até já havia cantado no coral do seminário. Daí por diante, não parei mais de fazer músicas, que sempre fiz para fazer amigos. Também não deixei mais de participar dos Festivais de música Brasil a fora. Desses, destacarei, aqui, apenas mais quatro:

No I Festival Nacional da Música Popular Brasileira - "O Brasil Canta no Rio", em 1968, obtivemos o primeiro lugar da fase regional norte / nordeste, em Recife, com a música "Ciranda do Amor que vai Morrer de Velho para Nascer Criança", defendida por mim, acompanhado de Regina Lima, a minha irmã, na flauta. Ganhamos também o prêmio da melhor letra do festival. Na fase Nacional, no Rio de Janeiro (TV Excelsior), disputamos a semifinal com os representantes de São Paulo e fomos classificados em primeiro lugar para a finalíssima nacional, no Maracanázinho. A "Ciranda" foi gravada e lançada nacionalmente pela CBS no LP "O melhor de o Brasil Canta no Rio".

No II Festival Natalense da Canção popular (1968), obtivemos o 1º lugar, com a música "Hoje eu Canto mais Amor". Desta vez, contávamos com a torcida da Faculdade de Direito liderada por Juliano Siqueira. Nessa época, fazíamos parte do "Grupo Forte", integrado, entre outros, por Jaime Medeiros, Arnaldo Fernandes, os irmãos Getúlio e Chico Araújo, Rubens Lemos, Nalba e Regina Lima, as irmãs Socorro e Gracinha Bastos e Titico que, bem depois, ficou conhecido como Tico da Costa.²¹ Certa vez, o nosso grupo se contrapôs a uma "queima dos livros de Câmara Cascudo" programada por alguns adeptos da chamada "contracultura" e, por essa razão, formos tachados de "tradicionalistas". A nossa postura decorria, além das razões afetivas, também da consciência que tínhamos

Classificamos outras músicas, entre as quais "No País dos Cata-ventos (O Salineiro) ", "Canto de Amor, de Alegria e de Paz", "Canto de Sinceridade" (em parceria com Jaime Medeiros) e "Caminhos do Noite/Dia (em parceria com Rubens Lemos).

da importância da cultura para a identidade do nosso povo. Esse festival ficou marcado por uma certa polaridade.

No I Festival Nordestino (TV rádio Clube de Pernambuco-1969), fomos finalistas com a música "Kyrie Eleison". A letra desta música, sem usar a palavra "anistia", não deixava de ser um prematuro pedido para que fosse concedida a presos e foragidos por questões ideológicas, entre os quais se encontrava o nosso colega de Faculdade Juliano, de quem não se tinha notícia e em quem se inspirava uma das estrofes da canção. No dia da finalíssima do Festival, chegamos a Recife com o Impacto V e fomos surpreendidos com a notícia de que a música fora cortada pela censura. No entanto, devido ao empenho de Severino Barbosa, coordenador do Festival e as nossas "devidas explicações", a música, ao final da tarde, foi liberada sob a condição de não ser premiada. As premiações iam até o terceiro lugar. Ficamos honrosamente em quarto. À saída do Teatro do Parque, em Recife, tive a surpresa de encontrar Juliano Siqueira²² que ali nos aguardava. Rapidamente falou comigo e sumiu na multidão. Mas aquele encontro valeu, para mim, como uma vitória no Festival.

Em 1969, participamos do <u>IV Festival internacional da Can-</u> cão, (TV Globo - Rio de Janeiro). Naquele ano, foram escolhidas duas músicas do Nordeste para participarem da fase nacional do Festival. A partir das eliminatórias e da final realizadas em Recife, (TV Jornal do Comércio), fomos escolhidos Alceu Valença e eu. A minha música era a "Canção do Vento Norte" que foi defendida por Valéria Acioman e por mim novamente no Maracanázinho,

Naquela época, já vínhamos participando também de grupos de igreja engajados na doutrina social e em movimentos de inculturação da música popular na Liturgia, como inspiração do Concilio Vaticano II. Em 1968, compusemos a Missa da Padroeira de Natal toda em ritmo popular. O Hino Final, com letra de Palmira Wanderlei e

Surpreso pelo encontro, chamei Juliano pelo nome, mas ele me faz sinal para não falar. Disse apenas que comunicasse em casa que ele estava bem. E sem nada mais dizer, confundiu-se com a multidão. Em Natal, contei a sua prima Dulce Siqueira, nossa colega de Faculdade, e fomos à casa dos pais de Juliano na Rua Jundiaí para dar a notícia.

música composta em ritmo de baião, só foi assim cantado na Igreja, graças à interferência de D. Nivaldo Monte que compareceu ao ensaio geral na antiga catedral, pois o Pároco queria que fosse em ritmo de "hino". A missa teve a participação do conjunto Impacto V²³, e foi a primeira vez, no Brasil, em que guitarras, bateria e o ritmo de baião foram introduzidos em uma celebração litúrgica da Igreja. A notícia se espalhou pelas comunidades eclesiais. Recebemos a visita de representante do setor de música da CNBB, Pe. Weber. Fomos também convidados a apresentar essa missa em Recife e a compor uma missa para o Natal em Natal de 1968. As letras desta última foram escritas pelo padre Zé Luís. As duas missas (Letra e música) foram publicadas pela editora Vozes e tiveram várias gravações cantadas Brasil a fora.

Vem daí também a origem do Auto do Natal em NATAL. A primeira apresentação do auto foi em cerimônia para-litúrgica oficiada pelo Padre Lucas Batista, hoje Monsenhor Lucas, com texto teatral de Rofran Fernandes e as músicas de minha autoria. Aconteceu no Palácio dos Esportes em 1973, com apoio do Governo Cortez Pereira e do ministério da Educação e Cultura. Passei também a colaborar com músicas para várias campanhas da Fraternidade a partir do ano de 1973. Tempos depois, fui convidado a fazer parte da equipe de Música da CNBB.

...Mas, enquanto cursava a faculdade, ministrava aulas de Português e Literatura Brasileira e Portuguesa nos cursinhos pré-vestibulares. Um dia peguei um jornal lá em casa com a intuição de que, "aquele jornal iria mudar minha vida". E vi publicado um Edital da UFRN convocando alunos universitários para fazer um curso e concurso para Monitor de Metodologia da Ciência, visando à implantação da Reforma Universitária. Fui aprovado no curso e no concurso. E foi o início da minha vida acadêmica.

Depois de formado em Ciências Jurídicas e Sociais e diplo-

²³ Etelvino Francisco Menezes Caldas, líder do Impacto V, tinha sido meu colega no Ginásio Salesiano e depois também no seminário em Carpina, PE, mas logo voltou e foi estudar no Seminário em Natal. Foi lá em casa que começou a aprender a tocar violão, a princípio, contra a vontade do pai, que, tempos depois, terminou sendo o empresário do seu Conjunto.

mado como Bacharel em Direito pela UFRN, fiz concurso para Professor Auxiliar de Ensino da UFRN da disciplina Metodologia da Ciência, que lecionei por alguns anos em diversos cursos. Em minha carreira acadêmica, cursei Especialização em Metodologia do Ensino Superior (UFRN), obtive o grau de Mestre em Lógica e Filosofia da Ciência (UNICAMP) e Doutorado em Filosofia (UNICAMP/Université Catholique de Louvain - Bélgica).

Entre as <u>distinções literárias</u>, evoco o Prêmio Othoniel Menezes-1978, com a obra *As Dimensões do Tempo (poesias)* e o Prêmio Câmara Cascudo-1980, com o livro de contos *O Quinto Anjo*, ambos da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de Natal. À época, esses prêmios polarizavam as atenções dos intelectuais da cidade. Dando um salto no tempo, destaco ainda as premiações conquistadas na 1ª edição do Concurso Literário "Américo de Oliveira Costa" (2015), promovido pela Editora da UFRN, <u>nas categorias "conto" e "poesia"</u>, com diplomas e publicação das obras pela Editora da UFRN.

Venho, portanto, dessa caminhada, trazendo um cabedal de conhecimentos aprendidos, acumulados e produzidos e uma bagagem de aspirações, atitudes e disposições para compartilhá-los e, mais ainda, o compromisso com um futuro transformador, voltado para a luz que almejamos alcançar. É que, em mim, como em cada um de vós, acadêmicos, impõe-se o dever de fazer esta Academia tornar-se melhor a cada novo amanhecer do sol.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Eis que chegamos à Cadeira 9, inspirada por luminares desta Academia, cuja memória celebramos em valoroso rito de reconhecimento. Quanto a mim, que hoje o cumpro, não o faço por uma determinação meramente estatutária ou por uma mera formalidade ritual, mas por um imperativo categórico: É o dever que me move por sua finalidade em si mesma, fazendo-me vivenciar algo como que uma instância fatual dos fundamentos metafísicos dos costumes, como tão bem nos ensinou Kant.²⁴

Desta forma, viver a Academia é também fazer a memória dos XANT, I. Fundamentação da metafísica dos costumes. Tradução Paulo nossos "Patronos", aqueles que, pelos seus valores, inspiraram aos nossos fundadores, os perfis para os pósteros. É igualmente celebrar a memória dos fundadores que ocuparam, por primeiro, as suas cadeiras e daqueles que, nelas, se sucederam, deixando aqui iluminadas as trilhas que percorreram no campo das ideias e as marcas indeléveis das suas ações para fazer a Academia tornar-se o que ela hoje é.

Celebremos, pois, na sequência, a memória de Almino Afonso, nosso patrono; de Nestor Lima, o fundador e primeiro ocupante da cadeira 9 e dos seus sucessores **Cristóvão Dantas**, **Humberto** Dantas, Peregrino Júnior e do poeta Dorian Gray, o último ocupante desta cadeira, de quem temos a honra de ser o sucessor.

Almino Álvares **Afonso** - o Patrono da Cadeira 9:

O patrono da Cadeira que ora passo a ocupar, deixou seu nome escrito na história como destemido e valoroso abolicionista e partidário dos ideais republicanos, causas em que teve participação e que viu triunfar.

Entre os Valores marcantes que **Almino Afonso** defendeu e cultivou e que nos inspiram como nosso patrono, destacamos: a liberdade, a igualdade, a justiça, a humildade, especialmente com os humildes, a coragem, a determinação e a busca do conhecimento.

Dotado de mente brilhante e inteligência reconhecidamente superior, pela sua dedicação aos estudos, determinação e persistência, além de advogado, foi também grande latinista, orador grandiloquente e profundo conhecedor das línguas portuguesa e francesa, das quais se tornou professor no início de sua carreira. Galgou ainda as mais importantes funções públicas, políticas e administrativas de sua época.

De origem humilde, nasceu em 17 de abril de 1840, no modesto sítio de Caroatá, pertencente, à época, ao município de Martins, depois Patu de Dentro. Tornou-se advogado, com a ajuda de um tio, pela faculdade de Direito do Recife em 1871.

Quintela. Lisboa: Edições 70, 2005.

Como abolicionista, advogado e grande orador, teve participação destacada em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e, ainda também, no estado do Amazonas, para onde foi convidado depois de sua brilhante atuação no Ceará. Nesses estados, em especial, esteve sempre integrado aos grupos defensores da causa e era bastante solicitado a proferir os seus vigorosos discursos em prol da libertação dos escravos no Brasil.

Participou da abolição da escravatura em Mossoró, cinco anos antes da "Lei Áurea", inclusive se fez presente ao ato de sua declaração ali realizada em 30 de setembro de 1883, para cuja solenidade escreveu o "Hino à Liberdade", que, em uma das estrofes, proclama solene:

"Vamos breve que a glória nos chama, Nem corcéis, nem espadas de heróis! Nossa história é de luz, de harmonia, Nossa glória é formada de sóis. "

Com o advento da República, teve atuação destacada como deputado constituinte pelo Rio Grande do Norte, eleito que foi em 15 de setembro de 1890. Em sua atividade parlamentar, foi ainda senador da República eleito em 1894, na vaga de Amaro Cavalcanti.

Em contraste com a sua grande atuação, Almino Afonso deixou-nos uma bibliografia reduzida. Pode-se aí citar "Uma nota sobre os quebra-quilos da Paraíba" in Dunshee de Abranches, "Governos e Congressos da República", (1º Vol. P. 300. Fortaleza, 1875) e o panfleto "Os Rodrigões do Império" (contra os conselheiros do império e o próprio imperador, após a abolição). Além disso, tem-se notícias de versos por ele escritos como "Musa da História" publicados por Rômulo Wanderley" em Panorama da Poesia Norte-rio-grandense e outros versos da juventude que retratam sua angústia de órfão de pai, o apego dedicado à figura materna e o precoce pessimismo ante a indiferença e omissão dos seus semelhantes diante das adversidades da vida.²⁵ Quanto a trabalhos escritos sobre Almino Afonso, tivemos acesso ao livro do Professor Manoel Onofre "A abolição antes da Lei Áurea - Almino Afonso, o abolicionista e republicano histórico" (Rio de Janeiro, 1972).²⁶

A 13 de fevereiro de 1899, faleceu na cidade de Fortaleza.

Nestor Lima: o fundador da Academia e primeiro ocupante da Cadeira Nº 9:

Nestor dos Santos **Lima** foi professor, advogado, administrador e historiador, atividades todas em que se destacou. Nasceu em Açu, no dia 1º de agosto de 1887. Conclui estudos preparatórios no Liceu Paraibano e formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Por concurso, ingressou no magistério como Professor de Pedagogia da Escola Normal de Natal, de onde foi também diretor e, simultaneamente, professor de psicologia infantil.

Destacou-se como gestor educacional. Foi Diretor de estabelecimento de ensino e Diretor do Departamento de Educação do Estado. Nessa área, empreendeu reforma no ensino primário e pedagógico, na gestão do Governador Alberto Maranhão, com projeto inspirado nos moldes do ensino no Estado de São Paulo. Foi depois secretário Geral do Estado e Procurador Geral do Estado.

Exerceu também o magistério superior lecionando Direito Penitenciário e Direito Internacional Público, na Faculdade de Direito de Natal, da qual ocupou a direção por mais de uma vez.

Foi um dos fundadores da Academia Norte-rio-grandense de Letras e Presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Consta que, como Historiador, era extremamente metódico e minucioso, em especial na pesquisa das figuras da História do Estado do Rio Grande do Norte.

²⁵ Estes últimos versos estão *in* Professor Manuel Onofre, "A Abolição Antes da Lei Áurea – Almino Afonso, o Abolicionista e Republicano Histórico", Rio de Janeiro, 1972.

²⁶ Tivemos ainda notícia de outras obras como "Almino Afonso: o poeta, outros depoimentos (1993) e "Almino Afonso – Tribuno da Abolição" (1998). Renato Amado Peixoto.

Faleceu em Natal em 26 de fevereiro de 1959, deixando uma considerável bibliografia na área educacional, além de diversos ensaios de História.

<u>Cristóvão Dantas</u> – primeiro sucessor na Cadeira Nº 9:

Cristóvão Bezerra Dantas foi engenheiro agrônomo e jornalista. Exerceu as suas atividades alternando-se entre o Rio Grande do Norte e o Estado de São Paulo.

Nasceu natalense em 19 de abril de 1900. Levado pelo tio, Juvenal Lamartine, ingressou na escola de Agronomia de Lavras, Minas Gerais, aos 14 anos. Ali, fez o curso de Técnico agrícola e formou-se em Engenharia Agronômica. Pelo seu desemprenho em nível de excelência em todas as disciplinas, foi o concluinte laureado. Esta láurea lhe valeu, depois, uma bolsa para estudar nos Estados Unidos, onde se especializou em Genética do Algodão pela Universidade da Geórgia.

De volta para o Brasil, é nomeado Diretor da Estação Experimental do Algodão na cidade de Tupi, Estado de São Paulo. Ali Cristóvão Dantas participa ativamente do processo de desenvolvimento da cultura algodoeira naquele estado, cuja expansão se deve, em muito, aos seus trabalhos de pesquisas e às novas técnicas por ele introduzidas.

Estará de volta ao Rio Grande do Norte no Governo de Juvenal Lamartine do qual foi Secretário Geral, acumulado ainda outras secretarias, tendo sido ainda Diretor de "A República".

Foi deputado Federal pelo Rio Grande do Norte por duas legislaturas de 1927 e 1929 e de 1930 a 1932, quando a carreira parlamentar lhe é interrompida pela Revolução de 30.

Volta, então, a São Paulo onde passa a exercer uma intensa atividade dedicada à imprensa. Foi um dos fundadores e Diretor--presidente dos Diários Associados naquela Capital. Foi ativo colaborador do "Diário de São Paulo", "Estado de São Paulo" e "Folha da Manhã". Passa a ter os seus artigos publicados em diversos jornais e revistas do País, abordando assuntos concernentes à da sua área: agricultura, produção, mercado, economia e política externa.

Em São Paulo, exerceu ainda os cargos de Diretor da Agência Nacional, Diretor de Publicidade da Secretaria de Agricultura. Trabalhou ainda no Instituto do Café e na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

Depois disso, retorna uma vez mais ao Rio Grande do Norte para exercer o cargo de Secretário da Agricultura do Governo Sílvio Pedrosa. Posteriormente, foi Diretor-Presidente do Conselho de Desenvolvimento do Estado no Governo Aluízio Alves. Radicado em Natal, voltou às atividades jornalísticas, escrevendo artigos que eram publicados diariamente no órgão associado natalense, com transcrição no demais jornais associados do País.

Embora tenha produzido uma farta bagagem de escritos, nenhum livro deixou publicado, a não ser algumas plaquetas. Destaca Veríssimo de Melo²⁷ fazer-se necessário, para conhecimento das gerações pósteras, que se reúna, em livros, os milhares de artigos escritos por Cristóvão Dantas, em merecida homenagem à sua memória.

O dia 17 de outubro de 1964 marcou a data do seu falecimento em Natal.

Humberto Dantas – o sucessor não empossado:

Foi um dos notáveis da cultura potiguar. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, destacou-se como Jornalista, escritor e administrador. Os seus vastos conhecimentos da economia nacional lhe valeram o posto de Secretário Geral das Federação das indústrias de São Paulo e viagens mundo a fora integrando missões em prol dos interesses comerciais do Brasil em diversos países da Europa, da Ásia, da América do Norte e do Sul.

Eleito para a Academia Norte-rio-grandense de Letras na vaga deixada pelo seu irmão Cristóvão Dantas, não chegou a assumir em razão do seu inesperado falecimento

²⁷ Melo, Veríssimo de. Patronos e Acadêmicos, Vol. II. P.80. Ed. Pongetti, Rio de Janeiro, 1974.

Nascido em Natal em 5 de janeiro de 1908, radicou-se em São Paulo, ainda jovem, em 1924, com apoio do Irmão Cristóvão Dantas e lá se formou em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Estado de São Paulo.

Uma curiosidade sobre a vida de Humberto Dantas, pouco conhecida, é a de que, na revolução de 30, em São Paulo, assentou praça, lutou e foi ferido em combate. No seu tratamento, durante o período de convalescência, aproveitou o tempo para escrever.

Embora tenha se formado "em Direito", não seguiu carreira jurídica. Nessa área, trabalhou apenas no início de sua vida profissional como assistente jurídico do Departamento de Colonização do Estado de São Paulo. Foi, antes, o jornalismo a atividade em que mais se empenhou como grande colaborador de diversos jornais e revistas, especialmente o "Diário de São Paulo". Foi fundador da revista "Indústria e Desenvolvimento".

No jornalismo, como repórter, recebeu o convite de Assis Chateaubriand, para fazer a cobertura da viagem do sertanista José Morbeck ao Rio das Mortes em busca de "Araés", uma cidade lendária. Além disso, trabalhou na Redação em contato direto com o próprio Assis Chateaubriand. Consta que Chateaubriand admirava de tal forma o estilo elegante e claro do texto de Humberto Dantas, que passou a lhe confiar a redação final dos próprios artigos que assinava. Muitas vezes, ditava-lhe apenas os tópicos gerais, o esboço, deixando toda a elaboração textual a cargo de Humberto Dantas.

Consta que, certa vez, Assis Chateaubriand, em uma entrevista publicada, fez a seguinte declaração: - "Muito do meu sucesso no jornalismo, devo aos filhos do *cangaceiro* Manoel Dantas". Supondo que Humberto Dantas teria gostado do elogia, perguntou-lhe: " - Leu a minha entrevista? " E Humberto respondeu prontamente: - "Li e não gostei. Meu pai nunca foi um *cangaceiro*, é um homem de bem. Não trabalho mais para o Senhor. " A turma dos amigos e pacificadores, no entanto, evitou que se consumasse a demissão.²⁸

²⁸ As curiosidades sobre os irmãos Cristóvão e Humberto Dantas tiveram como informante o seu sobrinho Edgard Dantas, profundo conhecedor das

Mais tarde, convidado pelo Dr. Roberto Simonsen, foi trabalhar na Federação das Indústrias de São Paulo onde chegou a ser o Secretário Geral. No exercício dessa função, empreendeu diversas viagens internacionais.

Em 1961, foi ao <u>Japão e à Iugoslávia</u> em uma missão industrial brasileira. Dessa viagem, resultou o seu livro "Samurais e Proletários", onde reuniu impressões sobre o que observou nos dois países. Em 1965, volta ao <u>Japão</u> em nova missão industrial brasileira. Em seguida, faz uma viagem de estudos aos Estados Unidos para aperfeiçoamento em planejamento Industrial, com duração de dois meses. Em 1965, viaja a Portugal e Espanha com o objetivo de melhoria das relações comerciais do Brasil com aqueles países. De outras viagens internacionais, registram-se as suas passagens pelo México e Chile, oportunidade em que escreveu artigos sobre as suas observações no campo econômico. Neste último país, preparou ainda a visita que o Presidente Frei faria a São Paulo.

Pelo Brasil, empreendeu viagem ao Amazonas, Pará e Amapá, que resultou no livro "Amazônia, Caminho do Futuro", edição do Instituto Simonsen de São Paulo em 1966.

Foi dignitário de várias comendas como a Medalha do Mérito Tamandaré (Marinha do Brasil), Medalha "Imperatriz Leopoldina" (Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo), Medalha "Marechal Rondon" (Sociedade Geográfica Brasileira). Além disso, fez parte de várias Entidades e Associações como a Associação Paulista de Imprensa (Fundador e diretor duas vezes); Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo.

Em 29 de junho de 1970, Humberto Dantas faleceu em São Paulo.

Como última curiosidade sobre os dois irmãos acadêmicos, registramos que "Cristóvão Dantas" e "Humberto Dantas" são nomes de ruas na cidade de São Paulo, em reconhecimento às contribuições que deram ao desenvolvimento daquele Estado.

grandes figuras da História e da cultura do Seridó, um verdadeiro embaixador da Família Dantas em nosso Estado.

Peregrino Júnior – o mais prolífero dos ocupantes da cadeira 9: ²⁹

João **Peregrino** da Rocha Fagundes **Júnior** foi jornalista e médico. Pertenceu à Academia Nacional de Medicina e à Academia Brasileira de Letras, da qual foi Presidente. Foi membro do Conselho Federal de Educação e do Conselho Federal de Cultura e, por dez anos, Presidente da União Brasileira de Escritores-UBE. Como membro da Associação Brasileira de Imprensa - ABI, foi presidente da entidade por duas vezes, em 1956 e 1957.

Nascido em Natal em 12 de março de 1898, aqui frequenta o Ateneu Rio-grandense e a Escola Normal. Nessa mesma época, já exercia o jornalismo. Funda o jornal "A Onda", onde publicou um artigo com críticas à atuação do diretor da Escola Normal, que também era professor do Atheneu. Como consequência, foi expulso de ambos os colégios, ficando ainda vedado o seu acesso a qualquer outro estabelecimento de ensino em Natal. Em razão disso, foi prosseguir estudos em Belém.

Ainda em Natal, fundou outros dois jornais: "A Gazeta de Notícias" e "O Espectador". Chegando a Belém, em 1914, concluiu a formação básica no Ginásio Paes de Carvalho e prosseguiu em sua atividade jornalística, colaborando em vários periódicos dali.

Em 1920, muda-se para o Rio de Janeiro, onde inicia também a sua atividade no meio jornalístico da capital do País. Estabelece contato com os meios culturais: Passa a escrever no "Gazeta de Notícias" e estreia na Literatura. Trabalhou na Central do Brasil onde conhece o escritor Pereira da Silva, que foi o seu antecessor na Academia Brasileira de Letras. Em 1926, casa-se com Wanda Acioli, cunhada do Escritor Ronald de Carvalho e se forma em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1929.

Para efeito de pesquisa futura, os dados relativos à vida e obra de Peregrino Júnior ampliam um pouco e atualizam o que consta na obra "Patronos e Acadêmicos de Veríssimo de Melo" (Vol. II), a qual foi escrita e publicada quando o escritor era ainda vivo, cerca de dez anos antes do seu falecimento.

Depois de formado, Peregrino Júnior Inicia a sua carreira como médico adjunto da Santa Casa. Posteriormente, assume função de chefia de enfermaria no Hospital Estácio de Sá. Na Policlínica do Rio de Janeiro, entidade da qual veio a ser presidente, fundou e dirigiu o serviço de endocrinologia. Foi ainda o fundador e o primeiro Presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia, Biotipologia e Nutrição.

Ingressou na carreira docente como lente de Clínica Médica e Biometria na então Faculdade Nacional de Medicina, de onde se tornou catedrático. Lecionou também na Faculdade Fluminense de Medicina e na Escola Nacional de Educação Física e Desportos, da qual foi ainda o Diretor. Foi ainda membro do Conselho Nacional de Desporto, emérito da Universidade do Brasil e membro da Academia Nacional de Medicina.

Na sua especialidade médica, Peregrino Júnior teve uma a produção extensa. 30 Na literatura em geral, era conhecido como um exímio contador de casos. As suas crônicas, muito apreciadas, eram publicadas em vários jornais e revistas. Um dos seus temas favoritos era a Amazônia. Enveredou ainda pela crítica literária e organizou seletas e antologias, como a de Ronald de Carvalho. Foi autor de uma vasta produção literária:

- Vida Fútil (1923), Jardim da Melancolia (1926), O Cangaceiro Zé Favela (1928), Um Drama no Seringal (1929), Puçanga (1929), Matupá (1933), Histórias da Amazônia (1936), Interpretação Biotipológica das Artes Plásticas (1936), Doença e Constituição de Machado de Assis (1938), Testamento de uma Geração (1944), O tempo Interior na Poesia Brasileira (1946), O Movimento Modernista (1954), Origem e Evolução do Simbolismo (1957), Biografia de João

Nesta área, entre os seus principais livros, destacam-se: Ciática (patologia e clínica), (1935), Vitaminologia (1936), Biotipologia e Educação (1936), Insuficiência Suprarrenal no Impaludismo (1937), Estudo Experimental das Polinevrites Tóxicas (1937), Desenvolvimento Normal do Brasileiro (1943), Alimentação - Problema Nacional (1942), Biometria Aplicada à Educação (1942), Biotipologia Pedagógica (1942), Tireoide - Patologia e Clínica (Prêmio Academia Nacional de Medicina, (1943), Crescimento e Desenvolvimento (1949), - Alimentação e Cultura (1951) e Stress e Síndrome Geral da Adaptação (1955).

Francisco Lisboa (1957), Panorama Cultural da Amazônia (1960), Ronald de Carvalho - Poesia e Prosa. Seleção crítica (1960), A Mata Submersa (1960), José Lins do Rego - Romance. Seleção crítica (1966), Três Ensaios (1969), Língua e Estilo de José Lins do Rego (1968).

Peregrino Júnior foi dignitário de várias honrarias e condecorações, entre as quais se destacam: Ordem do Mérito do Chile, Ordem do condor dos Andes (Bolívia), Ordem do Mérito (Equador), Colar de Grande Oficial da Ordem de Santiago (Portugal), Medalha de Santo Olavo (Noruega), Grã-Cruz da Ordem do Mérito da Síria, Medalha da Academia Internacional Americana (Nova Iorque), Grande Oficial da Ordem da Rosa Branca (Finlândia), Ordem do Mérito Naval e Ordem do Mérito Aeronáutico, do Brasil.

Faleceu no Rio de Janeiro em 12 de outubro de 1983, deixando grande legado intelectual, especialmente, para as Ciências Médicas e para a Literatura.

Dorian Gray Caldas – o artista múltiplo, o poeta para além da linguagem comum

A minha maior motivação e inspiração para me candidatar à Academia foi o próprio poeta Dorian Gray. A Cadeira 9 ficou engrandecida por ter sido ocupada por esse singular homem das letras e das artes potiguares, de quem tive a honra de ter como amigo de muitos anos e partícipe das minhas veredas poéticas ao longo de tantas jornadas. Exemplo disso é o fato de o poeta ter escrito impressões sobre meu primeiro livro de poesias "As Dimensões do Tempo"³¹, 1978 (Editora UFRN, 1979) e ainda ter escrito o prefácio do meu livro "As Dimensões do Espaço Íntimo", lançado pelo Editora 8, em 2014.

O jornal a República de 12/02/1980, p. 10, publicas uma declaração de Dorian Gray a respeito do lançamento do livro lançado naquela data: "Ninguém mergulha além do seu momento": Para mim, basta este verso para definir a Dimensão desse poeta, onde o mistério da poesia marca a essencialidade de quase todos os seus poemas. (Dorian Gray Caldas).

Com Dorian compartilhei grande devoção à nossa cultura popular, em especial às coisas da nossa terra e da nossa cidade, objeto de tantas canções que compus, em especial na minha primeira fase dos festivais, sempre recebendo positivas apreciações e incentivos. Quando participei do Governo Cortez Pereira, vi, com alegria, ser aceita a minha sugestão de o estado presentear os mais ilustres visitantes oficiais, com obras dos nossos artistas. O Governador, com a sua sensibilidade, entendeu bem o alcance daquela sugestão. Entre as obras de outros artistas, os quadros e os tapetes de Dorian Gray e as talhas de Manxa passaram a figurar como as obras mais apreciadas e fizeram correr o mundo a nossa arte, divulgando, através da sua beleza, o Estado do Rio Grande do Norte.

Dorian era o artista multifacetado. Foi escritor de prosa esmerada e erudita, ensaísta e poeta cuja linguagem vai para além da linguagem comum. Como artista plástico, explorou várias formas de expressão e técnicas diversificadas. Foi pintor, tapeceiro, escultor, ceramista e desenhista. Poucos sabem, mas era um bom cantor, dotado de bela voz de timbre seguro e firme.

A temática da sua pintura é muito voltada para os personagens populares e autos folclóricos com o cenário das dunas e do mar em suas marinas, paisagens da sua cidade. E no espaço da sua cidade, ele precisou topograficamente, na última entrevista que concedeu, o local exato onde nascera: - "Eu nasci em Natal, precisamente lá no final da rua Deodoro, minha mãe me teve nessa casa." Pois foi lá no final, no alto da Deodoro, onde o mar descortina em bela visão desta cidade do Natal, que Dorian nasceu no ano de 1930.

A sua estreia nas artes, ao lado de Newtons Navarro, se deu aos vinte anos no 1º Salão de Arte Moderna de Natal, evento que muito repercutiu na nossa sociedade, no ano de 1950. De Dorian Gay, disse o Mestre cascudo: "Compreende-se que Dorian Gray, pintor e desenhista enfrentando a composição, tenha a vocação pictórica pela realidade brasileira, incapaz de deformá-la, mutilá--la, sob pretexto de interpretação pessoal. Esses sentimentos, profundos, obscuros, radiculares na permanência mental, ascendem no impulso irresistível da espontaneidade, constituindo uma anticlinal figura, uma figura coletiva, palpitante e lógica, na personalidade do artista, o criador das belas coisas. A emoção duplica os temas da modelagem impressionista, numa diplopia geradora de imagens de assombro e verdade".

Na poesia, a sua estreia foi em 1961, com o lançamento do seu livro "Instrumento de Sonho". Este foi o primeiro dos 37 livros do autor. Também na literatura foi prolífero.

Em maio de 2016, lançou a Antologia "Do Outro Lado da Sombra - Poesia Quase Completa", reunindo a sua obre poética. A primeira parte da Antologia contempla poemas da sua produção poética de 10 livros. A segunda parta, concerne a poemas de mais quatro livros, sendo dois de poesias ainda inéditas.

Dizia Paul Valéry³² que a característica básica da linguagem comum é a de que, tão logo ela seja compreendida, desaparece, deixa de ser linguagem e passa a ser ideias, impressões e atos que preenchem a sua função específica.

A linguagem poética de Dorian está para além da linguagem comum. Digo que a sua poesia é linguagem em si que não se esgota, pela beleza sinestésica das cores e das formas. É que o pintor e o poeta convivem no mesmo sentimento e percepção, o que torna a sua poesia algo assim como um quadro que guarda para sempre o que tem para revelar, com nuances diferentes sob nova luz. Dorian utiliza uma linguagem poética dirigida ao seu entendimento e que, por isso mesmo, conserva algo de mistério, onde há sempre algo a desvendar.

Dorian Gray Caldas descreve paisagens, inscreve emoções, poetiza as praias e mares. É assim que o vemos a escrever, nas telas, poemas azuis em forma de céu e mar e a derramar, nos poemas, as cores da vida que intensamente amava.

Paul Valéry, The art of poetry, trad. De Denise Folliot (Nova Iorque, 1993, pp.64 s, 71 s apud, Levi, Samuel R. – *Estruturas linguísticas em Poesia* Trad. José Fausto Paes, São Paulo, Cultrix Ed. USP, 1975.

Quando estive na Presidência da UBE, em 2015, lançamos uma coletânea de poetas potiguares cuja capa Dorian desenhou gentilmente a meu pedido. Dessa coletânea, Dorian participou com três poemas. Quando li um deles, intitulado "Da Verdade" fiquei extasiado com um trecho em linguagem sálmica, eloquentemente indagativa:

"Não vês que tudo o que sou / Do mais sólido ao mais insustentável

É para louvar-te e para os teus / olhos infinitos se dirigem? Senhor, tenho-te procurado / Nos abismos, se não te vejo, É porque no outro lado / da parte que me coube falta completar-me. (...)"

Confesso, ainda, que também senti um laivo de tristeza ao ler os primeiros versos desse mesmo poema:

"Senhor, dá-me mais um verão / e eu continuarei a parte que me cabe neste oficio. / Sei que um verão é pouco, mas se assim peço / é para que possa erguer-me das minhas fragilidades / e sob a tua luz / escrever teu nome. "

Mas Deus = sempre Generoso = concedeu-lhe mais que um verão. No dia 23 de janeiro de 2017, era o segundo verão e se fez sombra. Dorian Gray Caldas partiu para o outro lado e entristeceu a sua cidade em definitivo adeus a caminho da luz.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Vamos chegando agora ao final dessa oração. É o momento de manifestar a mais profunda gratidão a todos quantos me apoiaram nessa caminhada até aqui. Um agradecimento mais imediato, dirijo aos acadêmicos e confrades do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte que, prestativos, me repassaram informações e subsídios para o resgate das memórias cultuadas nessa elocução: Jurandir Navarro, Edgard Dantas e Manoel Onofre Júnior. Um agradecimento todo especial dirijo à família de Dorian Gray Caldas: Vanda, Dione e Adriano, pela particular e gentil atenção.

Desejo ainda externar as minhas congratulações pela acolhida que tive de todos nesta casa e retribuir, com a minha alegria, a todos quantos me distinguiram com as suas presenças ilustres e queridas, tornando esta noite memorável.

Por fim, diante das Senhoras e dos Senhores, venho render a Deus o meu agradecimento maior por tantos dons que o seu amor me concedeu e exclamar com as palavras que me são emprestadas de Davi:

Non nobis, Domine, non nobis, sed neminem tuo da gloriam!

Não para nós Senhor, não para nós, mas para a glória do teu nome.

Tenho dito.

Roberto Lima de Souza

NOITE DOS MULTIPLICADORES

DISCURSO PROFERIDO PELO SÓCIO DE HONRA. JORNALISTA E PROFESSOR GAUDÊNCIO TORQUATO

OS MULTIPLICADORES:

FLÁVIO ROCHA, JOÃO CLAUDINO, MARCELO ALECRIM E PEDRO ALCÁNTARA REGO

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

DIA 21-10-2017

Senhoras e Senhores

Minha primeira palavra é para explicar a razão que justifica minha presença nesse evento da Academia Norte Rio-Grandense de Letras. O que me traz aqui? Por que o centro da cultura e das letras da terra potiguar abre suas portas para ouvir nesse evento dos Multiplicadores a peroração deste conterrâneo, aliás, um conterrâneo que nunca teve a felicidade de habitar a querida cidade do Natal?

Explico. Aqui estou graças ao gesto magnânimo dos componentes desta Casa, dirigida pela extraordinária figura do polivalente Diogenes da Cunha Lima, advogado, escritor, poeta, professor, consultor, intelectual de primeira linha, pessoa querida, admirada e respeitada. Com a bondade que é marca de sua personalidade, apresentou meu nome aos seus pares e estes aprovaram meu ingresso como Sócio de Honra na Academia.

Integrar o quadro de figuras de alto calibre do mundo das letras e da cultura do nosso Estado, que participa desta Casa, é

motivo de orgulho. Afinal, passam e passaram por aqui nomes da mais alta estirpe intelectual do país, a partir daquele que ilustra a galeria mais elevada da cultura brasileira, Luis da Câmara Cascudo, sob cuja liderança foi fundada, em 15 de novembro de 1936, a Academia Norte-Rio-Riograndense de Letras.

Poeta Diogenes, antes de cumprir a missão com que me distinguiu, a de proferir a saudação a quatro grandes figuras do empreendedorismo potiguar, os empresários João Claudino Fernandes, Marcelo Alecrim, Pedro Alcântara Rego de Lima e Flávio Rocha, permita-me pinçar breves passagens de sua produção intelectual. Como você teve a feliz ideia de nomear os quatro homenageados da noite, cometi a ousadia de inseri-lo no rol das homenagens.

Desculpe-me, portanto, por esta rápida curva na linha do nosso acerto.

Começo com a lembrança de sua afamada verve, presidente. Sempre com uma novidade para contar, cheio de boas e risíveis histórias, você é o centro das atenções em uma boa conversa de grupo. Irradia imensa bondade, que se expressa em comportamentos e gestos. Bondade assim descrita por você: "Se não vencer a bondade, o que podemos fazer?" Agradeço, portanto, a generosidade com que propôs meu nome ao crivo dos integrantes desta Casa. Generosidade com que você me eleva, até, à condição de natalense. Não é o que prega em seu livro, Natal, Uma Nova Biografia? Lá está escrito: "quem ama Natal é natalense. Todo potiguar considera-se natalense, mesmo nascendo em Passa e Fica, Caiçara do Rio dos Ventos, Jardim do Seridó ou Timbaúba dos Batistas". Assim seja. Nascidos na serra de Luis Gomes podem, portanto, se considerar natalenses.

Passo a fazer agora um pequeno exercício de juntar consoantes e vogais, o esqueleto e a carne das palavras, como diz Schopenhauer em seu livro A Arte de Escrever, para lembrar um pouco sua obra, poeta. Tomo a liberdade de correr por retas e curvas de sua poesia, sugerindo, inicialmente, um encontro seu com Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto, ou, como era chamado, Pablo Neruda, aqui em Natal. (Vale lembrar que o poeta já passara pelo Brasil, primeiramente em 1945, quando participou de uma homenagem a Carlos Prestes).

Foi brindado por nosso Carlos Drummond de Andrade com estes versos em seu poema-manifesto em "Consideração do Poema", que abre o livro "A Rosa do Povo", de 1945: "Estes poetas são meus. De todo orgulho,/ de toda a precisão se incorporaram/ ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinicius/ sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo. Que Neruda me dê sua gravata chamejante/ Me perco em Apollinaire. Adeus, Maiakovski...". No Brasil, era amigo de Jorge Amado e do poeta Tiago de Mello.

Pois bem, imaginemos que deixando por uns dias seus barquinhos, conchas, cachimbos e garrafas, estampados nas paredes de seu paraíso na Isla Negra, Neruda passa alguns dias entre nós. Numa aprazível tarde de primavera, senta-se ao lado de Diogenes para ouvir respostas ao seu Livro de Las Preguntas, a partir de O Livro das Respostas:

Neruda: - Por qué se entristece la tierra cuando aparecen las violetas?

Diogenes: - Porque a flor só se encanta na cor da semana santa

O poeta chileno: Te hás dado cuenta que el otoño / es como una vaca amarilla?

O poeta potiguar- Percebi. Pelo leite derramado.

Neruda -Cuál es el pájaro amarillo / que llena el nido de limones?

- Diogenes -O pássaro infiel

Neruda: Si se termina el amarillo / con que vamos a hacer el pan?

Diogenes-Faremos o pão da terra. Um dia vamos ser seu pão

N -Se alejarán en el otoño / las golondrinas de la luna?,

D- No outono as andorinhas / farão ninhos inaugurais / no outro lado da lua

N- Por qué no dar uma medalla / a la primera hoja de oro?

D- Para não haver desdouro: o dourado despreza o ouro

Que tarde de encantamento!

De onde se encontra, o poeta chileno deve estar se indagando "Por que não fui à esquina do Brasil abraçar o poeta potiguar Cunha Lima?

Essa criativa montagem de palavras dos dois poetas me faz lembrar Palavras Andantes de Eduardo Galeano, onde encontramos aquela senhora que recortava palavras de todos os tamanhos de jornais, guardando-as em caixas. Na vermelha, guardava as palavras furiosas, na verde, as palavras amantes. Na caixa azul, as neutras. Na amarela, as tristes. E numa caixa transparente, Madga Lemonnier deixava as palavras com magia. Ás vezes, Magda abre e vira as caixas sobre a mesa para que se misturem do jeito que quiserem. Assim, elas contam o que acontece hoje e o que acontecerá amanhã.

Também os dois poetas guardam a magia das palavras em caixas transparentes. São palavras encadeadas que exprimem a beleza combinada de ritmo, cadência, musicalidade, repetição de sons, alegria e leveza. A propósito, lembro esse verso de Virgílio na Eneida, que tive de decorar, aos 14 anos, no Seminário Santa Terezinha, em Mossoró. Ouçam a cadência:

"Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum"

"Das patas com o bater em pó desfeito Soa o chão com o tropel de quadrúpedes."

(A fonética do verso nos remete ao tropel dos cavalos correndo sobre um chão pontilhado de pedrinhas).

Coisas que só o encanto da poesia oferece.

Diogenes guarda fina sensibilidade para captar histórias, frases, passagens e climas. Pinço esse traço em "Câmara Cascudo, um Brasileiro Feliz". Livro de memórias, escrito com alma e precisão. Que também me faz recordar a leveza da escrita, leveza que foi objeto de uma das Conferências que Ítalo Calvino preparou para fazer

na Universidade Harvard, EUA, e que não pode fazê-lo por morrer antes da viagem. O texto está em Seis Propostas para o Próximo Milênio, magnífico e premiado livro.

Leveza que seleciona palavras adequadas, em ritmo que flui harmoniosamente entre si, estabelecendo um diferencial que conquista o leitor, permitindo que este viva a sensação de suavidade que está sendo descrita.

Leveza que se apresenta nesses pedaços de versos

- ...e o céu envelopando sua queda num azul frágil
- Afagava-a devagar, mas com a urgência de estilhaços
- ... A noite está fria e tiritam, azuis, os astros à distância
-Estava como que transpassado de vazios
- ... Para que tu me adivinhes, entre os ventos taciturnos, apago meus pensamentos, ponho vestidos noturnos.

Vejamos Diogenes captando a alma de Cascudo nesse testemunho:

- Num lugar inóspito, desabitado e estéril, um boi velho que puxara arado é mordido por uma jararaca. Sente que vai morrer e se arrasta até o pé da serra. Morre e é comido pelos bichos do céu e do chão. Vêm formigas e os vermes. As aves de rapina defecam em torno do cadáver sementes de fruteiras distantes. Aos poucos, o lugar se torna verde, cheio de vida. O boi velho (serei eu?), envenenado, cumpriu depois da morte sua função vivificadora.

Flagrando Cascudo fazendo uma confissão cheia de graça:

- Não se assombre, em Natal eu sou o único pecador profissional, os outros são amadores.

Ou como mestre de engraçadas cerimônias:

Levou (Cascudo) uma garrafa de cachaça, de primeira cabeçada para Paris. Se quisessem degustar a bebida, os amigos que moravam na França deveriam fazer fila no corredor do hotel, devidamente ajoelhados. Cumprida a exigência, Cascudo serviu a cachaça em cálice.

Meio assustado, o camareiro comentou:

- Criaram uma nova religião. E o seu bispo, muito estranho, é hóspede do hotel.

Vez ou outra, nosso escritor-poeta arremete a pena na direção do deboche, de onde retrata a alma (pecadora) de figuras do conturbado planeta político, como aquela que continua a atrair as massas por nossas plagas:

> - Não posso fazer pantim Sou limpo, imaculado, Eu nunca estou em pecado Tal candidato, em latim

AMIGAS E AMIGOS

Volto a juntar os esqueletos e a carne das palavras, as consoantes e vogais, agora para cumprir a missão que me foi confiada: homenagear com pequena saudação quatro cidadãos do nosso Estado. O primeiro deles é João Claudino Fernandes, um gênio dos fazeres, o visionário que construiu um império, a partir do Armazém Paraíba.

João é um luisgomense, como eu, nascido em 21 de junho de 1930, portanto em plenos festejos de São João. Sexto filho de Joca e Francisquinha (de uma prole de 17 filhos), João deixou a cidade serrana em 1935, quando foi morar em Cajazeiras, na época referência na área da educação e cultura, graças ao colégio fundado

pelo famoso padre Rolim e à condição de pólo comercial da região. A pequena bodega de Joca em Luis Gomes veio a se transformar numa grande loja- Santa Terezinha – aberta em Cajazeiras com o sogro de Joca, Adelino da Silva.

Menino peralta, João era bagunceiro, no bom sentido da palavra: fazia peraltices por brincadeira. Até o dia em que a professora do Colégio Salesiano foi se queixar ao seu Joca: "fica pulando em todas as carteiras, na hora da explicação, revolucionando a classe". Mexia com os irmãos, vez ou outra desaparecia na hora de dormir, era o animador da casa. João tinha uma inteligência superior a sua idade, desde pequeno, reconhece a irmã Lindalva.

O pai confiou sua educação ao padre Bartolomeu, com quem João aprendeu lições de vida. O próprio João testemunha: "ele mostrava que tudo na vida tem seu tempo certo e sua forma de ser; por isso é preciso saber bem as coisas e o modo de agir".

O negócio de Joca prosperava. O comércio de roupas prontas foi um achado. E haja costureira. A loja chegou a ter 500 costureiras. João deixa o colégio Salesiano e em 1949 abre um pequeno comércio. Em 1951, Joca comprou o primeiro rádio, alegria do contato com o mundo. Começou a abrir filiais na região. Veio a expansão com o comércio de máquinas. Em 1957, os Claudinos passaram a terceirizar os negócios com representantes em cidades do Nordeste.

Em 1958, ano de grande seca, João toma o rumo do Maranhão. Abriu uma empresa em Bacabal. Nasceu aí o Armazém Paraíba. ("Se o negócio tiver sucesso, qualquer nome se torna bonito" Vieram, a seguir, os colchões. O império se consolidava. João, já morando em Teresina, modelou o grupo com sua humanidade, propiciando plena integração dos funcionários ao Armazém Paraíba. Ele próprio começou a encarnar personagens nas grandiosas festas de confraternização, como a de 1999, quando se vestiu de imperador Pedro I. Foi assim, no traje do imperador, entrando no palco montado em um grande cavalo branco. Confesso que me assustei. Estava lá para receber dele uma homenagem. Lembra-se, João?

E assim se desenvolveu o Grupo empresarial que é um dos mais importantes do país.

Que valores se fazem presentes na vida desse empreendedor? Ora, distingo nele aquelas cinco práticas que Confúcio distinguia em figuras que plantam sementes de humanidade: a cortesia, que repele as coisas ruins; **a tolerância**, que conquista todos os corações; a boa fé, que inspira confiança; a diligência, que garante o sucesso e a generosidade, que lhe confere respeito e autoridade sobre outros.

Pinço ligeiras linhas sobre esse conterrâneo luisgomense no livro de Suzana Jales – Seguindo os Passos do Sucesso, de onde extraio referências do prefácio que escrevi:

- O livro da Gênesis, a historia da criação do mundo, registra que Abrão, aos 99 anos de idade, recebe a visita do Senhor, que lhe propõe um pacto. Abrão passaria a se chamar Abrahão, seria pai de muitas gentes, faria crescer a posteridade infinitamente, dando origem, por um acordo eterno, a nações e gerações. Deus lhe concedeu e à sua posteridade todo o país de Canaã, a Terra da Promissão. Por um desses insondáveis mistérios da vida e pelas bênçãos do Todo Poderoso, uma nova Canaã, escondida no coração do Polígono das Secas, no alto sertão paraibano, haveria de abrigar, nas bordas mais longínguas do tempo, uma matriz de gente de têmpera, destinada a produzir e a espalhar na Terra Prometida os frutos de seu suor, expressos bens e riquezas que geram progresso em muitos quadrantes do território brasileiro.

João Claudino pertence à estirpe rara de grandes empreendedores, monumentais figuras que dão brilho à vida e fazem bem à Humanidade.

Nele se distingue o axioma do filósofo grego, Epicuro: "o prazer de fazer o bem é maior do que recebê-lo."

Suzana Iales assim o descreve:

"É arrojado desde jovem, Inteligente, extremamente organizado, otimista e acima de tudo, tem uma fé inabalável no futuro.... É determinado, sabe o que quer e vai até o fim. Trabalha por prazer. Tem garra e coragem em tudo o que faz. Isso sem falar na sua memória, invejável.

Lembra com detalhes os fatos e não esquece datas importantes".

Há no jeito João Claudino de ser até um parêntesis para a galhofa:

Certa vez recebeu o telefonema de uma figura de Teresina – o Coronel Barata. Como ele não o conhecia, pensou tratar-se de uma brincadeira. Quem é? Coronel Barata.

"Pode falar, aqui é o Major Detefon!" – respondeu.

Foi um drama explicar e pedir desculpas.

Nas palavras de David S. Landes, em seu livro "Riqueza e Pobreza das Nações", há pessoas que vencem, não porque estejam certos, mas que são positivos. E a positividade é a alavanca da realização, do aperfeiçoamento, do sucesso. Esta é a razão pela qual os vencedores cultivam uma fé cética, uma força moral inabalável. João Claudino é um vencedor.

A face Mecenas de João está impressa na fantástica Fundacão Francisca Fernandes Claudino, em Luis Gomes, e na Fundação Educacional Lica Claudino, em Uiraúna, na Paraíba. Estabelecimentos que levam crianças e jovens ao mundo da educação, das artes e da cultura. O mecenas se faz presente, ainda, nos Festivais de Violeiros do Norte e Nordeste, sob a égide da Casa do Cantador, em Teresina, considerada hoje o espaço mais importante dos repentistas do Brasil. Casa assim cantada pelos repentistas Severino Ferreira e Ivanildo Vilanova, após ouvirem o mote sugerido pelo próprio João:

João Claudino vai doar a Casa do Cantador.

IV- Tem casa no mundo inteiro

A Casa Branca é famosa

A Casa de Rui Barbosa

Lá no Rio de Janeiro

O artesão brasileiro

Tem a casa em Salvador

Porém no nosso setor

Quem canta não tem lugar

João Claudino vai doar

A Casa do Cantador

SF-Eu sei que tem a Assembléia

Para viver deputado

O senador no Senado

Também faz a sua estréia

A abelha tem colméia

Quer o mel no seu setor

Mas poeta beija-flor

Não tem onde pousar

João Claudino vai doar

A Casa do Cantador

João também se aventura na poesia. Como se vê nesse singelo verso sobre Luzia Falcão, em 21 de agosto de 1999. Luzia cuidava da Casa do Cantador:

Luzia foi para nós

O símbolo da cantoria

Com toda simplicidade

Vivia seu dia a dia

Deixou versos para nós

Não esqueçamos sua voz

Hoje canta pra Maria

Grande Brasileiro, glória da nossa serra de Luis Gomes, receba nossos aplausos e nossas homenagens.

Amigas e amigos

Abro, agora, a expressão para prestar homenagem aos três empresários que gravam seus nomes na galeria de honra das letras e da cultura do nosso Estado. Foram eles que propiciaram a aquisição do fardão do acadêmico João Almino, um ilustre potiguar de Mossoró, que tomou posse na Academia Brasileira de Letras pouco tempo atrás. Desde a primeira hora, ao tomarem ciência da dificuldade em arranjar recursos para adquirir o fardão, eles se prontificaram a colaborar.

Reparto os agradecimentos aos três com o nosso presidente Diogenes.

Passo a discorrer sobre eles, começando com esta figura que imprime seu nome na Bíblia do empreendedorismo nacional: Marcelo Henrique Ribeiro Alecrim.

Uma vocação para produzir grandes ideias!

Aos 19 anos, Marcelo Alecrim enfrentou a primeira batalha: administrar o posto de combustível do pai em Canguaretama. Quintuplicou as vendas do posto em 5 anos. E veio expansão: uma rede de 13 postos por diversos municípios do RN e em Natal. Em 1996, com a desregulamentação do mercado de distribuição de combustíveis, realizou seu grande sonho: fundar sua distribuidora, a Satélite Distribuidora de Petróleo S/A (SAT)

A visão de Marcelo abriu um grande empreendimento.

A SAT tornou-se a empresa que mais acumulava prêmios e reconhecimento. Eleita por várias vezes Uma das Melhores Empresas para se Trabalhar do Brasil, em 2001 eleita a Melhor Empresa do Comércio Varejista do Brasil, associou-se, em 2004, a um fundo de investimento norte-americano, o Darby Overseas, que adquiriu 34% de ações da empresa. Passou a ser a 1ª. distribuidora regional do país a conseguir associação com um fundo de investimento internacional, passaporte para expandir os negócios pelo Sudeste.

Veio, na sequência, a AleSat Combustíveis, fruto de uma fusão entre a potiguar SAT e a mineira ALE. Em 2006. Com jeito acolhedor, teve uma política de relacionamento diferenciada. Conquistou forte posição no Sudeste, sendo a 6ª.maior distribuidora do país, com uma atuação empresarial íntegra e responsável.

Já a SAT norte-riograndense com foco na valorização do revendedor e nas relações humanas, alcançou a posição de 7^a maior distribuidora de combustíveis do país. Presente em todo o Nordeste.

Marcelo Alecrim assumiu a Presidência Executiva da AleSat desde o início, sendo também membro do Conselho de Administração. Conseguiu manter a empresa no ranking das Melhores Para se Trabalhar, com a conquista do prêmio de Boa Governança Corporativa em 2008 pelo Instituto Brasileiro de Governança Corporativa(IBGC).

Hoje, a ALE é a 4ª maior distribuidora de combustíveis do Brasil, com uma rede de mais de 2.000 postos em 22 Estados brasileiros, gerando 15 mil empregos diretos e indiretos. Vejam o tamanho da força de Marcelo: um faturamento em 2016 de R\$ 12,6 bilhões.

Esse é o cara!

Poderia ser essa uma declaração de Warren Buffet ao saber que a ALESAT foi até *case* publicado pela Universidade de Harvard, em agosto de 2007. Marcelo é um colecionador de prêmios. Deixo de ler a longa lista. Mas destaco: Jovem Empreendedor do Ano, pela revista Exame e Ernst & Young, em 2000, Empreendedor do Ano 2010 na categoria Máster, escolhido para representar o empreendedorismo brasileiro em Mônaco, em junho/2010.

Marcelo é também padroeiro de times de futebol. Vejam: a ALE patrocinou o Flamengo no final do campeonato brasileiro em

2009. O time consagrou-se Campeão Brasileiro. Ajudou o Botafogo na conquista do campeonato carioca de 2006 e patrocinou o Vasco da Gama/RJ e o São Paulo/SP. O Vasco consagrou-se campeão da Copa Brasil 2011.

MINHAS AMIGAS, MEUS AMIGOS

Agora é a vez do Pedro Alcântara Rego, a lenda de São Miguel. O que ouvi de Galeno e José Gaudêncio, meus sobrinhos, sobre o tão falado Pedrinho, presidente do Grupo Três Corações, é coisa de ficar com a boca aberta. De tanto sucesso. A história pode ser assim resumida: "um pequeno negócio de café, tocado por João Alves de Lima, pai do Pedro, em São Miguel/RN, se transformou em um empreendimento que irá faturar este ano R\$ 3,5 bilhões".

A propósito, há algo de especial nas duas serras dos confins do nosso Estado: Luis Gomes e São Miguel. Não por acaso, estão aqui e saíram de lá dois dos maiores empresários brasileiros. Sua origem comum é a tromba do elefante, lá no extremo oeste do Estado. João e Pedro, qual o segredo que aquele torrão guarda? Que tesouro está escondido naqueles extremos?

Registro informações de matéria recente sobre Pedro. De São Miguel saiu a semente que floresceu e deu origem ao Grupo 3 Corações. Pedro recebeu do pai, João Alves de Lima, "um empreendedor inventivo", segundo ele, a bagagem inicial para a grande jornada a que hoje se dedica. Tudo começou com pequenos negócios - cultivo de café, fábrica de sabão'. A mãe, a voz da razão, não acreditava muito naquele negócio de café. Insistia: "Pedro, você precisa estudar, trabalhar e ser gente."

Entrou no curso de Agronomia, da Universidade de Mossoró, (que terrinha quente), mas depois de dois anos e meio, saiu para fazer o que gostava: batalhar no comércio. Voltou a São Miguel. Ajudou a impulsionar o negócio do pai que, em 1985, processava 100 kg de café por mês. Assumiu o comando. Hoje, após fusões e aquisições, o Grupo é uma história de sucesso.

Como se deu o extraordinário salto? Começando por ajustar o nome do café, que se chamava Nossa Senhora de Fátima, Homenagem à mãe, católica fervorosa? Na agência de publicidade, recebeu o conselho: o nome é grande. Escolha um menor. "Santa Clara". Ou seja, mudou o nome, mas não a ligação com o Céu. Tornou-se líder no Nordeste, depois de adquirir o café Kimimo, em 1997.

A mesa de negociações sempre esteve presente no dia a dia de Pedro Lima. Ali se discutem fusões, aquisições, expansão, fronteiras negociais. A primeira tentativa de fusão se deu com a Damasco, em 1998. Sem acordo. Pedro faturava e lucrava mais. Não aceitou. Em 1999, a família Tavares vendeu a 3 Corações para a israelense Strauss, e esta acabou conseguindo uma fusão com o grupo Santa Clara.

No Sudeste, ganhou posições com a compra da Pimpinela, em 2003. Dois anos depois, em 2005, a *joint venture* realizada entre a São Miguel Holding, empresa da família, e a israelense Strauss firmou-se e a marca 3 Corações rebatizou o Grupo. Negócio fechado, meio a meio. 10 anos de parceria bem sucedida.

E lições de sabedoria, como se percebe nesse que poderia se chamar Manual do Empreendedor, de autoria de Pedro Lima, aos 52 anos:

- "A união precisa ser um negócio sadio para ambas as partes".
- Saiba fazer parcerias sem se tornar refém:
- Concentre-se em um negócio só, e um do qual você goste
- "O empreendedor precisa entender sua origem, o DNA da sua família".
- "Nós não somos galetos que não sabem de onde vêm nem para onde vão"
 - Aprenda a cultivar laços
- A palavra mais moderna e que muita gente esquece é confiança. Aprendi a cativar as pessoas, a atender expectativas de quem se relacionava comigo e também ser transparente.
 - Não se envolva em negócios fora do que você sabe fazer.

- Você precisa conhecer o tipo de negócio com o qual trabalha
- "Não adianta querer abraçar o mundo, o abraço fica frouxo, você tem que abraçar com vontade."
- Você vai gastar sua vida toda com o negócio. Por isso, você tem que selecionar bem o que você quer. Pensa no que vai ser sua empresa daqui a 5 anos. Será que ela tem longevidade?
 - Empresa sem empreendedores não vai para frente

E o futuro, Pedro Lima?

- "A gente nunca vai deixar de tomar café na xícara e pela boca, mas vamos prepará-lo de várias outras formas".

O Grupo prepara-se para investir na expansão pela América do Sul, lançar novos cafés especiais e tipos de cápsulas. E está prestes a adquirir a marca Toko, de Juiz de Fora(MG).

SENHORAS E SENHORES

Flávio Rocha. Chegou seu momento.

Abro o capítulo do Flávio com minhas ênfases:

- Trata-se do mais corajoso empresário brasileiro da nova geração.
- Não é empresário que vive na moita. Dá as caras para bater e enfrenta com galhardia as batalhas contra o Estado paquidérmico e burocrático.
 - E uma das melhores cabeças pensantes do empresariado brasileiro.

Dito isto, conheçamos um pouco o personagem.

Flávio Gurgel Rocha, recifense, é um potiguar de coração. Mas seu pai, Nevaldo Rocha, é de Caraúbas, também na região Oeste. Que região de multiplicadores, hein, Diogenes?

É o principal dirigente- CEO – do Grupo Guararapes, que abarca as Lojas Riachuelo, a financeira Midway, o Midway Shopping Center e a Transportadora Casa Verde. É o maior conglomerado de moda do Brasil e um dos 15 maiores empregadores com 40 mil colaboradores diretos.

Nos primeiros meses deste ano, o Grupo lucrou 110,57 milhões de reais, ante 11,05 milhões de reais no mesmo período de 2016. Desempenho influenciado por alguns fatores como aumento de 4% nas vendas em mesmas lojas, o crescimento da margem bruta em quase 2 pontos percentuais e o controle de despesas operacionais. O Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) atingiu 271,6 milhões de reais nos primeiros três meses do ano, aumento de 226% ante igual período de 2016. A receita líquida chegou a 1,269 bilhão de reais, montante 4,6% mais alto que o dos mesmos meses do ano anterior.

Flávio começou a trabalhar no Grupo muito cedo. No início dos anos 80, fundou sua primeira empresa, a Jeans Pool. Em 1982, aos 24 anos, ele sugeriu à família apostar uma parte considerável da verba de marketing do grupo no patrocínio de uma jovem promessa do automobilismo. Assim a marca Pool, lançada por ele e focada nos jovens, foi parar no carro e no macacão de Ayrton Senna, que corria na Fórmula 3.

Conheci Flávio em 1986 por ocasião de sua campanha de deputado federal. Cheguei a ajudá-lo na área do marketing. Era um aficionado por novas tecnologias e inovações, eis que, naquela época, manejava as mais avançadas máquinas de brincar, as primeiras maquininhas na área das comunicações eletrônicas. Imaginei que logo, logo, iriam servir de suporte ao Grupo para inserção total na área das novas tecnologias. Quem quiser constatar esse fato, basta verificar uma gôndola de qualquer loja Riachuelo. Ali não falta um produto sequer do Grupo, bem como não há acúmulo de peças. Cada peça vendida é imediatamente reposta. A rede está totalmente sob os olhos e o controle da eletrônica.

Flávio exerceu por duas legislaturas o mandato de deputado federal, tendo sido autor da emenda constitucional do Imposto Único e candidato a Presidente da República pelo Partido Liberal em 1994. Grande admirador das ideias de Roberto Campos, tornou-se defensor do Livre Mercado, da Democracia e do Estado Mínimo, conforme se viu, recentemente, no programa Roda Viva, da TV Cultura, onde defendeu com vigor o ideário liberal.

Cursou a Fundação Getúlio Vargas, onde se formou em administração, e fez cursos na Harvard Business School.

Fundou e presidiu o IDV (Instituto de Desenvolvimento do Varejo), sendo, atualmente, conselheiro da instituição. Já ganhou os títulos de melhor CEO do Varejo pela Forbes Brasil, Empreendedor do Ano pela revista Dinheiro e um dos 100 mais Influentes do País (Forbes e Época). Faz parte da lista dos 500 mais influentes da indústria da Moda mundial da publicação BoF (Business of Fashion). O empresário também participa de conselhos da FIESP, do IEDI e de diversos órgãos setoriais para desenvolvimento do varejo e da indústria.

Seu arrojo, porém, se fez notar em complexa e desafiadora tarefa: a de convencer a família e os executivos do grupo a dar uma guinada radical no modelo de negócio da cadeia varejista de moda. A inspiração surgiu em 2007, após encontro com o bilionário espanhol Amancio Ortega, dono do grupo Inditex, controlador da Zara.

A partir desse encontro, Flávio decidiu colocar em prática, de uma forma ainda mais agressiva, o conceito do fast-fashion, responsável por uma verdadeira revolução global no varejo de moda, especialmente no caso das empresas que atuam com as faixas intermediárias da pirâmide de consumo, como é o caso da Riachuelo.

No comando das Lojas Riachuelo, elevou a bandeira da democratização da moda, criando o fast-fashion nacional e fechando parcerias com grifes brasileiras e internacionais, como Versace, Karl Lagerfeld e Osklen.

Entre as figuras que Flávio admira, uma ganha especial admiração: Steve Jobs, com sua estratégia de gestão horizontal, unindo indústria, varejo e financiamento.

Como um dos 500 mais influentes do Linkedin ao redor do mundo, compartilhando temas sobre moda, empreendedorismo, gestão, carreira, políticas públicas e economia.

Recito pequenas Lições de seu Manual do Empreendedorismo:

"Quando falta crença na sabedoria suprema, no livre mercado, a propensão é pela hiper-regulamentação, uma característica do burocrata. Nesses últimos anos, o fechamento do cerco burocrático beira as raias do absurdo, com o Brasil frequentando posições humilhantes nos rankings de competitividade.

"O empresário do bem, que contribui para a eficiência de um país é o empresário de mercado, aquele que acorda de manhã e pensa: como faço para deixar a Dona Maria feliz? O de conluio pergunta: a quem eu devo entregar a propina para conseguir o contrato do Estado?"

"O empresário de conchavo é uma metástase perniciosa do inchaço do câncer estatal."

"A reforma trabalhista foi a mais importante conquista do trabalhador, que é quem mais sofre com a irracionalidade do ambiente de negócios e com a perda de competitividade."

"O que garante as conquistas não é a caneta pesada do regulador, e sim a prosperidade. O inimigo número 1 da prosperidade no Brasil é a irracionalidade das leis trabalhistas."

Flávio Rocha, jovem empresário, cabeça aberta, planta sementes de amizade por onde passa. Flávio tem a chave do futuro nas mãos. Quando as portas do Brasil se escancararem para a vitalidade do liberalismo moderno, ele estará lá acolhendo os que ficaram para trás e inspirando-os a colher vitórias.

Senhoras e Senhores, amigas e amigos

Peço desculpas por usar um verbo tão extenso. O desafio de homenagear 5 grandes figuras não é pequeno. Confesso que tive receio de economizar palavras para traduzir a importância e a grandeza de seu porte.

Grandeza que distingo na expressão de Bertold Brecht, quando diz que há Homens e Homens:

"Há homens que lutam um dia e são bons. Há outros que lutam um ano e são melhores. Há os que lutam muitos anos e são muito bons. Porém, há os que lutam toda a vida. Esses são os imprescindíveis."

Os nossos homenageados estão nessa categoria.

Quero dedicar palavras finais a uma convocação de ordem política. Tenho convicção de que o Brasil terá grande futuro.

Precisamos semear nossa cultura política com os valores da República: a ética, o respeito, a disciplina, a contenção de gastos, a diminuição do PNBC - Produto Nacional Bruto da Corrupção. Precisamos que o empresário assuma sua condição política, não necessariamente a identidade partidária. Mas a condição de cidadão com o compromisso de sair da toca, manifestar sua indignação contra as mazelas que consomem o sangue do Estado: as máfias, a burocracia, o gigantismo da máquina, o mandonismo, o grupismo, o fisiologismo, o nepotismo.

Vejo sinais que apontam para o fechamento do ciclo da velha política. A sociedade se organiza por meio de grupos, núcleos, setores, movimentos, enfim, emergem novos pólos de poder. Vejo um Brasil melhor nas páginas do Amanhã!

Minha última expressão é para os quatro Multiplicadores, João, Pedro, Marcelo e Flávio, selecionados por Diógenes da Cunha Lima para receber esta Homenagem.

Posso chamá-los de Semeadores, poeta?

Com sua permissão, Machado de Assis tem a melhor palavra para homenageá-los com sua poesia Os Semeadores.

"Vós os que hoje colheis, por esses campos largos, O doce fruto e a flor, Acaso esquecereis os ásperos e amargos Tempos do semeador?

Rude era o chão; agreste e longo aquele dia; Contudo, esses heróis Souberam resistir na afanosa porfia Aos temporais e aos sóis.

Poucos; mas a vontade os poucos multiplica, E a fé, e as orações Fizeram transformar a terra pobre em rica E os centos em milhões.

Entre bárbaras mãos, como se fora crime, Como se fora réu Quem lhe ensinara aquela ação pura e sublime De as levantar ao céu!

Ó Paulos do Sertão! Que dia e que batalha! Venceste-a; e podeis Entre as dobras dormir da secular mortalha; Vivereis, vivereis!"

MUITO OBRIGADO!

ANRL em dezembro de 2017

PATRONOS E ACADÊMICOS

Situação em novembro de 2017

Cadeira	Patrono(a)	Fundador(a)	Sucessores(as)
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Cláudio Emerenciano
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho Ernani Rosado Humberto Hermenegildo de Araújo
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Cunha Lima
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves. Cassiano Arruda Câmara
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima Luiz Alberto G. de Faria (eleito)
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas Roberto Lima
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo

12	Amaro Cavalcanti	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria Paulo Bezerra (vaga)
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto Eulália Duarte Barros
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antônio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto Lívio Oliveira
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluízio Alves, Ivan Maciel de Andrade
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	Dom Nivaldo Monte, Padre João Medeiros Filho
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mário Moacir Porto Dorian Jorge Freire, José Hermógenes Filho, Jarbas Martins
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady, Côn. José Mário de Medeiros
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Meneses, Jaime Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Faustino
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Meira Pires, João Wilson Mendes Melo

26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de	Diogenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Medeiros Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Sobrinho, Leide Câmara
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo, João Batista Machado
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Pery Lamartine, Carlos Gomes
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga (eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros, José Augusto Delgado
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

__|



Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e Pólen Bold 90g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em dezembro/2017.

www.offsetgrafica.com.br